

COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO
VIOLAÇÕES DOS DIREITOS HUMANOS NAS FACULDADES
PAULISTAS

PRESIDENTE

DEPUTADO ADRIANO DIOGO – PT

10/02/2015

CPI

VIOLAÇÕES DOS DIREITOS HUMANOS NAS FACULDADES PAULISTAS

BK CONSULTORIA E SERVIÇOS LTDA.

10/02/2015

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – CPI das Violações dos direitos humanos nas Faculdades Paulistas. Convoco, nos termos regimentais, as senhoras deputadas e os senhores deputados abaixo relacionados. Dilador Borges, Sarah Munhoz, José Bittencourt, Marco Aurélio de Souza, Adriano Diogo, na presidência. Comissão Parlamentar de Inquérito constituída pelo Ato nº 56 com a finalidade, mediante requerimento 2423/2014, com a finalidade de investigar as violações de direitos humanos e demais ilegalidades ocorridas no âmbito das Universidades do Estado de São Paulo, nos chamados trotes, festas e no seu cotidiano acadêmico. Havendo número regimental, declaro aberta a 20ª reunião da Comissão Parlamentar de Inquérito constituída pelo Ato nº 56/2014 com a finalidade de investigar as violações de direitos humanos e demais ilegalidades ocorridas no âmbito das Universidades do Estado de São Paulo, ocorridas nos trotes, festas e no seu cotidiano acadêmico. Registro, com muito prazer, a presença da deputada Sarah Munhoz, do deputado José Bittencourt, deputado Dilador Borges e deputado Marco Aurélio de Souza. Eu passo ao senhor secretário que faça a leitura da ata da reunião anterior. Com a palavra, o deputado Bittencourt.

O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD – Pela ordem, presidente, só para dispensar a leitura da ata da reunião anterior, com a aquiescência dos demais pares aqui presentes.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – É regimental o pedido de Vossa Excelência, acatada a dispensa da leitura da ata anterior. Requerimentos. Eu passo a presidência da Comissão à vice-presidente deputada Sarah Munhoz porque farei dos requerimentos, o primeiro de inclusão na pauta dos requerimentos e depois no mérito. Primeira solicitação de inclusão na pauta, solicito, através de requerimento oral ou verbal, a

convocação da diretoria da Federação das Atléticas de Medicina do Estado de São Paulo. Segundo, solicito, da Federação das Atléticas de Medicina do Estado de São Paulo, a prestação de contas dos últimos cinco anos, contendo balancete assinado por contador e toda documentação contábil de movimentação financeira da Federação das Atléticas de Medicina do Estado de São Paulo. Terceiro, convocação do diretor da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, escola pública de São José do Rio Preto, do sistema estadual de ensino universitário, o diretor da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto. Ainda incluo e reitero um quarto requerimento, o presidente do Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e o presidente da Atlética de Ribeirão Preto. O presidente do Centro Acadêmico da atual diretoria e da anterior, e o presidente da Atlética da atual diretoria e da anterior.

Então, eu solicito aos deputados que façam a admissibilidade da inclusão na pauta, nesta terça-feira, onde temos o quórum para a aprovação de requerimentos, da inclusão desses requerimentos. Voltando a recapitular. Existe no Estado de São Paulo uma Liga das Atléticas que promovem os jogos.

O SR. – A Liga é essa federação.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – É essa federação.

O SR. – Ela tem personalidade jurídica?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tem CNPJ, tem tudo.

O SR. – Ok, ok.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tem escritório. Essa Liga promove as Calomed, que são as Olimpíadas dos Calouros, as Intermed, e outras atividades entre faculdades e universidades, ela é um pool, ela é um pool permanente. As Atléticas são transitórias, mas essa Liga, que coordena todas as atividades esportivas do Estado de São Paulo, tem uma personalidade jurídica. Ora ela se chama Liga, ora ela se chama Federação das Atléticas. Então, existe uma Liga das Atléticas das Faculdades de Medicina do Estado de São Paulo, esse é o primeiro requerimento.

O outro é a convocação do diretor da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, onde reiteradamente tem ocorrido... Eu queria avisar os deputados, fazer um convite, uma convocação aos deputados, principalmente os deputados da área do Direito, da área acadêmica, mas a todos os depoimentos desta Casa, amanhã deputado Bittencourt, deputado Dilador, deputado Marco Aurélio e deputada Sarah, amanhã haverá uma sessão especial nesta CPI, em conjunto com a OAB São Paulo, onde a OAB São Paulo, na presença do seu presidente e do coordenador do Grupo de Trabalho sobre os trotes, fará uma sessão especial sobre o levantamento que a OAB fez sobre os trotes no Estado de São Paulo. E, na presença do seu presidente, a OAB trará o apoio a esta CPI. Está convidado também para essa sessão o delegado geral de polícia, Dr. Youssef. Então, amanhã a CPI fará uma sessão especial com a OAB.

O SR. – Qual o horário, presidente?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Às 14 horas.

O SR. – Aqui neste mesmo plenário?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não, acredito que vai ser no Paulo Kobayashi.

O SR. – Ok.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então, uma sessão especial da OAB, com a presença do delegado geral. Na quinta-feira, o procurador-geral de Justiça estará na Casa às 13h30. Ele nos receberá para tratar desse assunto às 13h15, ele vem gravar um programa e ele marcou uma audiência conosco para tratar dos assuntos da CPI. Ele nos receberá na quinta entre 13h15 e 13h30, por 15 minutos, numa reunião fechada para tratarmos desses assuntos, e depois ele vai nos receber no gabinete, numa agenda previamente preparada que eu vou divulgar, tá bom? Mas, então, amanhã é uma data muito especial porque a OAB São Paulo, na figura do seu presidente, virá a esta CPI trazer todo o levantamento da OAB São Paulo. Com a palavra, o deputado Marco Aurélio.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Senhor presidente, eu lembro que antes da CPI, nós tivemos em algumas audiências públicas a presença da promotora. E eu queria sugerir a Vossa Excelência que ela fosse convidada para amanhã.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Toda a relação com a promotoria agora vai ser feita através do procurador geral, essa é a orientação. Eu vou convidá-la, mas quinta-feira, inclusive, vai vir Ribeirão Preto, e nós vamos pedir autorização para o procurador geral de Justiça que o promotor de Ribeirão Preto, que está acompanhando a Medicina em Ribeirão Preto, possa acompanhar a audiência. Mas, a orientação que nós recebemos no gabinete é que toda a vinda de procuradores, promotores, tem que ser acompanhada do procurador geral, ele vai fazer a designação.

Bom, então vamos voltar aos requerimentos. Deputada Sarah Munhoz, são requerimentos verbais, que eu reitero para a senhora para poder aprovar.

O SR. JOSÉ BITTENCOUT – Pela ordem, presidente.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Pela ordem, deputado Bittencourt.

O SR. JOSÉ BITTENCOUT – Eu gostaria, só para contribuir com o encaminhamento de Vossa Excelência, que esses requerimentos, evidentemente postos agora verbalmente, sejam formalizados, mesmo que após a nossa deliberação, sejam formalizados para que sejam encartados aos autos como um procedimento, no meu entender, mais firme, que sejam formalizados esses requerimentos, a primeira observação. A segunda, presidente e demais colegas, a convocação da diretoria da associação, da Liga, eu não sei, Vossa Excelência, qual é a estratégia. Uma diretoria tem sete membros, tem nove membros, tem 11 membros. Se Vossa Excelência quer ouvir esses membros, o que de fato, juridicamente, representa a Liga, judicial e extra-judicialmente.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O presidente e o tesoureiro.

O SR. JOSÉ BITTENCOUT – É, então seria não a diretoria completa, mas só o presidente e o tesoureiro, né? Ok. Seria essa observação inicial, presidente.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – É totalmente cabível e pertinente. Evidente que como o quórum para a aprovação de requerimentos ocorre às

terças-feiras e havia uma necessidade de aprovar, eu estou fazendo a sugestão oral que tudo será documentado e aí os gabinetes vão...

O SR. JOSÉ BITTENCOUT – E publicado, né?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E publicado. Não haverá valor, eu até me comprometo com o senhor da seguinte forma, não haverá valor essa aprovação se não for publicado no Diário Oficial com a anuência de todos os deputados aqui presentes.

O SR. JOSÉ BITTENCOUT – E a designação dos nomes, né? O registro dos nomes que Vossa Excelência faz menção aqui. Por exemplo, a gente delibera sobre a convocação da diretoria da Liga, presidente e tesoureiro. Quando da publicação desse requerimento consignará, então, o nome dessas duas pessoas. Daí para frente também. A questão que Vossa Excelência faz do requerimento da prestação de contas dos últimos cinco anos com os detalhes necessários. Vossa Excelência fez alusão ao balanço, essas coisas que são de praxe no mundo contábil.

A convocação do diretor da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, que também esse requerimento sendo publicado consigne-se o nome desse diretor para estar aqui presente.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O diretor já foi convidado uma dezena de vezes, então agora nós temos que transformar o convite em convocação, esse é o motivo.

O SR. JOSÉ BITTENCOUT – Ah, ta. Então, é uma convocação que Vossa Excelência está...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Uma convocação.

O SR. JOSÉ BITTENCOUT – Ok.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Porque os casos não param de se suceder. Porque o vestibular de Rio Preto era unificado com a Unicamp.

O SR. JOSÉ BITTENCOUT – Deputado, Adriano, desculpe estar insistindo, é só para contribuir com o procedimento e, evidentemente, a grande preocupação neste processo investigatório é não fazer nada fora do devido processo legal e do contraditório ou um outro comando legal, para não abrir brecha para eventual nulificação e arguição de nulidade posteriormente. Se esse diretor já foi convidado formalmente para estar presente, eu expediria um ato coercitivo, uma convocação já com deliberação coercitiva para ele comparecer a este colegiado.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vamos fazer a gradação, vamos fazer a gradação. Vamos lá, vamos fazer gradativamente. Deputada.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Boa tarde a todos os deputados presentes. Está sobre a mesa a solicitação verbal do deputado Adriano Diogo para que seja expedida e aprovada uma solicitação de inclusão dentro da pauta os seguintes assuntos: a solicitação

verbal da diretoria da Famesp, assim como prestação de contas. Em discussão. Não havendo oradores inscritos, aprovado.

Convocação do diretor da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto para prestar depoimento, considerando que o mesmo não atendeu às solicitações anteriormente feitas. Em discussão, aprovado.

Solicitação da presença do presidente dos Centros Acadêmicos e vice da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Em discussão, aprovado.

E a presença do presidente e vice-presidente da Atlética da mesma universidade para prestação de esclarecimentos. Em discussão, aprovado.

Fica aqui ressaltada a necessidade da transformação das petições em documentação concreta e que a validade das proposituras aqui apresentadas e aprovadas somente ocorrerão após publicação no Diário Oficial, mediante o detalhamento das pessoas, dos serviços e dos documentos solicitados. Em discussão, aprovado.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu queria reiterar à secretaria da Comissão que quinta-feira vai haver uma sessão específica sobre a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Então, é necessário dar mais celeridade a essas convocações da representação discente para ver se o depoimento do presidente do Centro Acadêmico e da Atlética de Ribeirão Preto ocorra simultaneamente com a presença do diretor da faculdade. Então, esse é um pedido que eu faço para nós tentarmos fazer a simultaneidade dos depoimentos dos alunos da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, viu, João? Porque esses meninos já haviam sido convocados, só não tinha sido apazado para ele vir. Agora, eles têm que vir e, se possível, virão com a direção da faculdade. Bom, podemos dar início ao nosso... Fala, João.

(Fala inaudível)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vamos começar, então?

O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD – Pela ordem, presidente.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Pela ordem, deputado Bittencourt.

O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD – Nós fomos instados, pelo menos eu e o deputado Marco Aurélio com o petítório aqui, assinado pelo Dr. João Daniel Rassi e Heitor Vitor Mendonça Sica fazendo algumas ponderações que eu acho de bom alvitre nós discutirmos esse requerimento e, evidentemente, no prazo cabível ouvir da procuradoria designada pela Casa para dar suporte, aos procuradores designados pela Casa para dar suporte técnico e jurídico a esta CPI, estabelecermos um prazo para depois, então, ouvir da procuradoria uma resposta jurídica, técnica a esta petição firmada por esses advogados, que, evidentemente, faz gestão a esta CPI em nome da Associação Cultural Show Medicina e Associação Atlética Acadêmica Oswaldo Cruz. Então, é em nome da entidade que eles se manifestam aqui, não tem nome de pessoas e, para isso, submeto à apreciação de Vossa Excelência.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu sugiro, antes de passar a palavra para a representação do escritório de advogado, a suspensão dos trabalhos para que nós possamos ouvir a procuradoria da Casa e, em seguida, daremos continuidade à sessão. A sessão está suspensa por cinco minutos.

(Sessão é suspensa)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Reaberta a sessão. Com a palavra, o deputado José Bittencourt.

O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD – Senhor presidente, aguardo o comando de Vossa Excelência quanto a esse requerimento.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – São dois requerimentos protocolados pela defesa, um relativo ao depoimento do Rodrigo Bolini, que era convidado para depor, que eu faço um outro requerimento que aprovemos a convocação de Rodrigo Bolini para vir depor. E outro são as respostas necessárias, que a procuradoria da casa vai expedir por escrito aos senhores advogados e aos depoentes aqui convidados. Com a palavra, o deputado José Bittencourt.

O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD – O senhor Rodrigo Bolini está presente? Só para checar. Não está presente?

(Fala inaudível)

O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD – Pedindo dispensa?

(Fala inaudível)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Esclarecendo, deputado Bittencourt. Eles compareceram, a sessão foi muita longa, aí eles pediram para se retirar e

pediram nova data. Nós concedemos a nova data, aí ele não compareceu na nova data, que é hoje.

O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD – Fica para a próxima sessão.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Fica para a próxima sessão.

O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD – Sem prejuízo, Vossa Excelência, de estabelecer e votarmos aqui a convocação. Vossa Excelência está correto.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então fica apurado para vir depor quinta-feira.

O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD – E como convocação.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Como convocação, vamos transformar o convite em convocação, vamos aprovar. Então, passo a palavra à deputada Sarah Munhoz para transformarmos o convite... Já é convocação? Ok. Não há necessidade, é automático.

O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD – E quanto á procuradoria, Excelência, o prazo que Vossa Excelência...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quarenta e oito horas.

O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD – Para a resposta desses requerimentos.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Exatamente.

O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD – Uma coisa que deve ser esclarecida aqui, deputado Adriano Diogo, ilustres advogados e procuradores presentes, é que nós estamos em fase não de oitiva de indiciados, não há essa formalização aqui. Nós estamos como que ouvindo por declaração, se é que podemos utilizar essa expressão do Código do Processo Penal. Nós estamos ouvindo por declaração as pessoas. Não há aqui uma presunção de culpa se estabelecendo, não existe isso. Nós estamos, portanto, presidente e demais colegas, na fase ouvir as pessoas que esta CPI, que tem poder judicante, e quem julgar interessante ouvi-las, nós ouviremos por declaração. O processo é uma segunda fase. E aí segue o curso da chamada persecução criminal, investigativa, melhor dizendo. Então, essa é a linha e não há por parte deste colegiado aqui buscar culpados e estar no caminho da caça às bruxas.

Evidentemente que quem deslizou em relação ao comando legal tem que responder pelos seus atos até os limites estabelecidos pela própria norma legal. Era essa observação, presidente, e vamos avante.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Antes de iniciar, eu queria dizer que eu recebi esse texto do senhor Rodrigo Bolini há alguns dias. Um texto que eu vou ler só na presença dele, um texto de oito páginas do senhor Rodrigo Bolini. Nesse texto ele sugeria que houvesse uma audiência privada, que ele fosse recebido numa audiência privada. Evidente que eu não vou ler esse texto agora, mas eu quero dizer para o senhor Rodrigo Bolini que ele não está sendo acusado de nada e que esses movimentos

protelatórios para comparecer só contam contra a situação. E nós vamos responder esse documento linha por linha, não temos problema nenhum.

Eu só não vou fazer a leitura desse extenso documento em respeito aos alunos, aos estudantes que aqui compareceram, já compareceram outro dia de forma respeitosa, estão aqui de novo para prestar depoimentos. Então, senhor Rodrigo Bolini, quinta-feira o senhor está convocado para vir depor. Tudo bem?

O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD – Presidente, só para concluir, e eu prometo que paro a minha fala.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Por favor, porque é o seguinte. Queria pedir uma coisa para todos os deputados. Como hoje nós temos número legal e há vários depoimentos importantes, nós queremos fazê-los na forma de juramento.

O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD – Sem dúvida. Só dizer aos ilustres advogados interessados que estão aqui presentes que têm toda a liberdade de ter acesso aos autos. É só procurar o presidente, que encaminha para a secretaria da Comissão, os autos estão aqui, inclusive, estou vendo, e com exceção da coleta de depoimentos com base no sigilo, evidentemente, as demais páginas e pautas, inclusive, a taquigrafia. Eu queria até pedir a Vossa Excelência que a taquigrafia tenha um pouco mais de...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Celeridade.

O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD – Celeridade. Para juntar aos autos os depoimentos já colhidos, com exceção dos reservados. E os ilustres advogados poderão ter acesso a esses depoimentos e às folhas.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Primeiro depoente, Leonardo Turra. Leonardo, você é de Bauru?

O SR. LEONARDO TURRA – Eu sou.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Leonardo, o senhor foi convocado a comparecer nesta Comissão Parlamentar de Inquérito constituída pelo Ato nº 56/2014 com a finalidade de investigar as violações de direitos humanos e demais ilegalidades ocorridas no âmbito das Universidades do Estado de São Paulo, nos chamados trotes e no seu cotidiano acadêmico. E, como testemunha, com fundamento no art. 213 e 218, ambos do Código de Processo Penal, combinado com o § 2º, do art. 13, da Constituição do Estado, e art. 3º, da Lei Estadual n. 11.124, de 10 de abril de 2002, bem como demais normas constitucionais e infraconstitucionais aplicáveis à espécie, cumprenos adverti-lo que deve dizer a verdade, não podendo fazer afirmação falsa, calar ou negar a verdade a respeito dos fatos de seu conhecimento por incorrer no crime previsto no art. 4º, II, da Lei Federal n. 1.579, de 18 de março de 1952.

Responda: nome completo.

O SR. LEONARDO TURRA – Leonardo Bicarato Turra.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Idade.

O SR. LEONARDO TURRA – 21 anos.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Estado civil.

O SR. LEONARDO TURRA – Solteiro.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Residência.

O SR. LEONARDO TURRA – Rua Arruda Alvim, 297.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Profissão.

O SR. LEONARDO TURRA – Estudante.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Local de trabalho, empresa, órgão público ou local de estudo.

O SR. LEONARDO TURRA – Faculdade de Medicina da USP.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Endereço do trabalho ou do local de estudo.

O SR. LEONARDO TURRA – Acho que é Avenida Doutor Arnaldo, 455.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tem grau de parentesco com alguma das partes, algum deputado, alguma vítima?

O SR. LEONARDO TURRA – Não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quais são as suas relações com qualquer das partes? Não há necessidade. Peço a Vossa Senhoria a gentileza de relatar o que souber, explicando sempre as razões de ciência ou as circunstâncias pelas quais possa avaliar-se de sua credibilidade. Leia esse textinho, por favor.

O SR. LEONARDO TURRA – Sob minha palavra de honra, prometo dizer a verdade do que souber e me for perguntado relacionado com a investigação a cargo desta Comissão Parlamentar de Inquérito.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O senhor está em que ano da faculdade, senhor Leonardo?

O SR. LEONARDO TURRA – Eu estou no quarto ano.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Senhor Leonardo, o senhor participou da pichação do túnel, por ocasião do Show Medicina?

O SR. LEONARDO TURRA – Não. O ato de pintar o túnel, que aconteceu o ano passado, foi depois de eu ter saído do Show. Eu não levei o Show ano passado inteiro por motivos pessoais.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ta. Então, ou o senhor não entendeu a pergunta ou o senhor teve dificuldade de respondê-la. Vamos abrir a página do seu Facebook, por favor. Vamos pôr a página do Facebook do depoente. O senhor reconhece as fotos contidas nesta página?

O SR. LEONARDO TURRA – Sim.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – São do seu Facebook?

O SR. LEONARDO TURRA – Sim.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então, vamos lá, desde o início, mostrando todas as fotos, o grupo, vamos lá. Você pode descrever, depois que a gente mostrar todas as fotos, do que se trata?

O SR. LEONARDO TURRA – Isso foi em 2012 e faz parte da divulgação do Show Medicina, é um ato que ocorria há uns 20, 30 anos, pelo que eu sei, e é o que eu sei. Eu fui junto com todo mundo e a gente fez a divulgação.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O senhor participou dessa pintura, dessas assinaturas no asfalto, tudo isso?

O SR. LEONARDO TURRA – Eu não me lembro exatamente o que eu fiz da pintura, qual foi a minha participação nela, eu estava junto no dia.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quem são essas pessoas que estão com o senhor nessa foto?

O SR. LEONARDO TURRA – São integrantes do Show Medicina.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Essa pichação é autorizada? Essas são as assinaturas, né? Os senhores assinam. Esse é você cobrindo o grafite lá?

O SR. LEONARDO TURRA – Pichações que tinha antes, o grafite oficial que teve foi em 2014.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ah, antigamente era pichação, agora é grafite, entendi. Deputada, a senhora quer perguntar? Fique à vontade.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – A pergunta foi se o senhor tinha participado da pichação do túnel. Aí, o senhor disse o seguinte: não, quando começou a pintura do túnel eu já tinha ido embora. E essa foto é quando e como? Desculpa, só para eu me localizar.

O SR. LEONARDO TURRA – Desculpa, quando você fez a pergunta inicialmente, o deputado, eu achei que estava se referindo ao ano passado, que tinha um grafite autorizado pela prefeitura e teve uma pequena confusão com isso. Essas fotos são de 2012.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – E nessas o senhor participou.

O SR. LEONARDO TURRA – Nessas eu estava presente.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Perfeito, obrigada.

O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD – Pela ordem, presidente.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Pela ordem, deputado Bittencourt.

O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD – É importante a gente ponderar que Vossa Senhoria está sob compromisso e não pode mentir. Bem colocadas as ponderações da deputada Sarah. Eu só gostaria de saber o significado daquela caveira. Se isso é publicidade, como você diz, para o Show, que publicidade é essa? O que significa essa publicidade com essa caveira, que diabo é isso, meu filho?

O SR. LEONARDO TURRA – O símbolo da Faculdade de Medicina em várias faculdades é uma caveira. Esse símbolo é o símbolo do Show Medicina, eu não sei quando ele surgiu, mas eu digo seguramente que faz muito, muito tempo, mais de 40, 50 anos. Então, eu não sei o que significa a cartola, o cigarro, a gravata, mas é o símbolo do Show Medicina.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Eu achava que era um tuberculoso morto por ter fumado. Só uma perguntinha. Em 2014 o senhor disse que não participou. Por favor, eu gostaria de ver a foto onde aparece a propaganda do 70º encontro do Show Medicina. Quando ocorreu esse Show?

O SR. LEONARDO TURRA – Em 2012.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Em 2012. Então, o senhor participou dessa pichação, certo?

O SR. LEONARDO TURRA – Eu estava presente nesse dia em 2012.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Perfeito. Agora eu gostaria de entender se eu me equivoquei. O senhor disse que tinha uma autorização da prefeitura, é nessa?

O SR. LEONARDO TURRA – Eu não disse que tinha uma autorização da prefeitura, eu disse que antes do mural pintado, havia grafites não autorizados pela prefeitura, até onde eu sei.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Eu não entendi isso, eu gostaria de rever essa frase. Porque, na minha cabeça, eu estou muito tranquila, eu estou te ouvindo com tranquilidade, e a impressão que me deu é que, não sei se nessa, por isso que foi feita a pergunta numa próxima, havia autorização da prefeitura para que essa situação ocorresse.

O SR. LEONARDO TURRA – Desculpa, eu não sei, eu não sou responsável pela divulgação. Esse é um ato que vão vários membros do Show Medicina, não é organizado por todos os membros, mas...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Você estava a título de convidado?

O SR. LEONARDO TURRA – É, convidado.

O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD – Leonardo, essa propaganda que você fala, essa publicidade desse Show traz em si, ela tem natureza de incitar a violência. Porque o foco desta CPI é justamente esse, de buscarmos a questão da violação de direitos humanos. Você, no seu entendimento, esse tipo de publicidade, que você diz que é publicidade, carrega em si algum tipo de incitação à violência, para ser praticada a violência do Show que seria posteriormente realizado?

O SR. LEONARDO TURRA – De forma alguma, isso é uma divulgação. O Show Medicina é uma apresentação cultural, realizada pelos estudantes de medicina da USP e ela é aberta a todos que quiserem assistir. Ela visa fazer críticas em um tom jocoso do meio universitário. E é uma confraternização num ambiente totalmente amigável e nisso a gente está convidando pessoas de fora para poder assistir.

O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD – Você entende que esse tipo de pichação é ilícito?

O SR. LEONARDO TURRA – Que eu saiba, não.

O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD – Pichar monumentos públicos, vias públicas, você acha que é ilícito isso?

O SR. LEONARDO TURRA – Eu não sei.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você está vendo os grafites que vocês cobriram?

O SR. LEONARDO TURRA – Desculpa, não estou vendo onde.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Põe a foto dele mesmo cobrindo o grafite, vamos ver se ele recorda. Essa daí, está vendo aí que você está pintando de preto, em cima de uma obra de arte que você está sobrepondo, ou não? Pelo menos, responda isso.

O SR. LEONARDO TURRA – Eu não lembro o que era artes, se era um grafite artístico, se era uma pichação feita sem autorização nenhuma, o que era antes eu não sei.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Isso aí que você está cobrindo, está vendo?

O SR. LEONARDO TURRA – Estou vendo alguns desenhos, não sei o que é.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você sabe qual é a pior coisa de um depoimento? A pior coisa de um depoimento é a pessoa...

(Inaudível)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vou conceder a palavra, o senhor não vai interromper a minha fala, eu vou terminar a minha fala. Eu vou lhe conceder. Eu vou me dirigir ao depoente e vou lhe dar a palavra a hora que for necessário, assim que eu terminar, o senhor não vai me interromper. A sessão está suspensa.

O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD – Deputado Adriano, me deixa fazer uma colocação.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – A sessão está reaberta.

O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD – Eu acho importante, num caso desse, doutor, se quiser ficar ao lado do seu... Eu presidi quatro CPIs aqui nesta Casa, e se o

advogado, no caso de depoimento, quiser ficar ao lado do seu cliente tem todo o direito de ficar ao lado do seu cliente, mas não interferir, evidentemente, em fala do presidente. É claro que pode, eventualmente, fazer algum tipo de orientação ao seu cliente. Como disse, nós não estamos na fase de investigação.

(Inaudível)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu não lhe concedi a palavra ainda, por favor.

(Inaudível)

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Eu gostaria de saber o que o senhor considerou ato de abuso.

O SR. – (Fora do microfone)... Como aconteceu nas sessões anteriores em que depoentes foram chamados de mentirosos, assassinos profissionais ou que vieram para ironizar a CPI. De forma alguma, todos estão numa situação para colaborar com a CPI com o máximo respeito, com a máxima consideração.

O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD – Deputado Adriano Diogo, Vossa Excelência preside os trabalhos, eu sugiro que se o ilustre advogado quiser ficar ao lado do seu cliente poderá, mas não interferir no comando de Vossa Excelência. Se Vossa Excelência julgar que está havendo... Se Vossa Excelência fizer alguma consideração a

respeito do depoimento, não vejo nenhum tipo de dificuldade. Vossa Excelência está presidindo os trabalhos.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – De forma respeitosa, de forma respeitosa.

O SR. JOSÉ BITTENCOURT – PSD – O advogado pode, ao lado do cliente, dar alguma orientação, até dizer para o cliente: não responda essa, responda aquela. Dar uma orientação necessária. Desculpa, presidente, eu vou ao Colégio de Líderes.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Turra, os seus pais são médicos?

O SR. – Não ficou claro se eu sento ao lado dele.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O senhor pode sentar. Os seus pais são médicos?

O SR. LEONARDO TURRA – Eles são.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Os dois?

O SR. LEONARDO TURRA – Os dois.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Como é o nome do teu pai?

O SR. LEONARDO TURRA – Claudir.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Fala o nome completo.

O SR. LEONARDO TURRA – Claudir Turra Junior.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – São médicos em Bauru?

O SR. LEONARDO TURRA – São médicos em Bauru.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Como é o nome de sua mãe?

O SR. LEONARDO TURRA – Lucineri Maria Bicarato Turra.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – São médicos em Bauru?

O SR. LEONARDO TURRA – São médicos em Bauru.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Muito bem, vamos voltar a imagem. Eu vou te fazer uma consideração. Esses grafites são obras de arte. Esses moços, para pintar os seus grafites pedem autorização. Grafiteiro que não pede autorização prévia corre risco de vida, eles correm graves riscos. Então, eles são artistas. Ocorreu para vocês, em algum momento, solicitar autorização da subprefeitura, da prefeitura, para cobrir o trabalho artístico que eles haviam feito? Vocês entraram em contato com esses grafiteiros pedindo autorização?

O SR. LEONARDO TURRA – Eu não sei. Como eu disse anteriormente, eu não sou diretor, coordenador ou membro responsável por cuidar da parte da divulgação. Eu, como todos os outros membros, fui convidado a ir nesse dia ajudar. Eu não sei de autorizações, eu não sei da parte burocrática, desculpa.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Presidente, me permite?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Lógico, com a palavra.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Você falou que essa pichação feita é para efeito de uma divulgação do Show Medicina e o objetivo é para que todos que quiserem assistir possam assistir. Para eu entender, a partir do momento que é feito num espaço público, esse todos... O Show Medicina é aberto irrestritamente para qualquer pessoa que queira assistir?

O SR. LEONARDO TURRA – Pelo que eu saiba, é aberto sim?

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Independente de ser estudantes, negro, branco.

O SR. LEONARDO TURRA – Independente de qualquer coisa.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Não há cerceamento de ninguém para entrar para assistir o Show Medicina.

O SR. LEONARDO TURRA – Pelo que eu saiba, não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Só do sexo masculino ou as meninas podem assistir?

O SR. LEONARDO TURRA – Meninas, meninos, qualquer pessoa.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Um questionamento, por favor. Como você define o Show Medicina?

O SR. LEONARDO TURRA – O Show Medicina é uma peça teatral organizada por alunos de medicina. Portanto, não é um teatro profissional. Ela tem um tom jocoso, de fazer comédia, para criticar atitudes que a gente vê dentro da faculdade.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Em média, quantos mil participantes vão nesse Show Medicina?

O SR. LEONARDO TURRA – Eu acho que não chega a milhares. Acho que, contando as mulheres e os homens, chegam a 100 participantes por ano.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Para assistir?

O SR. LEONARDO TURRA – Para assistir, eu não sei exatamente a capacidade total do teatro, mas acho que beira a praticamente o dobro dela, pois muitas pessoas ficam em pé de tanto que enche o teatro.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Então, o senhor concorda que vocês abrem, sob tom jocoso, situações internas da universidade em que vocês deveriam resolver internamente para a toda a comunidade, é isso?

O SR. LEONARDO TURRA – Não só da faculdade. A gente critica todas as coisas que a gente vê ao longo do ano, que a gente acha que não estão corretas.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Mas então você concorda que algumas pessoas, em específico... Se forem situações gerais, eu entendi, porque isso aí faz parte até do humor negro da mídia. Agora, existem pessoas, pelos depoimentos que nós já ouvimos aqui, que são levadas em consideração e acabam expostas por vocês, concorda?

O SR. LEONARDO TURRA – Eu não concordo. O Show sempre tenta fazer tudo de forma genérica porque a nossa ideia não é criticar uma pessoa individual, mas sim atitudes.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Atitudes de pessoas que estão muito bem caracterizadas, segundo consta.

O SR. LEONARDO TURRA – Não, geralmente a gente não pega características individuais, pessoas individuais, pois não teria graça. As outras pessoas que estão assistindo não saberiam do que a gente está falando, então a gente pega atitudes que acontecem com frequência dentro da faculdade, que são mais conhecidas.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Sim, mas a plateia em geral ri de coisa que ela não conhece?

O SR. LEONARDO TURRA – Como a maior parte da plateia são alunos da faculdade, eles conhecem bastante as nossas piadas. Tem até um dia que é aberto para os pais. São dois dias de apresentação, um dia a gente convida os pais e nesse dia várias piadas que na apresentação para a faculdade são tidas como muito engraçadas não fazem o menor sentido para eles, pois eles não convivem no mesmo ambiente.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Porque eles têm vergonha de ter um filho num ambiente daquele, é isso?

O SR. LEONARDO TURRA – Não, não sei. Meus pais têm muito orgulho de eu estudar na Faculdade de Medicina da USP.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não, não, não. Não estou falando da Faculdade de Medicina da USP. Não vamos colocar a instituição no meio. Nós estamos falando do Show Medicina.

O SR. LEONARDO TURRA – Não, meus pais têm orgulho de eu fazer parte do Show Medicina, eles gostam bastante da peça.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não necessariamente todos, concorda?

O SR. LEONARDO TURRA – Não, não posso generalizar.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Turra, você pôs todas essas fotos na página do seu Facebook. Você tem orgulho, então, de ter feito essa pichação. Você era calouro, era do primeiro ano quando você fez essa convocação do Show ou você já estava no segundo ano?

O SR. LEONARDO TURRA – Eu era calouro.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Só uma pergunta, deputado, por favor. Essa roupa que vocês estão usando. Tem, olha, uma pessoa bem na frente, uma no meio e uma no fundo, em branco, uma cor clara, seja lá qual for. Da onde vem essa roupa?

O SR. LEONARDO TURRA – Eu não sei, a minha era uma roupa velha que eu tinha.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Dá para voltar à imagem dele, por favor? A sua roupa é velha, deixa eu ver as demais. Olha, essa roupa, por exemplo, tem o carimbo do FMUSP ali na perna direita, de quem está lá. É roupa cirúrgica isso.

O SR. LEONARDO TURRA – Eu não sei dizer se é roupa cirúrgica.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Como sempre, usando material público, que é de importância para o paciente, em situações desprezíveis. Era só isso que eu queria registrar.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Turra, como é que seus pais reagiram quando deu aquele problemão no SVO?

O SR. LEONARDO TURRA – Eles ficaram sabendo e perguntaram para mim o que aconteceu, eu expliquei, eles acreditaram em mim.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Bom, explica para nós porque lá na sindicância você não conseguiu explicar, nem naquele vídeo que a segurança da USP mandou, como é que você, filho de um casal de médicos, numa noite... Como é que

foi? Você saiu lá do prédio da faculdade, veio até a porta do SVO? Conta para nós o que aconteceu.

O SR. LEONARDO TURRA – Tem uma porta no primeiro andar da faculdade que a liga ao SVO.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E aí?

O SR. LEONARDO TURRA – Eu estava lá, num momento desequilibrei e nisso eu esbarrei na porta e ela foi aberta.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você se desequilibrou? Como é que é? Repete direitinho.

O SR. LEONARDO TURRA – É uma escada e no final dessa escada tem a porta, não existe um hall antes. Eu estava na escada, próximo à porta...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Mas, você vinha vindo da onde? Que condição... Como é que você (barulho com a boca: “pá”) põe o pé na porta do SVO e tenta arrombar a porta do SVO?

O SR. LEONARDO TURRA – Eu não tentei arrombar a porta do SVO. Foi um acidente, eu me desequilibrei.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Conta como é que foi. Você estava em condições normais, aí você escorregou e foi com o solado dentro da porta do necrotério da sua faculdade, explica para nós, por favor.

O SR. LEONARDO TURRA – Eu estava...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Explica como é que você escorregou e bateu na porta do Serviço de Verificação de Óbito.

O SR. LEONARDO TURRA – Eu estava num degrau da escada e não sei por que eu perdi o equilíbrio em algum momento, eu estava andando, só conversando no telefone e nisso eu desequilibrei. Daí, eu vi que ia cair da escada e para eu não cair tentei me apoiar em tudo que tinha próximo, nisso eu coloquei o pé para baixo, não levantei o pé alto nem nada. Coloquei o pé para baixo e o que tinha para eu apoiar o pé, para eu não cair para a frente, escada abaixo, era a porta. Só que, como era uma trava magnética parece, que é só lá em cima, não tem que mexer em fechadura nem nada, era bem frágil, daí só de eu apoiar o pé ela já abriu.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Que horas ocorreu?

O SR. LEONARDO TURRA – Foi à noite, eu não sei a hora exata.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Fala a hora por favor. Que horas ocorreu?

O SR. LEONARDO TURRA – Eu não sei a hora exata, foi depois das 20h.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você entrou na sala depois?

O SR. LEONARDO TURRA – Não, eu voltei um tempo depois.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quantos cadáveres havia na sala?

O SR. LEONARDO TURRA – Não sei, eu não entrei lá dentro. A hora que a porta abriu eu saí e voltei depois para procurar o responsável do SVO para explicar o que tinha acontecido e me propor a reparar os danos que eu tinha feito.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Foi de madrugada?

O SR. LEONARDO TURRA – Não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Que horas foi, por favor?

O SR. LEONARDO TURRA – Foi depois das 20h, é tudo o que eu posso dizer, eu não sei a hora exata.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Mas, você não sabe por quê? Você estava com algum problema de consciência, de saber a hora que aconteceu? O que você fez? Tomou alguma providência, chamou a direção da escola?

O SR. LEONARDO TURRA – De forma alguma, eu não estava com nenhuma alteração de consciência.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Chamou a segurança da faculdade?

O SR. LEONARDO TURRA – Eu procurei depois um responsável da SVO para falar o que tinha acontecido e me propor a reparar os danos, seja pagando o conserto da porta, ou seja, eu mesmo procurando alguém para consertar a porta. No dia seguinte, foi procurada a direção do SVO para explicar o que aconteceu e novamente se propor a reparar os danos.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Mas, você estava indo para onde quando estava nessa escada?

O SR. LEONARDO TURRA – Eu não estava indo para nenhum lugar, eu estava parado num dos corredores onde tem a sala da costura, onde ficam as meninas. Se eu não me engano, eu fui atender o celular e me afastei porque elas ficam conversando, é muito barulho, e é o corredor que fica na frente da sala delas. Eu fui para lá e fiquei falando no telefone. Aí nisso acho que eu me desequilibrei distraído com a conversa, foi um acidente.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu vou te ajudar, espera aí. Vamos pôr o documento do SVO na tela.

“São Paulo, 19 de setembro de 2013. Excelentíssimo senhor professor Dr. Giovanni Guido Cerri, Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Conforme relato, em anexo, feito pelo funcionário Edson Alves Moreira, chefe de uma das equipes técnicas de autópsia do período noturno do Serviço de Verificação de Óbito da Capital, da Universidade de São Paulo, um elemento estranho a esse serviço, identificado como sendo aluno da graduação da Faculdade de Medicina, arrombou a porta que comunica as dependências da Faculdade de Medicina com o SVO, inclusive quebrando o controle do sistema de acesso, no dia 16 de setembro de 2013, às 22h.

Devido à gravidade do ocorrido e como a suspensão recai sobre um integrante do corpo discente da Faculdade de Medicina, solicitamos as devidas providências no sentido que seja constituída uma comissão de sindicância para apurar a responsabilidade sobre o fato descrito acima. Aproveitar a oportunidade para externar meus sentimentos de estima e consideração. Assinado professor Dr. Carlos Augusto Pasqualucci, diretor do SVO.”

Esse é outro documento relativo ao assunto? É do mesmo caso. Vamos lá.

“Comunicado do senhor Aderval. No dia 16, às 22h, um jovem branco, de bermuda vermelha, estudante da Faculdade de Medicina da USP, estourou a porta de acesso da Faculdade para o SVO com um chute. Quando ele me viu, saiu correndo as escadas. Passando mais ou menos 10 minutos, um outro jovem desceu com uma lata de cerveja na mão querendo saber o que tinha acontecido. Alguns minutos depois, voltou com mais três jovens pedindo desculpas pelo amigo, que estava transtornado, o que era para nós acertarmos por aqui mesmo este incidente. Por volta de 23h, veio o responsável pela festa, Erikson Hoff, se desculpando e querendo saber do ocorrido. relatei o fato e orientei a procurar o administrador, senhor Aderval ou Pasqualucci. A porta ficou aberta, pois não dá para fechar com a chave”. Assinatura: Edson Alves Moreira, chefe de equipe.

Pois não, com a palavra, senhor Turra. Agora, lembrei os fatos.

O SR. LEONARDO TURRA – Desculpa, qual é a pergunta?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – A pergunta é sobre esses dois textos. O que o senhor tem a comentar?

O SR. LEONARDO TURRA – Eu não estava...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Completamente diferente do que o senhor relatou.

O SR. LEONARDO TURRA – Eu não estava transtornado, eu não sei qual é a origem desse termo no documento e de onde a pessoa que escreveu comentou isso porque ele nem sequer me viu, segundo o que está escrito aí.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Qual a motivação de dar um chute na porta do SVO?

O SR. LEONARDO TURRA – Nenhuma, foi um acidente.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Um acidente. Meu Deus. Deputada.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – E como o senhor refuta a associação desses fatos ao seu nome? Como o senhor acha que houve essa ligação desses fatos ao seu nome em específico?

O SR. LEONARDO TURRA – É porque em nenhum momento eu escondi que fui eu quem estava envolvido nesse acidente. Tanto que fui procurado, eu mesmo fui procurar o responsável para explicar o que aconteceu, ele explicou que tinha que abrir uma sindicância, porque é o regulamento, e essa sindicância está em curso, até onde eu saiba, na faculdade para averiguar.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quem presidiu essa sindicância?

O SR. LEONARDO TURRA – Eu acho que o sobrenome dele era Gallo, eu não conheço.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Um professor?

O SR. LEONARDO TURRA – Um professor.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – De sobrenome Gabo?

O SR. LEONARDO TURRA – Gallo, se eu não me engano.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ela está em curso, até onde eu saiba.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Esse incidente ocorreu durante o Show Medicina? Estava acontecendo o Show Medicina, é isso?

O SR. LEONARDO TURRA – Estava acontecendo o ensaio.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Ah, o ensaio.

O SR. LEONARDO TURRA – É.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Dia 16 de setembro. O Show Medicina... Você está no quarto ano, né?

O SR. LEONARDO TURRA – É.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Pegando aqui os anos anteriores. Como é que é a sua participação? Você entrou como calouro, depois você faz parte do grupo, participou no palco? Como é que é o histórico do Show Medicina e a sua participação nesses quatro anos?

O SR. LEONARDO TURRA – Desde que eu entrei no Show Medicina eu me apresentei no palco. A partir do 2º ano eu entrei para o balé, que é a parte da apresentação que eu faço parte, e eu fui diretor da sonoplastia. Eu ajudei a organizar a parte de sons que tinha nas apresentações.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Nós estamos em 2015. Em 2014, você participou também, então.

O SR. LEONARDO TURRA – Em 2014 eu não participei. Eu comecei a ir aos ensaios, daí surgiu outros compromissos, eu estava pensando em fazer intercâmbio, estava vendo outras coisas, eu não quis participar aquele ano.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – E os ensaios acontecem que horas?

O SR. LEONARDO TURRA – Começam às 20h.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – E vão até que horas?

O SR. LEONARDO TURRA – Até a gente ter ensaiado bastante, não tem um horário fixo para acabar. Tem dias que a gente está empolgado, está próximo da apresentação, que a gente ensaia madrugada adentro e tem dias que a gente acaba bem cedo. Não existe um horário definido.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – E para participar do Show Medicina tem discriminação de gênero, masculino e feminino?

O SR. LEONARDO TURRA – De forma alguma, homens e mulheres fazem parte do Show Medicina.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Mas mulheres participam no palco?

O SR. LEONARDO TURRA – As mulheres, historicamente, fazem parte da costura. Porque quando surgiu o Show Medicina há 73 anos, se não me engano, existiam muito poucas mulheres nas faculdades de medicina. Então, começou como um espetáculo de homens, era até parte da graça do espetáculo, do tom jocoso, os homens vestidos de mulheres, interpretando mulher, que é sempre um papel bem disputado. E as mulheres atualmente têm sido repensadas, discutido internamente, eu não tenho participado tanto que eu não estava ano passado, mas parece que tem sido discutido as mulheres começarem a participar mais e mais do palco.

Já tem casos, tipo, o sexto ano sempre grava um vídeo de homenagem à turma, onde eles fazem alguma história, alguma apresentação, e as mulheres participam desse vídeo, tem alguns quadros onde elas aparecem, mas, pelo que eu saiba, ainda está sendo discutido aumentar a participação das mulheres nas apresentações.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – A leitura que eu faço do seu depoimento é que você está muito tranquilo de que “eu entrei, eu quis participar do Show, participei, o ano passado não pude, não participei, me parece que você está indo nessa linha”. Agora, todas as pessoas que estão participando do Show Medicina, que participam no palco, elas participam de maneira também como você está descrevendo, de maneira livre, participa porque quer ou existe algum tipo de coercitividade para participar?

O SR. LEONARDO TURRA – De forma alguma existe coercitividade. É totalmente livre, participa quem quer. Inclusive, tem gente que quer papéis maiores e disputa, tipo, quem faz melhor, ganha o papel. E tem gente que não quer tanto participar, tem vergonha de palco e faz papéis mínimos ou às vezes nem quer apresentar, totalmente livre.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – E pode sair a hora que quiser?

O SR. LEONARDO TURRA – Pode, assim como eu saí ano passado. Até onde eu sei, eu posso voltar essa ano, se eu quiser.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Agora, no Show Medicina vocês fazem os ensaios, a apresentação é única? É uma apresentação só?

O SR. LEONARDO TURRA – São duas.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Vocês ensaiam, tudo, para duas apresentações. Pelo que eu entendi, quem se apresenta no palco são pessoas que se colocaram à disposição livremente para participar. E quem é o público são os estudantes?

O SR. LEONARDO TURRA – A maior parte são estudantes, mas tem bastante professores também, tem gente que vem de fora assistir, vários médicos já formados na faculdade.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – O Show, em si, que horário que acontece?

O SR. LEONARDO TURRA – A apresentação começa às 20h e demora em torno de quatro, cinco horas a apresentação inteira. É porque como a gente não é profissional, a gente tem muita dificuldade às vezes na troca de quadros. Mudar o cenário, essas coisas, a gente se perde na logística e acaba demorando mais.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Agora, o Show Medicina se resume, nessa descrição que você deu, de que os alunos fazem os seus ensaios e apresentam as peças, me parece que de artes cênicas, um espetáculo artístico, ou tem outras coisas que acontecem no Show Medicina fora isso?

O SR. LEONARDO TURRA – O Show Medicina, teoricamente, é uma apresentação teatral, mas como qualquer outro tipo de esporte, tipo de grupo que reúne pessoas, é uma confraternização porque todo mundo lá é muito amigo. A gente passa o tempo do ensaio muito junto, então é um espaço que a gente tem para conversar, para desestressar da faculdade, que é bem cansativa.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Mas tem bebida alcoólica?

O SR. LEONARDO TURRA – Nas confraternizações tem bebidas alcoólicas e em alguns ensaios, não posso dizer que são todos, fica disponível um balde com algumas bebidas para quem quiser pegar.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – E a origem dessas bebidas é de vocês mesmos? Como é que é a origem dessa bebida?

O SR. LEONARDO TURRA – O Show Medicina dá subsídio, ajuda com comida, bebidas não alcoólicas, bebidas alcoólicas algumas vezes. Tem vezes que a gente paga nós mesmos a nossas bebidas. Tem até um bar no Centro Acadêmica da Faculdade, eu mesmo costumava comprar cerveja uma vez ou outra antes de começar o ensaio lá.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – No bar vende a cerveja lá.

O SR. LEONARDO TURRA – Vende.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Essas despesas do Show Medicina são custeadas por qual fonte?

O SR. LEONARDO TURRA – Eu não sou tesoureiro do Show, eu não sei exatamente de onde vem a verba, mas eu sei que é tudo de doações privadas.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Privadas. Dinheiro da própria faculdade você desconhece.

O SR. LEONARDO TURRA – Que eu saiba, não tem nenhum.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – E quando fala de doações privadas você lembra de alguma empresa que é uma assídua colaboradora.

O SR. LEONARDO TURRA – Eu não sei quem colabora, não sou responsável por isso, não sei, desculpa.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Os alunos quando se apresentam no Show Medicina alguns passam por algum tipo de constrangimento, de nudez, alguma coisa nesse sentido, ou não?

O SR. LEONARDO TURRA – Constrangimento, de forma alguma. Como eu disse, são todos amigos, então não rola constrangimento, não rola nenhum tipo de agressividade, é um clima de confraternização mesmo.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Mas chega a ter alguma cena de nudez, alguma coisa nesse sentido?

O SR. LEONARDO TURRA – A gente ensaia com fantasias e no teatro não tem banheiro ou vestiário próprio. O banheiro que tem, no dia da apresentação, por exemplo, fica atrás da plateia. Não tem como a gente chegar sem passar na plateia, então, a gente se troca lá no fundo, mas normal, como qualquer grupo teatral faz também.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Não há constrangimento aí?

O SR. LEONARDO TURRA – Não, de forma alguma.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – E as apresentações teatrais, você falou no começo que, normalmente, vocês verificam algo que querem fazer uma crítica da faculdade, internamente, alguma situação social. Você participou de três Show Medicina, né? Em algum Show você percebeu que na crítica que é feita no palco houve alguma crítica preconceituosa, discriminatória ou vexatória, de tal forma que discrimine algum grupo? Ou todas as críticas não passaram por esse viés? Pelo que você viu... Fique muito tranquilo para responder porque nós estamos aqui nesta CPI para verificar exatamente possíveis abusos no sentido de que uma nova história seja escrita. Porque eu acho espetacular a pessoa formar em medicina na USP.

Agora, a partir do momento que chega para nós coisas que ultrapassam os limites humanos, de convivência, de preservação dos direitos humanos, evidentemente que a gente quer pôr o foco aí, no sentido de que se isso acontece que, doravante, não mais aconteça. Porque você vai ser médico, se Deus quiser, e a população tem uma relação de confiança com os médicos muito grande, sobretudo a mais pobre. Às vezes o médico que está na frente do pobre é um deus até porque o que ele fala acaba valendo. Então, seria interessante que as nossas instituições públicas, na verdade todas, mas vamos falar das públicas das quais a gente tem, teoricamente, o controle sobre elas. Essas entidades públicas deveriam formar os melhores profissionais não só do ponto de vista da competência médica, que eu tenho certeza que é formado, mas também do ponto de vista da humanidade, do trato, da relação com as pessoas, do respeito, sobretudo com o mais pobre, com o que mais precisa.

Afinal de contas, todos os formados lá são pagos pela população. Então, por isso que a gente vai nessa direção nas perguntas. Se nesses shows que você participou, que você viu, seja no palco, seja como expectador, se você percebeu críticas que ultrapassavam os limites de uma simples crítica e entraram no campo de preconceito, discriminação, nesse sentido.

O SR. LEONARDO TURRA – Claro. Eu nunca presenciei que possa ser considerado como abuso ou discriminação, mesmo em tom jocoso. Uma característica do Show é que ele é bem eclético. As instituições da faculdade tendem a ter um perfil mais... Os atletas são as pessoas mais esportivas, o Centro Acadêmico acaba tendo pessoas que gostam mais de política, e o Show agrega todas essas pessoas. Tem gente da Atlética, tem gente do Centro Acadêmico, tem gente que não faz parte de nenhuma outra instituição que nem eu, tem tudo. Então, acaba não tendo nenhuma crítica a um grupo, um preconceito contra um grupo porque todos os grupos fazem parte do Show. Então, eu não me lembro de nenhuma piada.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Quando você fala que todos os grupos fazem parte do Show, aí são todos, todos mesmo? Grupos de homossexuais, todos, sem nenhuma discriminação?

O SR. LEONARDO TURRA – Nenhuma discriminação.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Eles participam sem nenhum constrangimento?

O SR. LEONARDO TURRA – Nenhum constrangimento.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Senhor presidente, queria devolver a palavra a Vossa Excelência.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu passo a palavra à deputada Sarah Munhoz.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Embora você tenha colocado que não sabe o final da sindicância, tem aqui o relatório final. Eu gostaria de ler para ver se, talvez, traga mais algum fato relevante para que você possa esclarecer.

“A Comissão Sindicante, relativa ao processo USP 2013.1.2209.5.0, apuração responsabilidade de arrombamento de porta, constituída pelos servidores designados pela portaria interna 2145 e 2154, do professor Dr. Giovanni Guido Cerri, Diretor da Faculdade de Medicina da USP, as folhas 12 e 23, respectivamente, reuniu no período de maio a julho de 2014. Foram entrevistados alunos, funcionários e docentes da Faculdade de Medicina da USP envolvidos no acontecido.

O professor Dr. Carlos Augusto Pasqualucci, diretor do Serviço de Verificação de Óbitos da Capital, forneceu um vídeo interno onde o arrombamento foi visto pelos membros. Frente ao relato pelos envolvidos que pode ser lido nos depoimentos anexados a este processo, esta Comissão de Sindicância conclui que no dia 16 de setembro de 2013, o aluno Leonardo Turra arrombou a porta que dá acesso interno pela Faculdade de Medicina ao Serviço de Verificação de Óbitos da Capital. O motivo não é totalmente claro. Os alunos ouvidos, diretores do Show Medicina, acreditam que o aluno estava procurando o suposto túnel do SVOC.

O aluno Leonardo Turra informa que foi sem querer, que escorregou durante brincadeira de luta. Todos os depoimentos, no entanto, não confirmaram esta versão, tampouco o vídeo do acontecido. Os diretores do Show Medicina tentaram pedir ao funcionário do SVO, senhor Edson Alves Moreira, para consertar a porta e dar o assunto por encerrado ali mesmo. O funcionário, senhor Edson Alves Moreira (ininteligível) foi correto em dizer que teria que comunicar aos seus responsáveis o ocorrido. Depois disso, não há tentativas do próprio aluno de tentar se desculpar pelo ocorrido no SVOC. Os diretores do Show Medicina tendem a assumir a responsabilidade, procurando mais algumas vezes o professor do departamento de Patologia, o assunto se encerra.

O próprio SVOC assume os custos de reparo da porta. Cabe frisar que o próprio aluno, Leonardo Turra, disse que havia bebido duas cervejas naquela noite dentro da FMUSP. O diretor do Show Medicina, senhor Rodrigo de Oliveira Lima, foi visto com uma

lata de cerveja na noite do acontecido. Todos os depoentes afirmam que pode haver consumo de álcool durante os ensaios do Show Medicina, muitas vezes fornecido pelo próprio Show através de doação de ex-participantes.

Nos parece claro que o ato do aluno pode ter sido influenciado pelo uso de álcool. Sabemos que a portaria PCO-9, de 25/11/05, da USP, anexada aos autos, proíbe o uso e venda de bebida alcoólica dentro dos edifícios administrados pelo Estado de São Paulo e estabelecimentos de ensino.

Considerando os fatos apurados nesta sindicância, depois de ouvidos todos os envolvidos, esta comissão conclui que o aluno Leonardo Turra cometeu um ato deliberado de dano ao patrimônio público, sendo descartada a hipótese de acidente. Sugere-se medida disciplinar de suspensão do senhor Leonardo Turra por um mês das atividades letivas.

Como medida preventiva, que seja proibido o consumo de quaisquer bebidas alcoólicas dentro dos espaços da Faculdade de Medicina da USP, incluindo-se as dependências do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, cumprindo-se assim a legislação em vigor de que trata deste assunto. Nada mais havendo a tratar, damos por encerrada a reunião, e eu, José Roberto Gallo, secretariei"... Ele assina, secretariou e digitou. "Assinam como testemunhas da veracidade a presidente professora Dra. Thais Mauadi, professor Dr. Raymundo Soares de Neto e Marisa Luppi".

Quais são os dados que são incorretos desse relato de final de sindicância, dessa conclusão?

O SR. LEONARDO TURRA – O incorreto é que foi um ato de arrombamento voluntário, foi um acidente.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – O senhor disse que estava totalmente lúcido e eles dizem que o senhor estava alcoolizado.

O SR. LEONARDO TURRA – Eu posso ter tomado duas latas de cerveja, mas isso não significa que eu estava embriagado. Eu tenho plena certeza que eu não estava.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – E o fato de ter sido caracterizado arrombamento por conta de um vídeo. O senhor descaracteriza baseado em qual condição?

O SR. LEONARDO TURRA – Eu nunca tinha lido esse relatório final e agora que eu estou sabendo eu vou entrar com um recurso para provar que foi um acidente.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – O senhor sabe que tem um vídeo? Eu estou dizendo para o senhor o que está escrito aqui.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – A pergunta é: você conhece o vídeo?

O SR. LEONARDO TURRA – Eu não conheço o vídeo.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – O senhor ficou suspenso durante um mês?

O SR. LEONARDO TURRA – Eu não fiquei suspenso.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Então essa sindicância não foi efetiva?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vê qual é a data da conclusão?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Sobe. Não tem data. Na abertura do documento. Só fala que é um relatório de maio a julho de 2014. Não, aí é a instauração da sindicância. Desce mais uma folha para ver se talvez tem alguma data, por favor. No penúltimo parágrafo, por favor. O que está escrito aqui, Leonardo, é o seguinte: “Esta comissão conclui que o aluno Leonardo Turra cometeu um ato deliberado de dano ao patrimônio público, sendo descartada a hipótese de acidente. Sugere-se medida disciplinar de suspensão do senhor Leonardo Turra por um mês das atividades letivas”. O senhor foi suspenso?

O SR. LEONARDO TURRA – Não, eu não recebi esse relatório.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não, o senhor sofreu essa punição?

O SR. LEONARDO TURRA – Não, eu não sofri a punição e não fiquei sabendo do relatório final.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Então, no seu depoimento o senhor informa que mesmo tendo esse relato o senhor não sofreu as consequências do sugerido por esta sindicância?

O SR. LEONARDO TURRA – Não, eu até acreditava até agora, você mostrar o relatório, que a sindicância ainda estava aberta

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Foi o que o senhor falou. O senhor não conhecia o relatório final?

O SR. LEONARDO TURRA – Não conhecia o relatório final.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Senhor Turra, quando ocorreu o fato? Que dia foi, lembra? O ano.

O SR. LEONARDO TURRA – Foi em 2013.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – 16 de setembro de 2013.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – 2013, durante o Show Medicina?

O SR. LEONARDO TURRA – Isso.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Durante o Show ou durante o ensaio? Porque o senhor já falou afirmou...

O SR. LEONARDO TURRA – Não, durante o ensaio. É que a gente costuma falar Show...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Ah, sim, mas para nós é diferente.

O SR. LEONARDO TURRA – Durante o ensaio.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Vamos só esclarecer. Para nós o ensaio é uma coisa e o Show é outra.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Que foram os seus amigos do Show que foram tentar fazer a mediação para haver um apaziguamento dos fatos?

O SR. LEONARDO TURRA – Quando aconteceu o acidente, eu comuniquei...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Acidente não, incidente, segundo o senhor.

O SR. LEONARDO TURRA – Foi um acidente o que aconteceu e eu comuniquei o Erikson, que é um amigo meu, e ele foi procurar o responsável.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O Erik era o coordenador do Show naquela ocasião?

O SR. LEONARDO TURRA – Não, não. É que o Erik é um amigo meu.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Da sua turma.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Leonardo, me tira uma dúvida. Como esse fato aconteceu em 16 de setembro de 2013 e foi aberta sindicância, o senhor foi ouvido então pela sindicância.

O SR. LEONARDO TURRA – Eu fui ouvido.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – O que o senhor relatou aqui, o senhor relatou na sindicância, é isso?

O SR. LEONARDO TURRA – Isso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O vídeo não vai chegar a tempo, né, Danilo? Continua, deputado.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Senhor presidente, veja, existe o relato do estudante Leonardo que ele faz aqui, mas já fez também lá na sindicância. E a sindicância

tem uma conclusão. Agora, entre a conclusão e a ação da faculdade em cima da conclusão me parece que isso não aconteceu. Tanto que você acreditava que a sindicância estava até aberta.

O SR. LEONARDO TURRA – Eu não sei quando foi dado esse relatório, não fui avisado por nada da faculdade.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Senhor presidente, eu queria requerer a Vossa Excelência que a gente oficiasse a faculdade requerendo uma informação que, mediante à conclusão desta sindicância... Porque a sindicância acontece, entrega o relatório à direção da escola, que pode fazer alguma coisa ou não. Quais foram as providências que foram tomadas, tendo em vista o relatório conclusivo da sindicância interna?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – É regimental o pedido. Nós preparamos esta audiência e pedimos o vídeo. Eu já vi esse vídeo, pena que eu não tenho o vídeo para expor para que todo mundo tenha ciência desse vídeo. Esse vídeo existe, ele foi feito à época pela segurança e é um vídeo muito esclarecedor.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Mas o vídeo está na sindicância, né?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Está nos autos, está nos autos.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Ou seja, eu acredito que a gente aqui, enquanto parlamentar, teria que questionar a direção da faculdade que fez corretamente em abrir a sindicância, ótimo. A sindicância, tendo feito uma conclusão...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Mas, tem o recurso. Sabe o que eu percebi pelas datas, deputado? Que essa resolução, como as datas não estão muito claras para a gente, com esse ritmo rápido de interrogatório, pode ser que a conclusão tenha sido, por exemplo, em dezembro de 2014 para aplicar agora no exercício de 2015. E, como o depoente falou, ele vai tentar um novo recurso.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Que ele tem que tomar conhecimento, inclusive.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – É, nem foi cientificado.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Ele tem o direito de receber uma cópia do relatório final.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Isso, mas a universidade se cobriu legalmente. Para todos os efeitos, ela tem uma cobertura legal. Ela fez a sindicância, concluiu, julgou...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – E não executou.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Mas não estaria prevaricando na hora que não toma atitude?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Aí é outro departamento, né? Não é com o jovem aqui. É outro enredo.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Pela ordem, senhor presidente. Aproveitando que o enredo torna-se segundo, é possível solicitar à USP o que deflagrou esse documento, a data, porque está muito ruim um documento sem data, e quais foram as atividades, as atitudes que foram tomadas. Inclusive, para que nós saibamos se realmente existiu ou não, se é para esse ano ou não, como essa situação se colocou. Acho que seria importante pedir esclarecimentos.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Excelente. Bom, de todos os requerimentos do deputado Marco Aurélio, só falta, eu vou te dispensar, Turra, porque tem outros companheiros para serem ouvidos, outros colegas, e só queria ver se a gente, até o fim dessa sessão, pelo menos consegue o vídeo porque o diretor do SVO da época não está lá. Ele está fazendo um pós doc em Harvard. Está o vice, que está atendendo todos os nossos pedidos. Então, eu queria pedir para a secretaria da Comissão, para a nossa assessoria, antes de terminar a reunião passar o vídeo, para a gente concluir com o vídeo. O vídeo está à disposição, eles não estão obstaculizando. Turra, suas considerações finais.

O SR. LEONARDO TURRA – Eu queria agradecer por terem me chamado aqui, eu acho muito legal o que a CPI está fazendo e é só isso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Muito obrigado.

O SR. LEONARDO TURRA – Muito obrigado.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Eu gostaria de cumprimentá-lo pela sua delicadeza, gentileza e tranquilidade nas respostas.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vamos seguir? Michel Oliveira Souza. Michel, você é aluno do quinto ano da Faculdade de Medicina, não é?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Isso, aluno do quinto ano.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Foi membro quatro anos do Show?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Isso, quatro anos, desde 2011.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Qual foi o papel que te deu mais projeção, mais fama, porque você é um bom ator. Qual é o papel que você mais se orgulha de ter desempenhado?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não vejo nenhum especificamente.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não tem nenhum que você ficou famoso, que extrapolou os muros da faculdade?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Famoso não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Que teve repercussão?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Leia por favor.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Por gentileza. Texto para ser lido pelo presidente, como embasamento legal. Senhor Michel Oliveira Souza, convocado a comparecer a esta Comissão Parlamentar de Inquérito constituída pelo Ato nº 56 de 2014 com a finalidade de investigar as violações de direitos humanos e demais ilegalidades ocorridas no âmbito das Universidades do Estado de São Paulo, nos chamados trotes, festas e no seu cotidiano acadêmico. E, como testemunha, com fundamento no art. 213 e 218, ambos do Código de Processo Penal, combinado com o § 2º, do art. 13, da Constituição do Estado, e art. 3º, da Lei Estadual n. 11.124, de 10 de abril de 2002, bem como demais normas constitucionais e infraconstitucionais aplicáveis à espécie, cumpre-nos adverti-lo que deve dizer a verdade, não podendo fazer afirmação falsa, calar ou negar a verdade a respeito dos fatos de seu conhecimento por incorrer no crime previsto no art. 4º, II, da Lei Federal n. 1.579, de 18 de março de 1952.

Por gentileza, queira responder: seu nome completo com tranquilidade, por favor.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Michel Oliveira Souza.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Idade.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – 28 anos.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Estado civil.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Solteiro.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Endereço de residência.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Rua Silvio Sacramento, 91, Pinheiros.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Profissão.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Estudante.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – De que curso?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Medicina.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Em que universidade?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Local da faculdade.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Avenida Doutor Arnaldo, 455.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – O cargo que o senhor exerce lá.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Estudante.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – De que ano?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Quinto ano.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – O senhor tem grau de parentesco com alguma das partes que aqui estão apresentadas?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não existe nenhuma relação? O senhor reafirma que não existe nenhuma relação com qualquer das partes aqui presentes?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Sim.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Peço a Vossa Senhoria a gentileza de relatar o que souber, explicando sempre as razões de sua ciência ou as circunstâncias pelas quais possa avaliar-se a sua credibilidade. Por gentileza, eu gostaria que o senhor lesse o termo de compromisso do depoente.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Sob minha palavra de honra, prometo dizer a verdade do que souber e me for perguntado relacionado com a investigação a cargo desta Comissão Parlamentar de Inquérito.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Obrigada. Com a palavra, senhor presidente.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Me fala uma coisa, Michel, você é de São Paulo?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não, eu sou de Jacareí.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Embora vocês não tenham trazido ainda na forma do CD de uma edição master do último Show, todos os Shows anteriores que nós solicitamos já vieram numa forma editada, final. O último Show vocês não mandaram. Mas eu tenho algumas imagens do Show que nós vamos passar, onde você foi ator. Você lembra que papel você fez no último Show?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Lembro.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Qual?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Foi o papel de um personagem alegórico.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Como era o nome do personagem?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – O personagem não tinha nome.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Mas ele representava quem?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Ele representava ideias que acontecem na faculdade sem ser um aluno especificamente. Ele era um personagem alegórico, era uma interpretação de um gênero teatral, em tom jocoso, que representava alguém que falava de forma erudita e que achava que as suas verdades tinham que ser as verdades de todos.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E você demoliu essa versão?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não, apenas representei um papel.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – É uma alegoria?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Uma alegoria.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Uma alegoria totalmente fictícia?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Totalmente fictícia?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Sem base nenhuma na realidade.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Com base nas coisas que estavam acontecendo na faculdade.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não representava nenhum aluno da faculdade?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Nenhum aluno especificamente.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Nenhum colega seu.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Nenhum colega meu.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Nenhuma pessoa que você jamais tivesse visto.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – (microfone falha) Por que da condição dessa pessoa? Você fez cursinho Poliedro ou não?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Fiz Poliedro.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você assistiu aquela aula sobre eugenia que tem no Poliedro?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Eu fiz Poliedro a última vez em 2009.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tinha, essa aula é antiga do Poliedro.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não lembro.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Sobre como entrou o movimento eugênico na Faculdade de Medicina da USP?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você sabe o que é eugenia?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Nunca procurei o significado dessa palavra, mas eu sei no contexto.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então, me explica, o que é eugenia.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – É uma seleção de tipos que você quer que exista.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – A partir de Mendel ou a partir de Lamarck.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não sei.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não é uma teoria lamarquista? Da seleção da natureza da espécie humana?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não conheço.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você não sabe nada dessa questão da evolução da teoria, da fundação da faculdade, do neo-eugenismo? Você não sabe nada, nunca leu?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não, nunca li sobre isso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Pena que eu não tenho tempo aqui para discorrer sobre isso. O eugenismo dizia o seguinte, que as pessoas que são deficientes... Não, eu não vou fazer pergunta nenhuma. O senhor me permita, o senhor não vai me interromper mais, por favor. Não tem condição, pessoal. Ele interrompe a minha fala. Ele tenta cortar a minha emoção, cortar a minha fala, não tem condição desse jeito. Ele toda vez interfere na minha fala, ele tenta interromper a minha fala, isso não é o exercício da democracia. É só provocação, só provocação. (ininteligível). O senhor não me respeita, não fala a palavra respeito.

Vou lhe explicar. No começo do século 20, o mundo se tornou o mundo biológico. Então, haviam duas teorias, Mendel e Lamarck. Mendel fazia aquele negócio das ervilhas, dos recessivos, dominantes, e o Lamarck dizia o seguinte: é o meio ambiente que seleciona as espécies. Então, foi fundada na Suécia uma academia de Ciências que depois foi para a Alemanha, até para a União Soviética, para os Estados Unidos, e qual era a teoria? Não podem nascer crianças deficientes e o mundo tem que fazer uma seleção natural, e só devem sobreviver aqueles quem tem condições. Evidente que os homossexuais, os negros, não deveriam nem se reproduzir, eram esterilizados.

Essa teoria foi muito forte aqui no Brasil. Ela teve Renato Kehl, professor Arnaldo, Monteiro Lobato, vários intelectuais brasileiros aderiram à eugenia. O que eu quero perguntar para você... Você, então, não tem conhecimento da teoria do eugenismo, nada?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Nunca procurei estudar sobre isso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então ta bom. Então, vamos pôr um vídeo na tela para ver se você se reconhece e você reconhece algumas dessas características, por favor.

(Vídeo é exibido)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O senhor é esse de blusa vermelha?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Sim.

(Vídeo é exibido)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E aí, o que o senhor acha disso? O senhor era o ator principal, né, representando o Felipe Scalisa?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não representei ninguém em específico, senhor deputado.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você representava o que? Os homossexuais em geral, não só o Felipe?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – O que eu representei foi um personagem alegórico que era uma representação teatral.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quem construiu esse texto?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Ele foi construído por vários alunos do quarto ano.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quem dirigiu o Show?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Quem dirigiu o Show no ano passado foi o Silvio Tacla Barbosa.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Por que vocês não entregam a edição final do Show que vocês estão obstruindo?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Eu não tenho essa informação.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu sei que vocês não fizeram centenas de cópias, mas vocês têm a master, por que vocês não entregam?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Eu não tenho essa informação.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Mas você trabalhou quatro anos no Show. Você que escolheu o papel de fazer o Felipe Scalisa ou foi aleatório?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Os papéis no Show Medicina não é a gente que escolhe. A gente tem todo mundo que participa do quadro, por exemplo, que foi esse aí, que era o quadro do quarto ano, e todo mundo tenta fazer um papel, e quem consegue interpretar aquele papel da melhor forma é o escolhido para...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quem puxou o coro “mentiroso, mentiroso”? Quem puxou esse coro lá? Não sabe?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não sei.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Por que tem tanto ódio aos homossexuais, hein?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Nós não temos ódio aos homossexuais.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E por que o Show apregoa isso nesse último?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Esse quadro do quarto ano foi criado por vários alunos do quarto ano, terceiro e segundo ano, e várias dessas pessoas são homossexuais. Então, esse papel eu acredito que não seja nada homofóbico.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O fato de serem homossexuais pode levar a uma peça contra os homossexuais e o fato de serem homossexuais não quer dizer nada, porque ninguém pede atestado se o cara é homossexual ou não, o que vale é o texto. Quem é o responsável pelo texto? Como é que o senhor encena um texto que o senhor não concorda?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não, mas eu acredito que esse papel não foi homofóbico.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O senhor pode me trazer o texto?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Posso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O senhor se compromete a me trazer o texto?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – A gente traz para você.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tem o texto?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Tem.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tem o texto geral do Show?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – O texto geral do Show eu já não sei.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O senhor me traz a cópia integral do Show.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Isso eu também não posso te afirmar.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Por quê?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Porque eu não sou responsável por essa cópia.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Nem se comprometer. O senhor só se compromete com o texto?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Eu me comprometo com o texto desse meu personagem.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não, do texto em geral.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Do Show em geral eu não...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não, desse Show último que eu estou me referindo.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Eu também não posso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O senhor só tinha o seu papel? O senhor me traz o seu papel?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Trago. Posso te mandar por escrito.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Por favor, com a palavra, só fala o seu nome.

O SR. PAULO IOTTI – Muito obrigado, eu sou o Paulo Iotti, advogado do Felipe Scalisa e do Grupo de Advogados pela Diversidade Sexual também. Eu só queria que você esclarecesse o seguinte. Na faculdade, esse papel que você estava interpretando, você falou que não era ninguém em particular, tudo bem, mas a plateia claramente aplaudiu imediatamente, a plateia até gritou um nome em seguida, mas, assim, não tinha ninguém na faculdade, que você saiba, que ajudou a organizar uma nota de repúdio, que denunciou falácias. Isso, em sua opinião, não era compreensível, para quem estava na plateia, como uma pessoa em particular?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não sei te dizer isso. Sei que a gente não se baseou em ninguém para fazer esse personagem.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Só uma questão. Você diz o seguinte: eu conheço poucas pessoas que interpretam bem Mariah Carey, foi o que você falou. Nesse ano, em específico, ou nos anos anteriores teve algum aluno que fez interpretação desse tipo?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Eu não sei.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – E como você usou essa frase?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Essa frase não fui eu que falei.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Foi o texto que ouvi.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Está, está no texto.

O SR. PAULO IOTTI – Só finalizado, perdão. O seu jeito de falar, você claramente está insinuando um estereótipo sexual, pelo menos é a minha opinião, a minha interpretação, você pode discordar. Mas, você continua negando que você estava interpretando alguém ou um personagem homossexual, um personagem estereotipado.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Então, o que eu interpretei foi um personagem alegórico, era uma interpretação de gênero teatral, sem ser ninguém específico.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Não tem nenhuma relação com nenhuma pessoa da faculdade, do grupo ou estudante? Não há uma relação com nenhuma pessoa?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Na hora de a gente fazer o personagem a gente não se baseou em ninguém específico.

O SR. PAULO IOTTI – Agradeço a palavra ao presidente e só para esclarecer que tem diversas testemunhas que atestam que estava claramente identificado no dia.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O senhor pode pedir para alguém mandar por e-mail o texto já, por favor?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Agora?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Agora.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Eu tenho que escrever, deputado.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O Tacla não pode providenciar?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não sei se ele tem.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ele tem o texto na íntegra.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não sei.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Com a palavra, o advogado.

O SR. JOÃO DANIEL RASSI – Obrigado, senhor presidente, boa tarde. O senhor pode esclarecer melhor se o Show Medicina integra também homossexuais?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Sim, dentro do Show Medicina fazem parte homens, mulheres, homossexuais, negros, judeus, tem pessoas de todas as partes.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quem é o Silvio Tacla, hein? Vem para a mesa, por favor. Para de ficar rindo da minha cara.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Esta sessão é... Aqui não fala o número, mas nós já tivemos diversas outras sessões de CPI e antes mesmo da CPI ser constituída nós tivemos três audiências públicas aqui sempre tratando desde assunto. Minha pergunta é o seguinte: os relatos feitos em audiências públicas ou sessões de CPI anteriores à de hoje o senhor chegou a assistir alguma delas pelo vídeo, pela internet ou ficou sabendo do conteúdo do que foi expresso aqui?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Eu não assisti.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Nenhuma? Nem pela internet?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Nem pela internet.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Nunca assistiu?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Então, os relatos que contradizem a versão que está sendo colocada aqui o senhor desconhece?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Desconheço.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Posso pedir um aparte, deputado? Tem uma frase que foi explicitada ali e eu espero ter anotado com clareza. “A sua liberdade termina quando começa o meu interesse”. O que o senhor quis dizer com isso?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Com esse papel, a gente quis criticar algumas pessoas que tenham pensamento e esse pensamento ele acredita que tem que ser o de todas as outras pessoas, que a sua verdade tem que ser a verdade de todas as pessoas. Isso que a gente quis criticar com esse personagem.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – E dentro desse... Porque é assim, no relato anterior do Leonardo, ele coloca o seguinte, que muitos dos papéis são... É um teatro que tem uma caracterização jocosa e que pode ser fatos gerais ou pessoas da própria comunidade. E aí vocês colocam assim “a sua liberdade termina quando começa o meu interesse”. Então, vocês estavam fazendo críticas a uma pessoa em específico?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Como eu disse, ele era um personagem alegórico, ele criticava uma ideia, não uma pessoa em específico.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – E você não vê nenhuma repressão em “a sua liberdade termina quando começa o meu interesse”?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Era isso que a gente queria fazer, criticar essa retirada da liberdade de expressão.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – De quem?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – De pessoas inespecíficas, de um personagem alegórico.

O SR. JOÃO DANIEL RASSI – Deixa eu só terminar, Excelência.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O senhor primeiro fale o seu nome.

O SR. JOÃO DANIEL RASSI – Boa tarde, meu nome é João Daniel Rassi, eu sou advogado do Show Medicina. Obrigado pela palavra, senhor presidente. O senhor estava dizendo, ficou claro que o Show Medicina abrange todos os grupos dos coletivos, os homossexuais, judeus, já houve um depoimento de um judeu aqui também. Como é

conhecido o Show Medicina dentro da faculdade? Há alguma crítica em relação a vocês, por parte da Atlética?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não, muitas pessoas da Atlética fazem parte do Show Medicina, inclusive eu treino na Atlética, faço parte do Show Medicina. O teatro sempre fica cheio porque as pessoas gostam de assistir o Show. Não sei dizer sobre críticas.

O SR. JOÃO DANIEL RASSI – Bom, esses homossexuais que fazem parte do Show Medicina são homossexuais assumidos? Eles dizem que são homossexuais?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Sim.

O SR. JOÃO DANIEL RASSI – E como é essa convivência?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – É muito tranquila. O Show Medicina é um clima de amizade, o que a gente mais preconiza lá é um clima de amizade entre as pessoas.

O SR. JOÃO DANIEL RASSI – Obrigado, Excelência.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Sr. depoente, Sr. Michel, me fala uma coisa, qual era o papel do guarda nessa peça?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Ele era como se fosse um censorador, porque a gente queria criticar esse clima de censura de proibir as pessoas de fazerem piadas, essas coisas.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Explica melhor, não entendi. Faz sujeito, predicado e complemento, por favor. Qual era o papel do guarda que aparece repetidamente? Ele era um coringa, na linguagem teatral, era um coringa.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Ele era um censorador.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Um censor? Ele censurava?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Ele censurava as piadas, isso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Censurava o que?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Censurava as piadas que as outras pessoas faziam. Ele era alguém politicamente correto.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Sei, o que quer dizer isso, não entendi.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Ele censurava as piadas que as pessoas faziam, ele não deixava as pessoas fazerem piadas.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tacla, você pode pedir para alguém mandar por e-mail o texto da peça, já que você não entrega o CD, por favor?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Então, a gente não tem um texto exato, a gente tem o vídeo, que a gente grava tudo, só que esse vídeo está em edição.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Cadê ele?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Sinceramente, a gente estava sem dinheiro para pagar o vídeo, aí a gente conseguiu dinheiro emprestado, pagou, e o cara que produziu o vídeo está terminando de fazer. Ele prometeu para mim para ontem, ele não conseguiu, aí hoje de manhã eu liguei pra ele de novo e nos próximos dias eu espero que...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não dá para mandar, eu quero ver hoje.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu posso ligar aqui.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E o texto? Liga para ele, por favor. E o texto, você vai mandar?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – A gente não tem texto, a gente decora as falas sem texto.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tacla, você foi diretor quantos anos do Show?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Diretor geral, um ano.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Um ano, diretor-geral. O que você tem contra o professor Milton?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Contra o professor Milton, especificamente, eu não tenho nada.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Por que vocês expuseram o professor num Show?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Vários professores são representados no Show desde o começo.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então, vamos lá. Então, você não... Espera um pouquinho, calma. Tacla, você não tem como me mandar um e-mail do texto, dessa parte do Scalisa, você não tem como mandar já para a gente fazer...

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu não tenho de cabeça o texto.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não, eu quero impresso, por escrito. E não tem que mandar o CD vir aqui?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu precisaria do CD para transcrever o texto.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Alguém quer perguntar mais alguma coisa?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Pela ordem, senhor presidente.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Com a palavra, a deputada Sarah Munhoz.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – O senhor Silvio Tacla já está na qualidade de depoente ou ainda não?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não, ele não está como depoente ainda, ele não fez o juramento.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Obrigada.

O SR. PAULO IOTTI – Muito obrigado, presidente. Pela fala do depoente, posterior à minha pergunta, eu fiquei, sinceramente, com uma dúvida. Você fala que vocês não representam ninguém em particular, vocês representam eventos da faculdade, estou parafraseando. Mas, você acabou de falar, você critica com esse personagem, possivelmente com o censor também, pessoas da faculdade que acham que o “seu direito termina quando começa o meu interesse”. Me parece contraditório. Ou vocês representam alguém ou um grupo de pessoas ou vocês não representam ninguém. Eu queria que você esclarecesse.

E, presidente, só me permita, por favor, uma consideração à pergunta do nobre colega se tem homossexuais, negros, judeus, isso é irrelevante. Eu posso ter amigos judeus, colegas homossexuais na peça e peça é um estereótipo estigmatizante de homossexuais. Então, eu só queria consignar, porque é padrão em defesa dizer “tenho parentes e amigos negros”, isso é irrelevante, só me permita esse comentário.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Michel, me diga uma coisa, o que você tem a falar para concluir o seu relatório? Porque vocês não trouxeram o CD. O Flávio Miorin, por exemplo, nem justificou a ausência hoje.

(Inaudível)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E por que ele não veio depor? Hoje só veio justificativa do rapaz que fica mandando e-mail.

(Inaudível)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Mas aí a gente fica fazendo papel de bobo aqui. Nós temos que votar força coercitiva para essas pessoas que estão se negando a vir. Vamos continuar. O Flávio Miorin é formado, ele nem aluno é. Eu não sei nem se o senhor está podendo falar. Tantas pessoas o senhor se arvora em defender, o Flávio Miorin é médico, formado. Não sei nem se o senhor é constituído.

(Inaudível)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Michel, então, o seguinte. Eu não tenho o texto, vocês não entregaram, deviam ter entregado para hoje. Não tinha cabimento fazer audiência do Show Medicina sem o texto e sem o vídeo. Vocês já fizeram as mais variadas interpretações com as quais nós não concordamos, de escárnio. Essa última, no meu entender, vocês extrapolaram todos os limites da convivência humana.

Quanto mais, aí vou fazer uma consideração pessoal sem pergunta. Quanto mais nós formos indispostos em relação a esse tema e à sociedade, mais ativamente nós vamos trabalhar para comprovar a nossa tese, mais ativamente nós vamos trabalhar. A nossa tese é que esse último Show foi homofóbico, foi para destruir uma pessoa, destruir uma carreira, destruir uma vida e destruir a possibilidade de ter outras formas da pessoa expressar a sua natureza, a sua sexualidade, o seu amor à vida. Essa é a tese que eu susto. Eu acho que vocês estão muito mal orientados, de uma forma tão defensiva. Vocês são meninos tão bem preparados, tão estudiosos, vocês estão de uma forma tão defensiva, se fechando numa concha, que vocês não conseguem falar na defesa de vocês mesmos, na defesa da teses. Está ruim, está ruim. Essa relação, que vocês têm que se fechar, fechar, não falar nada, fica uma coisa completamente desproporcional ao nível de cultura e inteligência de vocês. Entendeu o que eu estou tentando dizer?

Então, fica uma coisa coercitiva. O Flávio Miorin, o Flávio não, esse rapaz que não veio hoje, ele escreve no texto que eu incorporei o papel do torturador. Ele põe uma frase do (ininteligível), que eu de tanto fazer interrogatório da Comissão da Verdade, eu incorporei o papel do torturador. Escreveu isso, ele me mandou por e-mail. Então, o que acontece? Ou vocês assumem, porque nós vamos discutir essa tese, mesmo com advogado aqui dizendo que vai anular a sessão, que nós não podemos fazer pergunta, que isso, aquilo, nós vamos continuar na nossa tese. O mínimo que eu acho que vocês podiam fazer é tirar uma nota do Show Medicina repudiando o que pode ter ocorrido de errado e qualquer coisa em relação à homofobia.

Você vê, nós interrogamos o menino aqui, perguntamos: você participou do arrombamento da porta do SVO? Não, não, não. Aí, põe o processo, não fala nada, não falou nada, fica ruim isso. Vocês estão sob juramento, estão numa CPI. O que foi feito com Felipe Scalisa é um pedido de linchamento, de linchamento de um ser humano, de uma personalidade, de um colega de faculdade de vocês que entrou em primeiro lugar na escola. Por que persegui-lo dessa forma? Por quê? E ainda ficam rindo da cara da gente, aquele de óculos escuro. Eles não param de rir, de rir, de rir, de desconsiderar, eles acham que nós estamos fazendo papel de bobos aqui, de bobos, entendeu? É ruim isso, vocês são muito jovens, muito jovens, entendeu? Então, faça as suas considerações finais.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Pela ordem, senhor presidente. Eu gostaria somente de fazer três perguntas para você, por favor. Primeiro, você conhece o Felipe Scalisa?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Conheço da faculdade.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Fica lá fora para não rir na cara da gente, fica lá fora. Respeita a gente, nós estamos trabalhando, respeita a gente.

Fique lá fora, o senhor não vai mais rir na cara da gente. A hora que o senhor falar o senhor vai ser chamado aqui. Tira o óculos escuro.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Pela ordem, senhor presidente. Por gentileza, o senhor conhece o Felipe Scalisa?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Conheço de vista na faculdade.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Ele está presente aqui?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Está.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Onde ele está, por favor?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Ali.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Ali. Olhando para ele... Então, o senhor o conhece de vista?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Sim.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Olhando para ele e sabendo quem é ele, o papel que o senhor retratou traz alguma coisa que no dia-a-dia dele, no bojo da carreira que ele criou na universidade, foi colocado e exposto na peça?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Então, deputada o que eu fiz foi atuar como um personagem alegórico e era uma interpretação de um gênero teatral, sem ser ninguém especificamente.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – E você, como uma pessoa inteligente, esclarecida, numa teve medo de que você estava usando, fazendo o papel onde você poderia ser interpretado claramente como homofóbico?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não, porque na minha consciência eu não estava interpretando ninguém, era um personagem inespecífico.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Então, mas a sua consciência também disse que a liberdade do outro termina não quando a sua começa, mas quando o seu interesse começa.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – É porque a intenção era criticar esse personagem censurador.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Então, olha só, olhando da questão, do ponto de vista antropológico, de todos os depoentes que aqui estiveram, o senhor é a pessoa mais antagônica entre os seus preceitos, a sua prática e o seu discurso, obrigado.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não respondeu nenhuma.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Eu não entendi sua pergunta, por isso eu não respondi.

O SR. PAULO IOTTI – Bem rápido, é que você falou que esse personagem era para criticar pessoas da faculdade que tinha essa ideologia “o seu direito termina quando começa o meu interesse”. Depois da minha pergunta, a um dos deputados você respondeu “a gente está criticando pessoas”. Me pareceu contraditório porque você falou primeiro “não, é um personagem alegórico, não é ninguém”, “são pessoas”, então, teve algum evento na faculdade que aconteceu isso, foi criticado. Porque são duas ideias contrárias, essa era a minha pergunta para você esclarecer. E até adianto, presidente, depois que o próximo deponente for falar, repito essas mesmas perguntas, mas se não era possível identificar aquele personagem com uma pessoa concreta da faculdade, porque, enfim.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não sei se eu vou responder sua pergunta, mas o que eu fiz foi uma interpretação de um personagem alegórico, sem ninguém especificamente.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – A palavra alegoria para você quer dizer alguma coisa que é um ficcional que não tem nada a ver com a realidade?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Isso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você assistiu o filme do Chaplin “O Grande Ditador”?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – É uma alegoria. Não assistiu esse filme?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não assisti.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você nunca assistiu nenhum filme do Charles Chaplin?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Entendi. Sabe quem é Charles Chaplin?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Sei.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você é um ator, né? Pelo menos na sua forma lúdica você se dedica à interpretação de papéis, né?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Deputado, a minha profissão, eu serei um médico, o meu papel principal é (ininteligível) medicina.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Sem problema, você pode ser até um doutor da alegria, nada contra, pelo contrário, é uma coisa maravilhosa. Você pretende ser um doutor da alegria?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não. Eu nunca estudei teatro, nada disso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você participou como ator tantos anos e nunca estudou Mayakovsky, Brecht?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Nunca?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Nenhuma técnica teatral?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E seus princípios filosóficos em relação à religiosidade ou credos. Por que esse espetáculo persecutório, por que participar de uma coisa tão agressiva, o senhor que é uma pessoa tão calma, tão tranquila, por que fazer uma coisa tão agressiva, tão destrutiva?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Então, deputado, o que eu fiz foi a interpretação de um gênero teatral, não vi agressividade.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Entendi. O senhor já viu o filme do Glauber Rocha?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Qual o nome?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, “Terra em Transe”?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Viu Rogério Sganzerla, alguma coisa? Sabe quem foi Rogério Sganzerla?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Que fez “Bandido da Luz Vermelha”, nunca viu? “Pagano Sobrinho”.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não também.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Nada. Qual o tipo de coisa que o senhor se baseou na construção do seu personagem, quem foi a subjetividade que o senhor construiu no seu personagem?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Deputado, como eu disse, não fui em que criei o personagem, foi um coletivo de pessoas que faziam parte do quadro.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não, as pessoas criaram o texto, mas o senhor desenvolveu uma dramaturgia, um gesto, uma interpretação, uma imposição de voz, uma métrica muito semelhante a um colega seu. Isso aí foi tudo alegórico?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Foi tudo sem criar ninguém, sem imitar ninguém.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Carros alegóricos, ficcionais. Os ficcionais não têm nada a ver com a realidade? Não se baseiam na realidade?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – O papel que eu fiz não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Qual é a diferença entre o documental e o ficcional?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não sei.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você não sabe a diferença entre uma coisa documental e uma ficcional? Não sabe? Você sabe que com o ficcional você pode ser muito mais agressivo que com o documental, né? Você assistiu o filme “Cabaret”?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E “Mephisto”?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não também.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você assistiu o filme da “A Família Bélier”? Filme francês fantástico.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não também.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Entendi. Tá bom, uma pena. Os Simpsons, você assiste?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Já assisti.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Qual o personagem que você mais admira na família Simpsons?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não tenho nenhum específico.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O próprio Simpson, ou não?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não tenho nenhum específico.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Senhor presidente, essa Show Medicina foi realizado quando?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Esse último foi em outubro, não sei a data certa.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – É outubro de 2014?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Outubro de 2014.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Uma pergunta, acabado o Show Medicina vocês perceberam algum descontentamento de algum grupo da faculdade que se sentiu agredido ou que se sentiu ofendido pelo que foi apresentado?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Nunca percebi nada.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Não houve nenhuma manifestação na faculdade de grupo, ninguém se sentiu chateado, ofendido?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Eu não presenciei.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Mas não chegou para você nenhum descontentamento?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Acabado o Show, mesmo que a sua interpretação não tenha intencionalmente relação com ninguém, acabado o Show, não houve alusão á ninguém? Deixa eu falar bem claro o que eu estou perguntando. Porque você está colocando que a sua interpretação não tem alusão a nenhuma pessoa específica na

faculdade, a sua interpretação. Acabado o Show, a interpretação que as pessoas fizeram daquilo que foi apresentado não foi aludida a nenhuma pessoa da faculdade?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Isso eu não sei te dizer, deputado.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Não chegou nada para você?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Nenhum comentário?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não que eu saiba.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vamos fazer o seguinte, os advogados agora só se dirigem aos clientes, vamos estabelecer uma norma única, os dois advogados.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Só entendemos que para equalizar é mais interessante que os advogados fiquem com os seus clientes, assim como foi dada a liberdade ao senhor e ao senhor também, mas doravante, nós entendemos até para que haja certa celeridade nos nossos trabalhos, a palavra dos advogados fique realmente na defesa dos seus clientes e nos interesses dos seus clientes, obrigada.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Então, deputado, eu gostaria de agradecer por estar aqui para ajudar a esclarecer tudo isso que está acontecendo e dizer que eu, como membro do Show Medicina, digo que o Show Medicina é totalmente a favor da liberdade de expressão e estamos aí para ajudar no que for preciso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Muito obrigado. Tacla, por favor. Eu queria, antes do Tacla, desculpa, pela nossa cronologia, o Flávio Miorin não veio, é isso? Flávio Augusto Miorin não veio e justificou, é isso? Quando vai vir o Flávio agora? Senão não vem depois não remarca? Bom, depois a gente vê. Então, vamos ao Tacla.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Senhor Silvio Tacla Alves Barbosa, correto? O senhor foi convocado a comparecer a esta Comissão Parlamentar de Inquérito constituída pelo Ato nº 56 de 2014 com a finalidade de investigar as violações de direitos humanos e demais ilegalidades ocorridas no âmbito das Universidades do Estado de São Paulo, nos chamados trotes, festas e no seu cotidiano acadêmico. E, como testemunha, com fundamento no art. 213 e 218, ambos do Código de Processo Penal, combinado com o § 2º, do art. 13, da Constituição do Estado, e art. 3º, da Lei Estadual n. 11.124, de 10 de abril de 2002, bem como demais normas constitucionais e infraconstitucionais aplicáveis à espécie, cumpre-nos adverti-lo que deve dizer a verdade, não podendo fazer afirmação falsa, calar ou negar a verdade a respeito dos fatos de seu conhecimento por incorrer no crime previsto no art. 4º, II, da Lei Federal n. 1.579, de 18 de março de 1952.

Por gentileza, queira responder às seguintes perguntas. O seu nome completo de forma clara e pausada.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Silvio Tacla Alves Barbosa.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Sua idade.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – 22.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Estado civil.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Solteiro.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Endereço de residência e bairro.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Rua Bennet, 749, Pinheiros.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Profissão.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Estudante.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Local onde estuda.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Faculdade de Medicina da USP.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Em que campi?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – São Paulo.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Endereço.

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Avenida Doutor Arnaldo, 455.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – O ano que o senhor está?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Quinto ano.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Tem grau de parentesco com alguma das partes que aqui estão apresentadas?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Não.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – O senhor reafirma que não existe nenhuma relação com qualquer dessas partes?

O SR. MICHEL OLIVEIRA SOUZA – Reafirmo.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Peço a Vossa Senhoria a gentileza de relatar o que souber, explicando sempre as razões de sua ciência ou as circunstâncias pelas quais possa avaliar-se a sua credibilidade. Contudo, solicito a Vossa Senhoria a gentileza de ler o termo ao qual apresento neste momento.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Sob minha palavra de honra, prometo dizer a verdade do que souber e me for perguntado relacionado com a investigação a cargo desta Comissão Parlamentar de Inquérito.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Obrigada. Senhor presidente.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tacla, me fale uma coisa, você é um cara estudioso, né? Você foi tesoureiro do Show em 2012, secretário em 2013, diretor-geral em 2014, foi vice-presidente do CAOC em 2013. Você é uma pessoa com uma carreira em ascensão. Me diga uma coisa, vocês vão enviar as contas do Show Medicina, os livros contábeis, os livros de ouro, as contribuições em dinheiro, a manifestação financeira ou você vai querer que a gente faça por força coercitiva?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Então, os livros de ouro, que eu saiba já foram entregues ao Ministério Público, porque ele também foi solicitado anteriormente por essa Comissão Parlamentar de Inquérito e eles estão em posse do Ministério Público.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Os senhores vão entregar os originais, não tiraram cópia?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Sim, os originais.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Nós queremos uma cópia. Pelo menos dos últimos cinco anos. O senhor não conseguiu o texto do Show Medicina?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Nós não temos um texto roteirizado, exatamente. Os ensaios são feitos, as pessoas vão decorando ao longo dos ensaios e o que existe é só uma gravação final no dia.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Do dia, e não tem os textos que os alunos atores ensaiam.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não existem textos.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – É tudo improvisado na hora?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não necessariamente improvisado...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Bom, o que o senhor se compromete em entregar? Só o vídeo, o texto não tem?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu posso transcrever.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O senhor não tem texto dos alunos? Agora, é entregue um texto antes?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Cada um faz o seu?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não. É assim, são vários quadros que saem no Show, cada quadro ensaia separadamente, em horários separados, em locais separados, e aí ao longo do tempo dos ensaios, as pessoas vão decorando as próprias falas.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então, vamos fazer o seguinte, como a linguagem de vocês é toda de vídeo, vamos passar os vídeos. Me fala uma coisa, você viu a matéria da Malu Delgado na revista Piauí sobre o Show Medicina?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não cheguei a ver.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você viu o que o Dráuzio falou de vocês ou não?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não cheguei a ver.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tem aí isso ou não? Ou trás a revista para ele ler inteirinha. Vamos ver o que o Dráuzio Varella falou de vocês. Vê se tem uma revista lá em cima para ver o que o Drauzio falou de vocês. O Dráuzio falando, abre aspas: “Mas continuei assinando o Livro de Ouro do Show, porque fazia parte da tradição. A última vez foi no ano passado.” O médico afirmou que do seu bolso “nunca mais” sairá um tostão. O tesoureiro do show passa todo ano lá do mês de agosto por consultórios de conceituados doutores para recolher doações. Geralmente os médicos dão 500 a mil reais. Quantos médicos? “Nossa, são muitos.” A reação mais indignada de Drauzio Varella surgiu quando lhe perguntei sobre o Black-Tie. “E isso, o que é?” Ao saber da participação de prostitutas no evento, não se conteve: “São um bando de boçais. E o dinheiro vem de idiotas como eu.” Você não tinha lido a declaração do Dráuzio?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, ainda não tinha visto, só haviam comentado comigo algumas coisas específicas. Bom, acredito que muitas informações erradas foram veiculadas em relação ao Show nos últimos tempos e ele, obviamente, essas informações foram relatadas a ele, ele deve ter ficado indignado, algo do tipo, mas isso não corresponde de maneira nenhuma ao que existe no Show Medicina atualmente.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Entendi. Atualmente, você quer dizer 2015, né?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, do que eu conheço do Show Medicina.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tem alguma revista Piauí para eu mostrar na íntegra? Não tem uma única? Ta bom, vamos passar os vídeos então dos Shows anteriores. Vamos passar aquele vídeo com letra que se refere de forma pejorativa aos nordestinos por ingressarem na residência do HC e ao professor Milton Arruda, está

aqui o nosso professor Milton. Vamos passar os vídeos porque aqui mesmo passando vídeos, mostrando textos... Eu queria ver se dava para conseguir uma revista Piauí. Me dá uma Piauí, por favor. Mas, vamos passar os vídeos.

(Vídeo é exibido)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você assistiu aquele filme (ininteligível)?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, não assisti.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quando invadem o manicômio, não? Vamos ler a letra da música. Baseada na grande obra dos Beatles, que vocês sempre profanam uma grande obra, isso que me impressiona, a pretensão: “Lucy in the Sky”. “O Dr. Arnaldo há quase 100 anos uma grande ideia aqui concebeu”, além da eugenia, é claro. “Mas, com toda essa equipe, com toda essa sujeira parece que o seu ideal perdeu”, você vê que quando quer a gente tem texto. “E, como sempre cantamos para denunciar, pã, pã, pã. Mas não é o coral que repete, mudanças sempre alguém promete, nosso Show apenas reflete, hahaha”. Vou fazer com sonoplastia, com som, com todo o clima para você lembrar a época, além dessa imagem linda que tem aqui. “O que todo ano parece não mudar, com nossos recursos só vão faturar, scalabrini ganha cheque, aluga o que é nosso para Jundiaí e a nossa graduação um tal de Milton abandonou. Sou cobrado a ter moral, mas isso ele não demonstrou”, o professor Milton, aquele lá que vocês humilharam. “Abriu vaga no HC, mas esse ano não dá para entrar, vinte por cento eu não vou ter se a minha cabeça eu não achatar”. Repetindo, lembra quando abriram as vagas para o Pará, para os outros estados do norte e do nordeste? Vocês descreveram “vinte por cento eu não vou ter se a minha cabeça eu não achatar. Vai vir gente do Acre e do Pará. Poucos vão

estudar, vaga vão ganhar, Milton acha que ele manda aqui. Não se importe, ninguém consentir. Para piorar, panpararan, e acordar de vez, panpararan, devemos nos revoltar, chamamos vocês”.

Esse lixo vocês escreveram, esse livro racista, homofóbico, esse lixo. O senhor quer comentar?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Acho que essa música, se eu não me engano, é de 2011, o ano que eu estava ingressando na faculdade, eu não participava de nada do Show ainda, então não tenho condição de dizer para vocês como é que foi a elaboração dela, que contexto e, de maneira nenhuma, participei da elaboração dessa música. E o que eu posso comentar é que várias músicas do Show têm conotações de críticas, de humor, e se os senhores quiserem apresentar, inclusive, outras músicas vão ver que não é tônica do Show de maneira nenhuma a discriminação, uma ofensa pessoal a nenhum indivíduo.

Realmente, existem críticas a condições, a professores, à graduação, à reitoria, à universidade, isso existe, em todos os anos isso sempre existiu. À diretoria da faculdade, mas sempre com a perspectiva dos estudantes. Agora, de maneira nenhuma a conotação do Show é essa, de...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Espera um pouquinho, só deixa eu completar e já te passo a palavra. Você viu o que o Élio Gaspari escreveu na Folha de São Paulo e no Globo de domingo, na coluna dele?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Uma pena, vocês são tão cultos. Mas, vamos lá. Élio Gaspari, edição nacional, foi pesado o que ele escreveu. Só

deixa eu achar aqui na revista Piauí matéria da Malu Delgado... Não, passo para a Sarah Munhoz, depois eu volto, com a palavra, a deputada.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Todas as pessoas que aqui depuseram disseram, inclusive... O Leonardo e o Michel colocaram que realmente era assim, às vezes um escárnio, uma brincadeira, um adereço, uma palavra que foi usada muito, uma alegoria em tom jocoso. E agora colocar o nome de um professor da universidade abertamente, colocando questões muito naturais e muito diretas, que ele fez isso, fez aquilo, fez aquilo outro. Não está expondo um indivíduo a toda uma população que está assistindo o Show?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Em relação à representação de professores isso sempre aconteceu desde... Eu converso com pessoas que participavam do Show desde a década de 1950 que eu conheço, o mais velho acho que é da década de 1950, representação de professores, críticas a professores, a diretoria da faculdade, à reitoria, isso sempre aconteceu. A estudantes eu nunca vi.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Então, todos os Shows são uma apologia à incredibilidade dos professores que estão na universidade dando para vocês conhecimento, é isso?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, de maneira alguma. Muitos professores são, inclusive, homenageados no Show. Agora, quando existem situações na faculdade em que ocorrem embates, alguns professores, alguns professores se colocam numa posição política oposta à dos estudantes, às vezes a diretoria da faculdade se coloca numa posição que os alunos costumam criticar, existe alguma crítica estudantil, é comum o Show levantar a voz e criticar a postura, seja professor, seja algum dirigente, isso ocorre.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – A frase: “e a nossa graduação, um tal de Milton abandonou. Sou cobrado a ter moral, mas isso ele não demonstrou”.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Especificamente em relação a essa frase, em 2011 eu não estava inserido no contexto da faculdade, eu não sei qual foi a crítica ao professor Milton, não sei qual foi exatamente o motivo que possa ter gerado isso, não sei da onde surgiu essa crítica. Eu sei só em termos genéricos o que ocorre. Esse ano, por exemplo, 2014, que eu posso dizer porque eu fui o diretor do Show a reitoria da USP, o professor Marco Antônio Zago propôs a desvinculação do Hospital Universitário da Universidade de São Paulo e isso gerou uma revolta muito grande dos estudantes, principalmente os da área da saúde como medicina, enfermagem, nutrição, diversas áreas da saúde. Houve uma mobilização muito grande e teve um quadro do Show em que isso foi representado. E, sim, houve a demonstração do reitor na peça, individual, isso ocorreu, porque houve uma crítica à postura que ele tomou de desvinculação do Hospital Universitário e, de fato, isso aconteceu.

Em 2011, especificamente, sinceramente eu era calouro, eu não me recordo do que estava acontecendo na graduação da faculdade, não sei.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você era calouro, mas você era estudante de medicina.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Sim.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você participou do Show, você não era um menino de cinco anos do pré, primário. Você era um estudante de

medicina da USP, você participou desse espetáculo, você é o diretor do Show, é um dos caras mais importantes da hierarquia do Show.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Em 2014 sim, eu fui o diretor. Em 2011, especificamente o coral, que é o que foi apresentado, eu nunca participei.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Por que você não pede desculpas ao professor Milton desse vexame? Seria muito mais humano e muito mais direto, do que essa vergonha de você ficar aqui. Fala para ele “oh, professor, estou profundamente envergonhado desse negócio que aconteceu em 2011”.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Se houvesse alguma situação que eu tivesse feito parte e que eu me considerasse arrependido, eu certamente pediria desculpas. O que eu posso fazer é entrar em contato com quem participou da elaboração dessa peça, o diretor da época e verificar se ele está disposto a isso. Eu, especificamente, não me sinto à vontade de responder por uma coisa que eu não participei.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tem mais vídeos aí dos outros Shows? Deputada, com a palavra.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Professor Milton, por favor. Em nome da sociedade, em nome de toda a ciência que a gente sabe que o senhor faz e transmite, nós, aqui desta mesa, enquanto deputado, estamos constrangidos com essa situação e pedimos desculpa por expô-los desta forma.

(Palmas.)

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Aceite aqui as nossas considerações. O senhor é uma pessoa ilibada, de grande respeito, notório reconhecimento social e moral e nós aqui pedimos para o senhor que entenda a nossa situação. Nós precisamos do senhor aqui porque pessoas corajosas como o senhor existem muito poucas. Professor, muito obrigada, deus o abençoe por estar aqui e perdoa essa situação. Obrigada.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Professor Milton, com a palavra. Senta conosco aqui, professor.

O SR. MILTON ARRUDA – Boa tarde a todos, é uma enorme satisfação estar aqui presente. Eu vou me apresentar primeiro. Eu sou Milton de Arruda Martins, professor titular de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da USP. Na verdade, por incrível que pareça, eu sou professor titular há 20 anos, tenho 60 anos.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Professor titular há 20 anos.

O SR. MILTON ARRUDA – Sim. Sou titular desde que eu tinha 40 anos, agora eu tenho 60.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Professor, então eu acho que eu já descobri porque perseguem o senhor. É alguém que quer que o senhor morra para ocupar a sua vaga.

O SR. MILTON ARRUDA – Provavelmente. Mas, eu fui coordenador do curso de Medicina durante dez anos, agora eu não sou mais, eu deixei no final de 2010. E eu imagino que essa apresentação do Show é de 2011. Eu não sabia que eu estava sendo chamado aqui para conversar sobre o Show. Mas, eu vou fazer algumas considerações. Primeiro, eu vou... Quando o deputado Adriano Diogo, e eu o saúdo e agradeço o convite, leu o texto, aí eu entendi exatamente qual era o contexto e é importante eu explicar para os senhores deputados e para quem não está habituado ao contexto da Faculdade de Medicina o contexto dessa apresentação, dessa música.

Eu reconheço que essa música tem um viés de discriminação contra nordestinos, então não é uma música neutra com certeza. Agora, em relação a mim, eu não me senti humilhado por essa música e eu vou explicar por quê. Eu me senti duplamente elogiado, apesar de que o Show Medicina, como eu sou uma pessoa muito presente no dia-a-dia da Faculdade de Medicina, eu sou um professor em tempo integral, dedicação exclusiva, e eu defendo os meus pontos de vista... Na verdade, eu sou uma pessoa que, eu não tenho consultório particular e eu decidi, desde que eu me formei, decidi me dedicar ao ensino público e assistência à saúde pública de qualidade. Então, eu sou um membro do partido do Sistema Único de Saúde e da educação pública de qualidade para a sociedade, esse é o meu jeito de encarar a vida e o meu dia-a-dia é esse.

Agora, como eu sou muito presente na faculdade, eu era o coordenador da graduação e estou muito presente no ensino, eu sempre fui personagem no Show, eu sempre fui retratado no Show. Até havia um aluno, que hoje é médico anestesista, que como é parecido comigo todo ano fazia papel de Milton Arruda. Então, haviam vários quadros em que ora eu era elogiado, ora eu era criticado. Mas, nesse, especificamente, eu vi dois elogios, primeiro “sou cobrado a ter moral”. Então, os estudantes reconheceram que eu sou uma pessoa na faculdade que exige que os alunos tenham valores. E segundo “a graduação ele abandonou”. Eu fui presidente da Comissão de Ensino até 2010, em 2011 eu tinha saído. Então, talvez, eles estivessem reclamando que eu não estivesse mais na graduação.

Agora, a crítica que eles fizeram a mim foi em relação à minha posição política, porque durante o ano de 2011 eu pedi licença da Faculdade de Medicina e eu aceitei o

convite para ser secretário de Gestão do Trabalho e d Educação na Saúde do Ministério da Educação. No primeiro ano do governo Dilma, eu era secretário no ministro Alexandre Padilha. E o ministro Alexandre Padilha, naquele ano, junto com o ministro Fernando Haddad fizeram uma portaria instituindo o Provac, Programa de Valorização da Atenção Básica, que é um programa, até hoje, extremamente polêmico, e na verdade é um programa em que o médico recém-formado aceita trabalhar numa área de vulnerabilidade em troca de um salário, e se ele trabalhar um ano ele tem um bônus de 10% no exame de residência e é isso que estava sendo criticado.

Eu como secretário da Educação e do Trabalho na época defendia as posições do ministro, claro. Apesar de que hoje eu digo que havia um pequeno detalhe naquele programa, que eu fui voto vencido, que eu achava que a adesão das instituições devia ser voluntária e não compulsória. E os alunos estavam se sentindo excluídos.

Agora, de uma forma geral, eu queria falar algumas coisas sobre o Show Medicina, então, já que eu... Eu nunca me senti humilhado pelo Show por eu ser um professor adulto, e eu acho que na minha posição... Agora, eu sempre achei que o Show era um humor de um certo viés conservador. E eu sei que esse ano o aluno Felipe Scalisa, que aqui está presente, se sentiu profundamente humilhado pelo Show e ele me procurou e contou isso e mostrou o filme, e eu vi o filme e eu percebi que se eu pudesse dar um conselho para o Show... Na verdade, eu já dei um conselho para o Show na congregação, e eu dou outro conselho para o Show aqui de público. O conselho que eu dei na congregação, e eu falei de público, isso está registrado, é que o grande problema do Show são os seus ensaios fechados em que, em alguns anos, isso deu margem a que violências entre colegas ocorressem. E isso é público e notório, tanto que isso foi relatado na audiência pública que o deputado Adriano Diogo presidiu e que depois deve ter sido relatado aqui na CPI também, então, é um fato público.

E o meu conselho para o Show foi para acabar com qualquer de violência de mais velhos contra mais novos por que vocês não transformam os seus ensaios em ensaios abertos? Por que eu como professor de medicina não posso ir e sentar na plateia e assistir todos os seus ensaios? No momento em que vocês transformam esses ensaios em ensaios que a comunidade pode participar o risco de violências inaceitáveis pode diminuir muito.

O segundo é... A crítica aos professores eu acho que passa, mas a crítica aos colegas é muito humilhante porque eles não têm muitas condições de se defenderem depois. Eu,

apesar de eventualmente não gostar e de achar muitos quadros de mau gosto e reiterar... As apresentações do Show que eu assisti, que foram poucas, têm sempre um viés muito conservador. Na minha opinião de professor, eu acho que a crítica específica a colegas deveria ser banida do Show Medicina. Eu acho que isso seria uma coisa que evitaria muito... Porque a questão em relação aos direitos humanos não é sua intenção de humilhar é o sentimento de ser humilhado, de quem sofre a violência. E eu acho que essa é que é a questão, é uma das questões centrais quando a gente discute. E outra coisa que eu tenho falado para os alunos, eu acho que a Assembleia Legislativa nos ajudou muito, como os coletivos de alunos na faculdade também nos ajudaram muito, como a mobilização interna na faculdade nos ajudou muito.

Na audiência pública que eu tive a honra de participar, eu disse que nós tínhamos que reconhecer que nós tínhamos seríssimos problemas, mas que nós, como Faculdade de Medicina da USP, instituição líder, nós tínhamos que assumir a liderança em direitos humanos. E depois da audiência pública, do papel dos coletivos, da mobilização dos alunos, do papel da nossa comissão, que eu fui vice-presidente, o presidente era o professor Paulo Saldiva, da aprovação da congregação do nosso relatório, nós avançamos muito e nós estamos, realmente, trabalhando bastante.

Mas, eu quero agradecer a colaboração da Assembleia Legislativa nesse sentido. Não sei se gostariam que eu prestasse mais algum esclarecimento. Eu agradeço o pedido de desculpas, mas eu acho que realmente o pedido de desculpas tem que ser ao acadêmico Felipe Scalisa.

(Palmas.)

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Professor, duas questões. A primeira delas, o senhor deixa claro que é um evento conservador. O que significa para o senhor a palavra conservador?

O SR. MILTON ARRUDA – Veja, eu não estou falando na disposição atual dos diretores do Show em fazer mudanças importantes que eu reconheço a intenção deles. Mas, em muitos eventos do Show Medicina posições de defesa do privado contra o público, aí eu chamo de conservador, posições machistas, aí eu chamo de conservador, foram características importantes dos quadros do Show, não de todos, mas de vários. E isso é uma coisa histórica. Desde que eu estou na faculdade, o Show Medicina tem essa característica. Talvez seja uma tradição que merecesse realmente uma revisão séria.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Professor, o senhor concorda comigo que mudar é sinal de inteligência?

O SR. MILTON ARRUDA – Com certeza, os nossos alunos são extremamente inteligentes e acho que eles têm condição de rever a forma deles atuarem.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Então, assim, do discurso para a prática, entre o que o senhor coloca e a prática que nós estamos observando e vivendo aqui doloridamente durante essa CPI, porque ela também nos afeta como pessoa, como mulher, como cidadão, porque eu vejo o meu dinheiro público jogado fora quando se pega materiais que poderiam ser usados com pacientes para brincadeiras banais. E material esterilizado, ou não, que seja, mas é patrimônio público usado com coisas banais. Então, isso me ofende bastante.

O SR. MILTON ARRUDA – Com certeza.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – O senhor não acha que realmente esse sinal de inteligência precisa ser ativado? Quer dizer, não é porque é tradição que eu tenho que continuar fazendo, se é tradição, eu tenho que melhorar as tradições, em vez de piorar? Porque a violência das tradições está muito perversa.

O SR. MILTON ARRUDA – Então, eu me lembro da última reunião da nossa congregação que discutiu o relatório da nossa comissão se discutiu um pouco essa questão da defesa das tradições. E aí um dos nossos professores, o professor Pedro Puech Leão, levantou e disse: “eu sou o que mais tem condição de falar de tradição porque meu pai foi professor titular desta faculdade e meu tio avô está nesse quadro que está na congregação, é um dos fundadores da faculdade. Quando o meu tio avô era professor da faculdade, havia cinzeiros na sala da congregação. A tradição era que as pessoas fumassem na sala”.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Inclusive, era status.

O SR. MILTON ARRUDA – Exatamente, então, a tradição só tem sentido de ser mantida se ela se mostrar a favor da sociedade, se não ela tem que ser... Nem tudo que é novo é bom e nem tudo que é tradicional é ruim, mas tradições têm que ser revistas. E acho que esse é o momento de rever tradições e, como o professor Paulo Saldiva falou, quando ele fez o depoimento dele, “a gente tem que rever as tradições e as tradições que não forem adequadas devem ser mudadas”. E ele disse porque quando nós éramos estudantes, a sociedade aceitava coisas que hoje não aceita mais, e isso é uma evolução extremamente positiva da conquista progressiva da cidadania no nosso país. Então, coisas que a gente achava normais, hoje não são, e felizmente não são. Então, eu concordo com a senhora plenamente.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Professor, o senhor pode afirmar, ou pelo menos argumentar, que houve escárnio em relação à pessoa do aluno Felipe Scalisa?

O SR. MILTON ARRUDA – Eu não assisti o Show, mas o Felipe me mostrou a gravação. Estava sendo representado o Felipe Scalisa, tanto que o nome dele era “Fiscaliza”. Quer dizer, o nome do personagem era “Fiscaliza”, era o Felipe Scalisa como o fiscal do comportamento politicamente correto. Foi isso o que eu entendi como um... E ele se sentiu muito humilhado com isso. Então, essa é a minha opinião.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – O senhor era o coordenador da graduação essa época?

O SR. MILTON ARRUDA – Não, não era mais.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Obrigada.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Professor, amanhã vai ter um churrasco de recepção aos calouros na Faculdade de Medicina, ele diverge de toda orientação. É aquele rito de passagem para começar a cadeia da subserviência. O Show, os integrantes do Show, cada dia se caracterizam. Tem um rapaz aqui que ele está criando todas as dificuldades para vir depor, mas ele pôs um texto na rede, ele se chama Rodrigo Bolini de Oliveira. O que ele pôs na rede e falou a nosso respeito? Mandou para todos os meus amigos, todos os deputados, pediu que ele fosse ouvido numa sessão sei lá que tipo.

Ele diz o seguinte “A CPI se organiza de modo acusatório. Primeiro são ouvidas as supostas vítimas, cria-se um barulho na mídia, em seguida são chamados os dirigentes das faculdades, que são pressionados a promover punições. Só então são convocados os

acusados para serem atacados com perguntas e intenção que incriminaria expostos ao público, humilhados e submetidos a acusações. Suas cabeças são postas como troféu. Se o problema é cultural, por que nenhum outro aluno da faculdade foi convocado para falar a respeito? Existem mais de mil outros alunos, e a voz dessas pessoas?

Se o problema é cultural, por que não se faz a inquirição de outras faculdades de medicina no mesmo tom? Parafraseando Paulo Freire, sobre os deputados cuja trajetória política até esses tristes eventos eu respeitava muito, “quando a vida não é libertadora, o sonho do perseguido é tornar-se perseguidor”.

Então, a pessoa que assina esse texto é Rodrigo Bolini de Oliveira Lima. Ele fez um texto de seis páginas avocando a memória de Antônio Cabral, de Gelson Reicher, de Reinaldo Murano, e faz acusações seríssimas ao nosso papel. Maurício **Stecler**, Eduardo **Begê**, dos judeus, mas ele não aparece para depor. Então, eu queria entender, caro Silvio Tacla... Primeiro eu gostaria de passar o vídeo de novo, agora que todas as pessoas entenderam o que estava escrito. Porque, Silvio Tacla, tem uma coisa que vocês não conseguem explicar, por que mulher não pode participar do Show? Então, vamos ver os homens que fazem papel de mulher nesse Show e vamos repetir, e daí eu vou começar a fazer umas perguntas para você. Vamos repetir, agora que todo mundo tem clareza do áudio, o que é, e nós vamos reconstituir.

Eu preferia manter o Sr. Rodrigo Bolini distante, porque ele tentou me... Eu vou responder linha por linha do Sr. Rodrigo Bolini, linha por linha. Ele não tem o direito de usar a imagem de Gelson Reicher Cabral, não tem. Não tem procuração nenhuma para isso, mas eu vou discutir isso. Vamos passar o vídeo de novo.

(Vídeo é exibido)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu queria fazer uma sugestão, Silvio, se você continuar no Show, que vocês legendassem, porque é tão grotesco, é tão desumano, é tão mal interpretado que era melhor por letra para todo mundo, e para vocês mandarem para os seus pais, para os familiares essas coisas para eles terem uma ideia

do que vocês fazem lá na faculdade. Vocês deviam por as letras das músicas em legenda, custa tão pouquinho. Vocês deviam por nos textos, todos eles legendados. Eu gostaria que o pessoal lá em Bauru soubesse o que o Turra, qual a interpretação que o pessoal fez do Turra se chocando ocasionalmente com a porta do Serviço de Verificação de Óbito. Se identifica e fala.

O SR. LUIZA MARTINS DE OLIVEIRA RIBEIRO – Meu nome é Luiza Martins de Oliveira Ribeiro e eu sou aluna do terceiro ano da Faculdade de Medicina da USP. Eu queria aqui falar primeiro que todos os depoentes do Show se colocam muito como representantes dos alunos da faculdade. Isso é uma mentira, porque, assim como eu, e assim como vários outros, a gente tem muitas, muitas críticas ao Show. Como mulher, a minha crítica é particular porque mesmo as participantes do Show, embora elas estejam lá de livre vontade, elas não têm voz, elas costuram porque é a tradição. E, como cidadã, eu me sinto profundamente ofendida pelas coisas que o Show faz à Faculdade de Medicina. Todo setembro aparecem coisas estragadas dentro da Faculdade de Medicina, projetor que já foi quebrado por derrubarem cerveja durante ensaio do Show Medicina, alunos de ressaca ou mesmo bêbados nos outros dias na aula, com roupas do centro cirúrgico.

E aconteceu uma coisa no ano de 2013, ano retrasado. Eu, já sabendo dessas coisas, fui no teatrão, Teatro da Faculdade de Medicina da USP, na segunda-feira depois do Show. Cheguei lá às 11h30, as funcionárias ainda estavam limpando a bagunça que os artistas tinham deixado nas noites anteriores. Tinha vômito, confete, sei lá mais o que, tinha cadeira quebrada. Isso era 11h30, elas chegaram lá às 5h. Eu não acho que essas mulheres têm que vir da onde for para limpar vômito de marmanjo no teatro da faculdade, entendeu?

Foram tiradas fotos, estão em algum lugar daquela faculdade porque eu não sei onde estão. Eu fui atrás de quem tinha tirado as fotos e não consegui achar. E só isso, eu como aluna não me sinto representada. O senhor advogado mencionou os coletivos, eu sou parte do coletivo feminista Geni, não achei a mínima graça no tom alegórico, como que é? Alegoria em tom jocoso que eles fizeram sobre o coletivo. Enfim, eles não me representam e não representam muitos dos estudantes e da sociedade. Porque, no final, é só lembrar que

o teatro é patrimônio da cidade e a gente está pagando por isso no final, para vocês brincarem lá dentro. É isso o depoimento.

(Palmas.)

O SR. ALLAN BRUM – Meu nome é Allan Brum, eu já depus aqui em outros momentos. Eu queria agradecer o professor Milton. Em outros momentos, enquanto essas coisas aconteciam, ele foi um dos professores que acolheu os estudantes que sofreram violações, não só no que cerne ao Show Medicina, em outros momentos. E o professor comentou uma coisa, ele falou assim “eu não me sinto ofendido” porque ele separa bem o que é o pessoal e o político nesse caso, porque ele entende que a crítica que ele recebeu nesse dia não foi uma crítica pessoal, ninguém está atacando características particulares dele, estão criticando um posicionamento político dele, quando ele trabalhava no Ministério.

Ele também se referiu ao quadro do Scalisa, que teve um quadro só para ele esse ano. E o essencial é entender que é sempre político, sempre político, mesmo ao Scalisa, e qualquer um fica ofendido em relação a isso. Quando você fala de um espetáculo usa esse termo “de abrir a residência para os cabeças chatas” ou retratam um homossexual da faculdade, distinguindo bem seus trejeitos, é uma ofensa que serve para qualquer um, qualquer um pode se sentir ofendido com isso. O que o Show faz sistematicamente é isso. Não é à toa que o professor Milton, não foi a primeira vez que ele foi citado. Em geral, são os seus posicionamentos políticos que tendem a ser progressistas dentro da faculdade de medicina.

Só mais uma coisa. O Silvio acabou de colocar que o Show, em geral, representa o posicionamento político dos alunos, criticando a diretoria, em muitos casos. E, de fato, ele faz isso, esse é um exemplo, quando a diretoria, quando um professor titular se coloca favorável ao Provab. Eu também faço várias críticas ao Provab, mas isso é uma discussão **(ininteligível)**. Mas o interessante é, por exemplo, em 2013, que foi o ano que eu entrei na faculdade, estava em debate a questão do Pimesp e trouxeram o debate de cotas raciais para

a faculdade. E a diretoria da faculdade se posicionou contrariamente às cotas raciais, teve total apoio desses estudantes, principalmente, e o argumento da diretoria na época é que a faculdade é uma faculdade de excelência e precisa ter os melhores na faculdade, você não pode utilizar políticas afirmativas para selecionar alunos e tal, e esse tipo de posicionamento da diretoria, esse argumento da meritocracia é bastante questionável, mas não vamos entrar nessa discussão.

Mas, o interessante é o Show Medicina não se posicionou sobre isso, ele avalizou essa postura, ele está aí para criticar outras coisas. O Show Medicina está aí para criticar quando vêm nordestinos para a Faculdade de Medicina. E é isso que está em cheque aqui, é sempre político, qualquer crítica que ele vá fazer, seja ao Milton, seja ao Scalisa, é sempre política. Às vezes com características particulares porque o Show também é homofóbico, ele vai criticar homossexuais. Vários professores são citados, o Scalisa é só mais um. O fato de ele ser estudante, ser professor é indiferente para o Show Medicina. Obrigado.

O SR. FELIPE SCALISA – Obrigado pela oportunidade, sou Felipe Scalisa. Eu gostaria de fazer algumas ponderações, acho que eu tenho o direito de trazer esse posicionamento às claras. Bom, a primeira coisa que eu gostaria de trazer à atenção é uma análise semiótica desse pequeno vídeo, dessa pequena peça. Ela se inicia colocando uma apropriação pelos estudantes do espaço da faculdade, das vagas de residência como se fosse de direito deles. E, de fato, existe um jargão na faculdade de que a casa é para os da casa. Isso é universalmente conhecido, eu espero que não neguem esses fatos elementares da realidade da faculdade porque é isso que tem sido feito aqui. Tem nos negado a verdade sobre o que aconteceu, as verdades mais básicas.

E gostaria também de comentar que uma das formas mais agressivas de violência, para além do ato violento em si, é você retirar da pessoa o direito de classificar a sua própria violência. É tirar da pessoa a capacidade de poder dizer que ela sofreu uma agressão, ela poder determinar que agressão foi essa e poder buscar a reparação.

Vamos lá. Esse quadro, que depois vou passar para o meu, especificamente, ele começa fazendo um apontamento para essa apropriação do espaço da faculdade, com o

velho jargão “da casa para os da casa”. Depois ele começa a estereotipar nordestinos, comentando sobre as cabeças chatas e, finalmente, faz uma convocação dos estudantes contra esse grupo que está invadindo e tirando nossos privilégios. Isso, em Ciência Política, se chama fascismo e eu não tenho medo de usar esse nome.

Em relação ao meu quadro. Existe uma falácia, e eu vou utilizar justamente o estereótipo que eles pegaram de mim, que é de que... Utilizando o termo falácia... Eu fiz curso de retórica na USP, me preocupei em fazer isso e eu identifico falácias, inclusive, me destaco na faculdade por isso. E existe uma falácia que se chama toquenismo, que é quando você tem um membro de um determinado grupo social e vocês utilizam esse membro para balizar de críticas. Então, vocês são agora capazes de fazer piadas homofóbicas, mas pelo fato de ter um homossexual lá dentro que tolera isso, ela perde o caráter de homofobia e as pessoas que...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Felipe, por favor, fala mais devagar um pouquinho?

O SR. FELIPE SCALISA – Com certeza. Eu estava comentando sobre a falácia do toquenismo, que é pegar um membro de um grupo determinado e, a partir do pertencimento desse membro ao grupo, você se blindar de críticas aos preconceitos a esse grupo. Isso é uma falácia categorizada em livros de retórica, então, por favor, advogados...

Finalmente, vamos lá, meu quadro. Ele se inicia falando que vai ter uma entrevista com ele, e a partir do momento todos já aplaudem, identificando quem seria este “ele”. Em segundo momento, ele faz menção à erudição e ao reconhecimento na faculdade em relação ao meu vocabulário. Finalmente, ele comenta sobre cantar em karaokês músicas de Mariah Carey. Eu comento que quando eu fui calouro eu cantei no recital da USP uma música específica da Mariah Carey. Isso foi motivo de piada, de aplausos à piada feita pelo personagem, que é alegórico, claro. Eu não sei como que algumas pessoas, de tamanho cinismo, conseguem dormir à noite, mas isso é só uma alegoria, gente, não se sintam

pessoalmente ofendidos. E, finalmente, a gente tem ali todo o discurso de que há uma censura às piadas do Show.

Vamos lá, a piada é essa, quais seriam os sujeitos da faculdade que pediriam para que essas piadas não fossem mais reproduzidas por ferirem direitos humanos? Só existem pouquíssimos sujeitos políticos na faculdade que fazem isso e muito bem delimitados, que são os coletivos, tanto NEGSS, Núcleo de Estudo em Gênero, Saúde e Sexualidade, Coletivo Construção, que estuda políticas de saúde e o Coletivo Feminista Geni. São as únicas entidades que se opõem a piadas que ferem direitos humanos, e isso é visto como um tipo de ditadura, como um tipo de censura. E aí se mostra a inversão ideológica do que significa a liberdade de expressão para uma instituição como o Show Medicina. E é por isso que ela fere direitos humanos radicalmente, porque ela nega o direito dos grupos oprimidos de protestarem contra a opressão.

Então, eu me senti profundamente ofendido com a peça. Todos viram isso, eu conversei com o Silvio depois da peça, nós conversamos sobre isso sim. Conversei com o Rodrigo, conversei com o Tander, conversei com o Fi, conversei com o Erikson, vários já me pediram desculpas, vários já assumiram a existência do quadro referente a mim. O **Streicher**, você deve conhecer, entrou numa sala em que nós estávamos reunidos no dia do Show e disse “muito obrigado, coletivo, vocês deram muitas pautas para a gente fazer piada hoje”. Durante a peça, Andressa de Oliveira, que está ali, ouviu nos corredores “nós temos muitas outras piadas com o Scalisa para fazer essa noite”, e realmente tinha. Eu não era só o quadro da Marília Gabriela, eu era o guardinha que aparecia o tempo todo podendo todas as piadas.

E, finalmente, me senti ofendido e eu me sinto ainda mais ofendido quando isso é negado, é um delírio meu, eu sou uma pessoa, provavelmente, histérica, que eu estou olhando opressão onde não tem, eu estou olhando representações minhas onde não existem, e eu deveria, na verdade, me sentir em paz com o que aconteceu ali. Realmente, não houve agressões a mim na faculdade esse ano, realmente o coletivo não fez nota de repúdio de abuso sexual, realmente os coletivos não fizeram nota de repúdio à homofobia na festa Carecas no Bosque, realmente não teve nada disso na faculdade. A crítica às notas de repúdio e à censura veio do nada e nós todos aqui nesta CPI estamos delirando, a Assembleia Legislativa é delirante porque ela está falando de violações de direitos humanos

na Faculdade de Medicina. E os nossos convidados que depois tiveram que ser convocados para vir depor eles negam até mesmo que sabiam, que poderia ter a hipótese de alguém se sentir ferido com uma piada.

Bom, queria deixar aqui a minha insatisfação mais uma vez, o quanto eu me senti ofendido com isso, a violência secundária que isso leva, o trauma que isso carrega, a difamação que isso traz para a carreira profissional, não é fácil ver 400 pessoas aplaudindo, rindo de você por defender direitos humanos. Eu acho que o Show Medicina endosso isso com exímio caráter de deboche ao longo de 2014 e fechou com chave de ouro o ciclo de opressão que os coletivos foram submetidos. Obrigado.

(Palmas.)

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Felipe, só uma pergunta por favor. É que eu estava ouvindo o seu relato e eu só queria verificar o seguinte. Após o show, você chegou a relatar que você se sentiu humilhado e você chegou a falar para o Michel Oliveira Souza?

O SR. FELIPE SCALISA – Para o Michel não, eu não conhecia esse menino até eu vê-lo me representando.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Esse constrangimento que você relatou você fez especificamente para uma pessoa ou você acha que, da maneira como foi feito, os integrantes do Show Medicina não têm como dizer que não souberam de manifestações contrárias.

O SR. FELIPE SCALISA – Eu fiz manifestações públicas durante a peça, no fim da peça, na saída da peça, com membros do Show Medicina, diretores da Atlética, diretores do Show Medicina, conversei com eles, muitos me pediram desculpas.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Então foi público e notório que você se sentiu agredido?

O SR. FELIPE SCALISA – Sim.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Ok, obrigado.

A SRA. CARINA VITRAL – Meu nome é Carina Vitral, eu sou estudante de Economia da PUC e sou presidenta da União Estadual dos Estudantes de São Paulo. É a primeira vez que eu estou vindo desde... Tenho acompanhado muito os trabalhos da CPI, antes das audiências públicas e vim aqui junto com a **Emanuelle**, que é a nossa diretora de mulheres para somarmos aos trabalhos da CPI aqui na Assembleia Legislativa. Queria começar cumprimentando os deputados, deputado Adriano Diogo, deputada Sarah Munhoz, vice e presidente, que têm desenvolvido um trabalho muito importante. Eu acho que é preciso saudar quando o estado, quando uma Casa tão importante como a Assembleia Legislativa, que na sua função é mudar leis, produzir leis que avancem, inclusive, no sentido da consciência da sociedade tomam pra si um tema tão importante, tão vivido principalmente entre nós, estudantes.

Eu acho, e eu falo aqui como estudante e como eu, sim, representante eleita dos estudantes e como uma entidade representativa. Acho que a colega citou aqui que uma Atlética e o Show Medicina não são representativos porque ele não é eleito pelos estudantes. O Daoc sim é uma entidade representativa no caso ali da medicina. E aí sim, eu como entidade representativa, eu como estudante que pretendo coletivamente representar

um conjunto dos estudantes, estamos muito preocupados com as práticas que acontecem em relação ao trote. Eu queria refletir sobre isso porque não se trata de manter ou não uma tradição, mas o trote é um rito de passagem de uma coisa que deveria ser comemorada pela sociedade que é você entrar numa universidade, você mudar de ciclo na sua vida, você sair da escola e atingir a universidade. Deveria ser um rito de passagem comemorado pela sociedade, ainda mais num curso de medicina da Universidade de São Paulo, que é um curso onde milhares de estudantes se matam seja nos cursinhos, seja aqueles que não têm oportunidade de estudar em cursinho, se matam de estudar para passar. E um curso, inclusive, que poucos conseguem passar. Então, acho que precisava ser um rito de passagem a ser comemorado.

E não só na Faculdade de Medicina da USP, mas em várias faculdades esse rito de passagem se torna uma atitude violenta, se torna uma atitude soberba. E isso a União Estadual dos Estudantes, em conjunto com diretórios centrais, como da Unicamp, da USP, como diretórios acadêmicos do Mackenzie, da PUC, tem iniciado um debate para que a gente consiga fazer uma campanha de conscientização para isso.

E eu só queria terminar dizendo que eu concordo com o que o professor Milton disse. Eu acho que a gente precisa limpar o terreno, Silvio. Eu sou presidente de uma entidade eminentemente política. Oposição a reitores, a governos, a dirigentes a gente faz todo dia na União Estadual dos Estudantes. Nós nunca ofendemos uma mulher na sua condição de mulher, nós nunca ofendemos um negro na sua condição de negro, nós nunca ofendemos um homossexual na sua condição de homossexual para fazer oposição política, nunca fizemos isso.

Então, eu acho que a gente precisa limpar o terreno porque qualquer manifestação política precisa ser aceita e ela pode sim, inclusive, ter alvo. Agora, racismo, homofobia e machismo não é opinião, é opressão. É diferente de opinião. Você não tem direito de ter uma opinião que agrida um homossexual, você não tem direito de ter uma opinião que denigra uma pessoa negra, e você não tem direito de denegrir, diminuir uma mulher na sua condição de mulher, independente da sua posição política. E eu achei que isso foi usado como justificativa no caso do professor Milton, mas você não tem esse direito.

Quiçá um dia essa Assembleia Legislativa e, na verdade, a Câmara Federal possa aprovar como aprovou na lei contra o racismo, possa tornar a homofobia crime inafiançável como é o racismo e todos os idealizadores disso poderiam hoje estar atrás das grades.

(Palmas.)

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Só respondendo. É que, assim, de maneira nenhuma para ter uma opinião política a gente faz uso de opressão, de racismo, de homofobia, de maneira alguma. Queria deixar claro que isso não é, de maneira alguma, o que acontece no Show Medicina. Vocês apresentarem uma ou outra situação de algum ano específico que possa ser interpretada com essa conotação, tudo bem. Agora, como o próprio professor falou, o Show Medicina tem quatro horas, se vocês observarem o Show como um todo acho que podem ter uma noção um pouquinho melhor de como que ele é organizado, como ele é apresentado. Não é quatro horas de opressão de maneira alguma.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Pessoal está aqui o professor Antônio Almeida, que é o nosso grande orientador de todo esse trabalho. Amanhã começa aqui na Assembleia Legislativa, junto com a OAB, a campanha Trote é Crime de Tortura. Porque vocês sabem como é qualificado qualquer um desses crimes? Violento Atentado ao Pudor. Pode ser jogar o ácido na vagina da menina de Adamantina, pode ser jogar o ácido no olho, tudo é VAP, Violento Atentado ao Pudor. Até estupro entra no Violento Atentado ao Pudor. Isso não evolui, não evolui. Então, a partir de amanhã, a OAB vai lançar aqui na Assembleia Legislativa a campanha Trote é Crime de Tortura, não prescreve é inafiançável, enquadrado no capítulo da tortura.

E essas vão ser consideradas fatores indutores a esses crimes. Eles fazem apologia, essa é a nossa tese. Então, nós vamos ouvir o Silvio agora, fazer todas as perguntas. Eu não vou me calar enquanto esse moço, o Bolini, que fica me chamando de torturador, que eu incorporei o papel do torturador, eu não tenho problema. Ele não veio depor, faz três

semanas que ele não vem depor. E manda e-mail para todo mundo na rede, todo mundo, todos os deputados, para todos os meus amigos, porque ele quer vir depor sigilosamente. Vamos lá. Então, Silvio. Ele veio, mas não depôs. Falou que tinha plantão e tinha que se retirar, ele ia ser o primeiro a depor, o senhor pediu, o senhor falou com o deputado Marco Aurélio, ele foi embora, ele foi embora. E ele já tinha posto isso na rede. Eu vou ler o que ele pôs na rede a meu respeito. (Inaudível) eu vou ler tudo aqui, eu vou ler tudo. Silvio, vamos lá. (Inaudível) Ele veio, ficou branco lá “preciso ir embora, tenho plantão”, vazou. Vamos lá, Silvio. Então, eu peço que a OEE amanhã comece essa campanha. Estou repetindo, a menina de Adamantina que o cara jogou ácido na vagina, ele não jogou ácido nas pernas dela, ele jogou na vagina dela, na vagina. Vamos lá.

Quanto dinheiro você arrecadou como tesoureiro do Show, para o Show que você foi tesoureiro em 2012? Quanto arrecadou de dinheiro em 2013, como secretário? Quanto arrecadou de dinheiro em 2014, como diretor geral do Show?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Em relação à arrecadação...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não adianta entregar livro no Ministério Público. Você está me ofendendo, você está nos ofendendo. Você manda para o Ministério Público e não precisa mandar mais para a gente? Nós queremos a cópia desses livros de ouro com os quais você tem a ver.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Com relação à arrecadação de dinheiro, eu sei afirmar mais ou menos quanto eu arrecadei em 2012, que eu era tesoureiro, foi em torno de 80 mil reais.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quanto?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – 80, em torno de 75, 80 mil. Em 2013 e 2014 eu não tenho certeza do valor correto, mas eu imagino que tenha ficado em torno disso também. Em relação aos livros de ouro, é que são livros individuais que foram entregues a versão original lá e eu não tive nenhuma cópia comigo. Por isso que eu não consigo entregar a cópia. Eu posso solicitar para eles, não sei.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Onde está o Estatuto do Show Medicina?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – O Estatuto, que eu saiba, foi entregue tanto aqui na CPI quanto no Ministério Público.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Como vocês gastaram esse dinheiro arrecadado? O senhor tem o livro de ouro, isso é receita. Onde está o capítulo da despesa? Quem assinou esse balancete da despesa, como é que o dinheiro foi gasto?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Os gastos do dinheiro a gente não tem uma organização muito clara porque são muitos gastos pequenos. No geral, são para a elaboração do Show e das atividades que envolvem a realização.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Isso eu sei. Eu quero saber se o senhor vai entregar uma prestação de contas. A pergunta é a seguinte: como é que vocês fazem para contratar as prostitutas?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – O Show não contrata prostitutas.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ah, não? Mas você vai entregar a prestação de contas? Porque se você arrecada 80 mil reais ou 80 reais você tem que prestar contas, com isso você concorda?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Sim, a gente tem uma organização, não é muito bem organizado, que a gente passa de um para o outro para saber mais ou menos o quanto, como a gente arrecada.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Como arrecadam nós sabemos, são os livros de ouro. Como gastam? Vai prestar contas? É isso que eu quero saber.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu posso passar.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vocês têm por hábito fazer prestação de contas de gastos?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – A gente não tem uma discriminação muito exata.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O que quer dizer uma finança muito exata?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – A gente não controla todos os...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então, eu estou solicitando oficialmente que você entregue os gastos, tá? Uma prestação de contas de todos os gastos que vocês arrecadaram. Por que as alunas, está escrito no Estatuto que as alunas não participam do Show?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – De maneira alguma.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E por que elas não participam?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – As alunas participam da associação.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Da costura.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Sim.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Por que não do Show? Não estou perguntando da costura, estou perguntando do Show.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – A associação envolve todos os alunos, seja homens ou mulheres. Acontece que, como o Show foi organizado lá na década de 1940, naquela época existiam muito poucas mulheres na faculdade e o Show foi se constituindo como um grupo de homens que ia apresentando. Inclusive, muito da peça fazia graça, por exemplo, o balé que surgiu na década de 1950, fazia graça com vários homens vestidos de bailarina.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Deixa eu te facilitar para você não ficar tão atrapalhado. Tem Estatuto da Costura?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, todos os membros, sejam homens ou mulheres, fazem parte da mesma associação.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Mas tem um Estatuto específico da costura, das costureiras?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, é uma coisa só.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Mas tem um capítulo no Estatuto do Show que diz respeito às costureiras?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, isso é só uma organização interna, não está no Estatuto.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não está institucionalizado o papel da mulher?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, é uma organização interna.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não tem?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vocês já entregaram o Estatuto?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Sim, sim.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vamos lá. O que fala o Estatuto sobre a costura?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não existe discriminação no Estatuto nesse sentido.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não existe nenhuma menção à costura no Estatuto?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, fala em termos genéricos do Show só, como um todo.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tendo em vista que no Estatuto do Show todos os alunos são associados, o que você acha de alunos associados serem citados nominalmente na peça do Show, bem como professor? Como o Augusto, ou indiretamente, como a Ana e o Scalisa?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu já mencionei que citações individuais de alunos eu nunca fui a favor. Em relação a professores, o que o professor Milton falou é verdade, isso sempre tem acontecido, fazem décadas que a menção a professores tem ocorrido, tanto de maneira a elogiá-los quanto a críticas.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu perguntei dos alunos, a Ana, o Scalisa, o Augusto. Não falei de professores.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não houve menção direta a nenhum deles.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você continua dizendo que não houve menção nem direta nem indireta a nenhum deles. Como base no fato de o Estatuto dizer que todos os alunos são associados, você se consideram representativos?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – De maneira alguma. O Show se coloca como entidade representativa por causa do Estatuto. Quando eu disse que os alunos da

faculdade se sentem representados pelo Show, simplesmente porque no dia do Show o teatro lota de alunos e eles aplaudem muito a apresentação, isso demonstra que representa. Mas, de maneira alguma questão institucional oficial nesse sentido.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Como você encara a grande animosidade dos 400 espectadores do Show no dia 9 de outubro em relação ao quadro da Geni e ao quadro do Scalisa?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Em relação à reação da plateia, eu não posso comentar. Eu posso comentar sobre a realização do Show.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não estou perguntando da plateia. Você era o diretor geral de 2014, você montou toda aquela encenação da Ópera do Malandro.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Especificamente a Ópera do Malandro eu não montei nada, o diretor geral não é quem...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – da Geni.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, quem montou a Ópera do Malandro em 2014 foi o balé. Quem organiza o balé é o coreógrafo. Eu fazia parte da apresentação do balé, porque eu sou membro do balé. Mas, é uma produção coletiva dos membros do balé, tem o líder que é o coreógrafo, e não fui eu quem organizou a Ópera do Malandro em si, na verdade foi o coreógrafo, eu só participei da apresentação.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Mas você era o diretor geral ou não era?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Sim, mas o diretor geral não é quem elabora todo o roteiro do Show, o diretor geral organiza, vê quais quadros vão sair, organiza a ordem.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Qual era o duplo sentido de interpretar a Ópera do Malandro? Por que esse negócio de “joga bosta na Geni”? Qual era o sentido disso? Tinha alguma coisa que ver com o Grupo Geni, da faculdade?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu jamais vi nenhuma relação com o Coletivo Geni naquela peça.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Nenhuma relação?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Inclusive os membros do Show que foram os que elaboraram, não fui eu especificamente, foi um coreógrafo e um outro membro mais ativo do balé. Inclusive, são membros muito alinhados com as ideias dos coletivos.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quem era o coreógrafo?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – O coreógrafo era o Pedro.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Pedro o que?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Pedro Paiva.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Pedro Paiva era o coreógrafo.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Isso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E a outra pessoa do balé que você se refere como responsável?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – É quem representou a Geni, o Bruno Lepre.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Bruno Lepre. Foram eles dois?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não só. A ideia do tema é o coreógrafo que escolhe. Inclusive, esse tema, o Pedro veio me explicar que escolheu esse tema em novembro de 2013, um mês depois do Show de 2013 ter acontecido, naquela época esse coletivo nem existia. E ele não tinha nenhuma intenção de... Ele nem imaginava que esse coletivo fosse vir a aparecer naquele momento. E a representação dessa peça,

especificamente, que foi apresentada no final do Show para o resto dos membros, eu até confesso que foi uma representação bem pouco original da Ópera do Malandro. O que ele me explicou foi que ele se baseou muito em outros vídeos da Ópera do Malandro.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tem alguma imagem aí da Ópera do Malandro para a gente ver o balé, a coreografia? Ou só aquelas bem prejudicadas? Tem alguma coisa de boa qualidade para a gente exhibir. Você, como aluno do quarto anos, participou especificamente do quadro do Scalisa? Sendo visto nas filmagens como um dos personagens. Como a montagem desse quadro ocorreu em todo o processo criativo?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Tanto esse quadro como qualquer outro quadro são organizados por algumas pessoas específicas. Como eu era diretor, eu não tive muito tempo de participar da produção ativa desse quadro, mas como eu era da turma do quarto ano, eu tinha que pegar algum papel, eu acabei representando o Pedro Bial, que a gente fez um quadrinho do Big Brother, eu representei o Pedro Bial no palco. Que a gente estava fazendo uma brincadeira sobre o internato, quem iria ser excluído dos grupos do internato mais concorridos.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Pedro Bial você está dizendo que fez uma simulação do BBB, é isso?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – É fez uma simulação do Big Brother.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Big Brother, entendi. Então, vamos ver esse trecho aí, por favor.

(Vídeo é exibido)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Nem a Sherazade faria pior, né? Em termos de linchamento de uma pessoa.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Silvio, nesse Show específico você é o diretor?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Sim, sim.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Você sustentou a ideia de que fazer o tema Geni ocorreu lá atrás, antes do nascimento do coletivo Geni. Então, depois que teve a ideia, depois que se colocou como ideia do Show Medicina ter a temática Geni, depois disso surgiu o coletivo Geni na faculdade, é isso?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Sim, sim.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – A minha pergunta é o seguinte. Tendo surgido na faculdade um coletivo com o nome Geni, cuja luta é uma luta de defesa contra a discriminação, direitos humanos, uma luta justa do ponto de vista dos princípios que defende, por parte de vocês que estavam organizando o Show Medicina em nenhum momento vocês acharam que a temática Geni, colocada no Show, poderia ser agressiva ao coletivo Geni?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – De maneira alguma porque, na verdade, o tema não foi o tema Geni, o tema foi a Ópera do Malandro. Inclusive, eu até gostaria de ter os vídeos do Show, que está sendo muito pedido aqui, para que eu pudesse mostrar o balé inteiro que foi representado boa parte das músicas que compõem a Ópera do Malandro como um todo. E não envolve só as músicas, envolve as músicas, envolve as telas que são feitas no final, que aparecem no fundo, envolvem as fantasias e tudo mais.

As ideias vêm muito antes. Os responsáveis pelas ideias, logo depois que acabam o Show começam a pensar nas ideias seguintes. E de maneira alguma eles pensaram que o fato de uma das músicas, o tema da Geni, tivesse alguma relação com alguma ofensa direta ao coletivo. Até porque o que foi representado não foi nada diferente do que é representado em qualquer outra peça da Ópera do Malandro. A gente se baseou especificamente em outros vídeos, inclusive, a gente até marcou de um dia assistir a Ópera do Malandro que estava passando, a gente acabou não conseguindo ir assistir porque estava lotado no dia, a gente não tinha ingresso. A gente acabou assistindo mesmo na tela. A gente assistiu alguns vídeos e até fez uma representação bem pouco original, foi baseado nas outras representações.

Não houve, de nenhuma maneira, nada específico atacando o coletivo. Como eu falei, a reação da plateia eu não estou aqui para comentar. Eu posso falar a nossa intenção, a nossa elaboração e de maneira nenhuma teve conotação nesse sentido.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – depois do Show você recebeu reclamações do coletivo?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Nenhuma reclamação?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Nenhuma manifestação de que foi compreendido isso como uma provocação?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Para mim não chegou nada.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Não chegou nada?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O seu discurso é de um primarismo tão exacerbado que eu fico impressionado. Vocês quererem se comparar com a Ópera da Geni do Chico? Agora, vamos esquecer a Ópera do Malandro. Na realidade, o que vocês sugerem nessa cena é um linchamento de um ser humano. Vamos pôr de novo para ver se o rapaz assimila. Vocês sugerem o linchamento do nome de uma pessoa e de um ser humano. Não é possível que vocês sendo estudantes, diretor geral do Show Medicina, não entenda. Olha, eu sou um pobre coitado, geólogo, atirador de pedra da cruz. Veja o que está escrito aí. Põe de novo, Danilo.

(Vídeo é exibido)

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Em relação à representação, como eu falei, se vocês forem ver em outros vídeos, pode ser na internet mesmo, digitar no Youtube, “Geni e o Zepelim representação” segue muito esse modelo de que a Geni fica sendo silenciada, porque ela é uma vítima na peça da Ópera do Malandro, e no final ela sai como vitoriosa, que foi isso que foi representado. Foi um momento de silêncio, aí foram feitas as coreografias, porque o balé sempre faz essas coreografias e no final a Geni dá um salto e os membros saem de lado. Foi muito semelhante ao...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quando chega o Zepelim, né?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Isso, exatamente.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Aí o tripulante do Zepelim...

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Fica com a Geni.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Fica com a Geni. Aí por esses momentos ela é salva, depois ela passa...

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Depois ela volta a ser...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então, você reconhece que vocês são tremendos seguidores da obra do Chico Buarque?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu confesso que eu, pessoalmente...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E quem é o malandro nessa história toda aí?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu, pessoalmente, nem conhecia direito a Ópera do Malandro antes de participar do Show. Quem era um grande entusiasta era justamente quem escolheu o tema, que é o Pedro. O balé, especificamente, não tem uma representação de crítica tão direta, ele é mais uma representação de um tema que segue...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – A pergunta que eu quero lhe fazer é assim: qual é o enredo da peça Ópera do Malandro? Como é que entra o personagem Geni, o Zepelim? Como é que é o enredo, como é que vocês fizeram a comparação? Porque você diz que não tem nada a ver com o Coletivo Geni. Eu vou dizer o que eu acho para não ficar ruim, o seu advogado não ficar tão nervoso. Eu acho que a pessoa que foi a tentativa lá era o Felipe Scalisa. Era uma proposta pública de linchamento para 400 pessoas contra o Felipe Scalisa. E o Geni era o coletivo que estava enfrentando vocês. Então, vocês aproveitaram as palavras, tipo “joga bosta na Geni”, joga isso, joga aquilo, aproveitaram Geni, fizeram uma colagem, e o personagem a ser linchado até fisicamente, mas moralmente, eticamente, tal, era o Felipe Scalisa e todo o Coletivo Geni, das meninas. E aí vocês aproveitaram esse pretexto, vocês não conheciam a Ópera do Malandro, nunca ouviram falar em Paulo Pontes, Chico Buarque, nada, nada, nada, vocês pegaram, fizeram essa caricatura e propuseram o linchamento público dos coletivos e particular, da figura, vocês propuseram o linchamento.

O ator só não sofre a agressão física de contato, o resto. Então, vocês fizeram apologia ao crime, apologia ao linchamento, apologia à destruição e usaram uma obra

indevidamente. Eu, se fosse o Chico Buarque, os processava por ter feito uma apropriação absurda da obra, não tem parâmetro. Essa é a minha opinião. Então, você está depondo, e eu vou por tudo isso no relatório, que eu estou acreditando... Eu não sou relator, vou sugerir ao relator e vou tentar aprovar no relatório o que eu acho dessa encenação da Ópera do Malandro. Então, é bom que vocês tenham aqui bastante tempo, bastante espaço para explicar as coisas direito. Porque nós queremos fazer desse exemplo de um pedido de linchamento nos mesmos moldes que a Sherazade faz no SBT, pedindo para linchar, não sei o que, vocês fizeram uma associação.

Vocês pegaram uma obra que vocês não conheciam, não sabiam o que o Chico estava querendo dizer, fizeram uma transposição caricatural, super agressiva. E você, vocês não é diretor do Show Medicina por acaso. Você é um menino muito preparado, muito esclarecido. Você pode estar fazendo respostas defensivas, nada contando contra o Show. Embora diretor geral, você não é o responsável direto. Criação coletiva, eu sei o que é uma criação coletiva. Agora, você assinou esse Show, você é o diretor geral, você tem que responder por isso, amigo. Acabou aquele negócio de estar tudo entre quatro paredes e o mundo não saber. Imagina, teve uma edição especial do jornal El País sobre vocês, na Espanha, entendeu?

Existem 85 universidades americanas sob intervenção federal por causa dessas práticas, 85 universidades federais. Existe uma minissérie americana chamada “Lei & Ordem” só para tratar desses assuntos que vocês tratam dentro das quatro paredes da Faculdade de Medicina. Tem uma série chamada “Stalker” que faz isso nos Estados Unidos inteirinho. Tem reitores sendo processados. Entendeu a dimensão agora do que vocês estão fazendo? Vocês entenderam?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Repetindo, de maneira nenhuma nessa peça específica eu não vi nenhuma relação com o Felipe Scalisa e também não vi nenhuma relação com o Coletivo Geni. Como eu disse, eu pessoalmente não conhecia a Ópera do Malandro, essa Ópera me foi apresentada pelo Pedro que antes do Show me falou da ideia do tema, eu falei que achava uma boa ideia. Eu nem sabia direito se a música da Geni ia fazer parte ou não. Eu só fui ver melhor no dia que a gente foi ver. Ele marcou um dia para

a gente ver a peça, acabou não conseguindo ir por falta de ingresso e aí a gente voltou a assistir a peça no vídeo e se baseou nisso. Vários alunos representaram o Malandro, um deles era, inclusive, o Gustavo, o Palmito, que ele participou ali, contracenou com o Bruno Lepre um momento, deu um beijo na boca e tudo mais, fazendo uma sátira, uma representação. E de maneira nenhuma a intenção foi linchamento público de nenhuma pessoa específica, de nenhum coletivo específico, de verdade. A gente não teve essa intenção.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Boa tarde, eu sou a Maria Renata, eu sou aluna do terceiro ano da Faculdade de Medicina, faço parte do Coletivo Feminista Geni e do NEGSS, que é o Núcleo de Estudos em Gênero, Saúde e Sexualidade. Primeiro eu queria dizer que, Silvio, você disse que não chegou ao conhecimento de vocês que o Coletivo Feminista Geni fez uma crítica à apresentação de vocês e eu digo que se não chegou ao seu conhecimento com certeza chegou ao conhecimento de membros do Show e das pessoas que você colocou como líderes do balé, no caso o Pedro e o Bruno. Especificamente o Bruno. Eu conversei várias vezes com o Lepre e o Coletivo Feminista se colocou como bastante ofendido pela apresentação e pela reação da plateia.

E o que eu queria dizer é que, apesar de o tema ter sido escolhido em novembro do ano passado e não existir coletivo feminista naquela época. Na verdade existia coletivo feminista e a gente ainda não tinha nome, o nome surgiu em janeiro. Eu acho que é sempre necessário a gente entender que nada tem um significado que esteja dissociado de um contexto. Apresentar a peça, apresentar a Ópera do Malandro, apesar a cena da Geni sendo apedrejada não tem um significado que se basta por si, ela tem que ser associada com um contexto. E a conjuntura da faculdade na época era uma conjuntura de que o coletivo estava muito exposto, sendo muito criticado, e existe o contexto da própria apresentação do Show Medicina que foi sim um grande ataque aos coletivos. Mais de uma vez eles foram citados, inclusive no quadro do quinto ano tem uma citação que eles falam “os coletivos insistem em nos odiar, mas nós vamos continuar”. Então, mais de uma vez eles foram citados, então ficava muito difícil você não entender essa apresentação do balé como um ataque, não tinha como.

Então, o que eu quero colocar é isso, apesar de isso ter sido pensado antes de o coletivo ter nome, as coisas mudam, a conjuntura muda e isso tem que ser colocado quando você vai fazer uma coisa. Foi de uma falta de sensibilidade absurda, não tinha outra interpretação possível, acho que a reação da plateia naquele momento deixa muito claro. Inclusive, a maioria dos aplausos vinha quando a Geni era apedrejada. E falar que não foi feita a crítica, que o coletivo não se colocou, é mentira, a gente falou. Eu falei várias vezes com o Lepre, falei várias vezes com o Rodrigo Bolini, falei várias vezes com o Felipe Palermo. Eu imagino que isso tenha sido debatido em algum momento, se não chegou ao seu conhecimento, ao conhecimento do Show e como vocês se colocam como um grupo e falam que não existe uma hierarquia tão clara, que você não seria líder e não mandaria neles, eu acho que o conhecimento de membros do Show e de pessoas que compuseram o balé de forma muito ativa. Isso que eu queria dizer, se não ficou claro ainda, nós do coletivo nos sentimos muito ofendidas.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Repetindo, de maneira alguma essa foi alguma intenção no Show, representar coletivo algum nessa peça. Inclusive, quando os membros do Show apresentaram para os membros do balé que não haviam visto a peça... A gente mantém muito isso de manter o quadro fechado a quem está elaborando até o momento de ser apresentado para os outros, para os outros terem uma avaliação sem vício, sem estar acompanhando o processo, só ver o resultado final e poder fazer algumas críticas. Quando foi apresentado para o coral, os membros do coral não enxergaram esse tipo de ataque aos coletivos. Porque os membros do coral viram o balé como um topo, o balé tem mais de 15 minutos, são mais ou menos umas oito ou 10 músicas, que estavam representando a Ópera do Malandro. E não viram que esses poucos segundos que representavam uma música, que fazia parte da Ópera do Malandro, tivesse qualquer relação a qualquer coletivo. De verdade, a gente não viu nada nesse sentido.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Em 2014, você presidiu o Show Medicina, certo?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – E fui diretor geral, a gente não tem um presidente.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Você vem acompanhando isso em 2011, 2012, 2013 e 2014, é isso?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu entrei em 2011 na faculdade.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – De 2011 para 2014 tiveram mudanças nesse Show, ou não?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Ah, certamente.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Por quê?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Acho que naturalmente as coisas mudam. As pessoas que participavam comigo em 2011... Eu era calouro em 2011 e agora já estou no quinto ano, então, daquela época para cá só permaneceram atualmente no Show mais três membros. Houve uma renovação praticamente total dos 50 membros, 100 membros do total que participa, houve uma renovação praticamente total. E as ideias mudam, mas pessoas que participam mudam, o contexto externo muda, as pessoas que entram na faculdade têm novas ideias. Naturalmente, as coisas mudam.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Você conhece o Rodrigo Bolini?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Sim, sim.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – O Rodrigo também foi presidente?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Foi, foi.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Em que ano ele foi?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – 2013.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – O Show de 2013, ao que me consta, foi um Show muito pesado e o Show de 2014 foi um Show mais aliviado. Você teve medo e por isso você recuou um pouco porque já tinha começado a CPI?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Primeiro que não havia começado a CPI porque o Show começa os ensaios em agosto e termina no final de setembro, começo de outubro.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – A CPI começou em 2013, pelo menos a avaliação dos direitos humanos.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu não tinha nem conhecimento em relação a isso. Agora, de maneira nenhuma um Show foi mais leve e outro foi mais pesado. Acontece que como o tempo vai passando, as pessoas mais novas vão tendo novas vontades tanto de representar quanto de viver dentro do Show e as coisas mudam.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Então, você está afirmando que tradição também pode ser mudada?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Com certeza, absoluta.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – E em 2014, a mudança que houve não foi por medo, foi simplesmente uma decorrência?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Existiram mudanças como elas têm ocorridos anualmente, nenhuma mudança específica aconteceu. Até podemos tentar discutir alguma mudança que possa ter acontecido, se ela teve alguma implicação de alguma coisa, mas eu não enxerguei nenhuma mudança drástica de um ano para o outro.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – O uso do anfiteatro para encenar uma peça eu entendo como uso para o qual ele se destinou. Ela fez um breve pronunciamento aqui dizendo que durante a apresentação vocês usaram e deixaram o anfiteatro sujo, que as mulheres chegaram às 5h e às 11h ainda tinha vômito, cadeira quebrada, etc e tal. O que você como presidente fez para ressarcir, para indenizar o erário público dessas violações aos nossos patrimônios?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Em relação ao que ela falou, se eu não me engano, ela está falando de 2013.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não tem problema, em 2013 você também já estava lá.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Especificamente em relação à apresentação, realmente o teatro fica usado, fica bem sujo, as fantasias ficam jogadas, é jogado confete, é jogado muita coisa no palco.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Qual a responsabilidade social que vocês têm?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – A gente limpa o palco.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – A gente não. Segundo a informação dela...

(Inaudível)

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – O que eu posso dizer é que quando eu fui diretor, eu contratei pessoas específicas com o nosso dinheiro, a gente contratou pessoas

para ajudar na limpeza também. A gente limpava, contratava pessoas para limpar e deixava da maneira que a gente recebeu. Eu não tenho conhecimento de que tenha deixado nada sujo não.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Houve lesão do erário público, cadeiras quebradas, vômito no chão.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, desconheço.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Então, você não pagou nada, não foi solicitado pela USP para pagar nada, como é que é?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu sei que em relação à danificação de algum material, se eu não me engano...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Escuta, ou você é um presidente e se engana... Ou você afirma ou não, por favor, seja específico.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Em 2010, eu tenho o relato de que, se eu não me engano, os refletores do teatro queimaram durante algum ensaio, não sei se pelo uso, eu não sei dizer, eu não estava na faculdade ainda, e eu sei que o Show ressarcia totalmente o que foi danificado. Enquanto eu era diretor qualquer tipo de... Eu me responsabilizava, conversava com o diretor da faculdade, qualquer tipo de dano ao patrimônio a gente se responsabilizaria a arcar. E, felizmente, não chegou nada a mim de

que nenhum dano tivesse acontecido enquanto eu fui diretor e por isso que não precisamos pagar especificamente nada de dano.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Então você, enquanto diretor, nunca supervisionou?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Sim, sim.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Nada do que acontecia... O antes estava ok, depois você nunca supervisionou?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Sim, sempre deixávamos os espaços da maneira como recebíamos.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Mas tem aí quebras, violação.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu não tenho o conhecimento de nenhuma quebra de cadeira nem nada.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – E vocês também disseram aqui que os ensaios do Show começam às 20h e vão a 5h, 6h, 8h.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – 8h não porque nossas aulas começam às 8h, né?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Quer dizer, então, que não dura 12 horas de treinamento?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – De maneira alguma.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ele esqueceu os 45 dias que 180 pessoas têm que ficar à disposição deles.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – É isso o que eu queria saber.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – De madrugada, você é a pessoa que mais conseguiu sintetizar isso, eles não conseguem responder isso. Quarenta e cinco dias, 180 pessoas ficam à disposição deles.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Olha, o que nos foi colocado aqui. Os ensaios duram 45 dias.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não. Eu não tenho o número total, é um mês, quatro semanas... Um mês mais duas, me deixa pensar.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – 45 dias.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, não. Deve ser uns 28 a 30, eu preciso fazer as contas.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Ta bom, seja 30, eu gostei do número 30, está ótimo o número, 30 é um bom número, não há o que se discutir. Quanto tempo vocês ficam lá para os ensaios usando material público: energia elétrica, água, luz, espaço, fazendo sujeira, fazendo bagunça, quebrando coisa, proibindo que outras pessoas entrem no setor porque o ensaio é fechado.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não. Os ensaios, inclusive, são realizados no período da noite, um horário que os espaços não têm nenhuma concorrência quase de uso...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não, mas você utiliza coisas que eu, eu, eu...

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Poderia requerer.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Eu cidadã estou trabalhando para pagar, isso é desperdício.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – A gente usa o espaço para as nossas atividades.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não estou falando do dia do Show, estou dizendo o seguinte: que você vão usar os espaços em média 30 dias, oito horas, são 2.400 horas.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não chega a oito horas.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não chega a oito, chega a quanto?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Começa às 20h. O balé especificamente costuma acabar umas 2h da manhã, o coral fica um pouco mais tarde.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Isso, e depois esse pessoal do coral vai direto para a aula?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, não, depende, depende muito. Por exemplo, quando você está no internato, agora no quinto ano a gente tem alguns plantões noturnos e plantões diurnos para dar. Tem dias que a gente está livre, a gente só tem que chegar 11h, isso depende, cada pessoa tem o seu horário, a sua individualidade.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Espera um pouquinho, cada pessoa tem a sua individualidade. Ok, gostei, achei fantástica a afirmação. Agora, o Show contempla as individualidades de cada um?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Certamente.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Certamente, como? Se você disse que começa às 20h, termina às 2h uma parte, termina às 4h a outra parte. Para quem começa aula às 7h, você privou de sono, no mínimo oito horas essa pessoa.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, a gente não chega a privar ninguém de sono. Os ensaios ocorrem no período noturno durante algumas semanas e as pessoas podem dormir...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – É simples assim para você?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu nunca tive dificuldade de frequentar.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Me deixa só fazer uma pergunta.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Você era só o diretor, você nunca participou?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Sim, participei.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – E você dormia?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Dormia, dormia.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – E dava plantão no outro dia?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Dormia onde, no sofá?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Plantão eu começo agora no quinto ano, eu não chego a dar plantão porque eu estou no quinto ano só agora.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Então, a sua responsabilidade só começa agora?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, não, de maneira alguma. Eu posso mostrar para vocês que eu sempre tenho frequência, tenho presença, tenho notas nas matérias sem nenhum questionamento de nenhum professor. Nunca peguei nenhuma recuperação, nunca nada.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – E os seus colegas?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Que eu saiba os meus colegas têm um bom aproveitamento acadêmico, seguindo a média dos outros alunos da faculdade. De nenhum modo os alunos do Show têm um aproveitamento escolar menor ou maior que os outros, acho que eles seguem a mesma linha, pelo menos é o que eu tenho visto.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Alguém está idiotizado nesse sentido, ou os que estão no Show ou os que estão no dia-a-dia.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu sei que os alunos do Show que são meus amigos acompanham a faculdade bem.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Bêbados no outro dia.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, não.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Vocês disponibilizam bebida durante o ensaio e ninguém vai bêbado?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Bêbado para a aula nunca vi ninguém indo.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Ou por que você podai estar também alcoolizado?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – E a disponibilização de bebidas de maneira nenhuma é para ser consumida de maneira excessiva.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – O que é excessivo para você? Para mim, 20 ml é excessivo, eu não tenho alcoolase.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu, pessoalmente, nunca mencionei a quantidade de álcool...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Responda só por você e não pelos outros.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, mas eu digo pelo que eu observo, os alunos indo para as aulas bem, sem problema nenhum.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – O outro que depôs aqui estava totalmente saudável, tranquilo, só foi um acidente, foi a porta que caiu sozinha. No entanto, ele é réu confesso de que bebeu duas gar... duas cervejas.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Duas latas.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Você vê como você prestou atenção? Eu falei duas garrafas propositalmente, você corrigiu automaticamente, duas latas. Gente, cuidado com o que vocês falam.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tacla, me diz uma coisa, você admite que por um determinado número de dias, quatro semanas ou seis semanas, todos os 180 calouros, meninos e meninas, têm que ficar à disposição dos ensaios. Eu não vou ficar perguntando coisas como se fosse uma avó perguntando para um netinho birrento. Eu quero saber o seguinte, onde está escrito, e por isso eu quero ler esse Estatuto, que vocês, por serem veteranos de anos maiores podem, como vocês fizeram em 2012, pôr todos os calouros nus? Onde está escrito que vocês têm um grau de ascendência sobre os calouros, que vocês determinam depois das aulas, no período de tanto a tanto, todos os calouros têm que ficar disponíveis das 20h, das 22h.

Tanto é que aquele menino saiu do ensaio do Show e tropeçou da porta do Serviço de Verificação de Óbito. Não fomos nós que inventamos, nós vamos te mostrar o vídeo. Então, onde está escrito. Porque nós estamos imaginando que vocês criaram um mundo lá que, como vocês falam “não, é da tradição”, então faz parte, o calouro é calouro, o calouro é bixo, bixo é burro. Então, quero saber... Nós vamos contextualizar, se não você fica “não, não sabia”. Não são seis semanas, são quatro semanas. Então, o que nos estamos querendo com esta CPI, um dos objetivos, é acabar com esse regime coercitivo que você do quinto ano, sexto ano, quarto ano, pode falar para uma pessoa que entra na faculdade que ela não vai dormir por seis semanas, vocês não podem fazer isso. Tira a roupa? Para que tira a roupa? O que é isso, Koba?

O SR. RICARDO Koba – Isso é uma foto do Allan Brum, ele não está aqui agora, aquele rapaz que foi do Show Medicina. Quer explicar a história, Allan?

O SR. ALLAN BRUM – Então, eu já fiz o depoimento aqui em outro momento. Quando eu entrei para o coral, no segundo ano de Show...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Em que ano?

O SR. ALLAN BRUM – Em 2013. Todos os calouros, todos os integrantes que iriam para o coral tinham que fazer um dia de apresentação, isso foi colocado em outro depoimento também. Então, no dia de apresentação, você fica de cueca num canto do anfiteatro da faculdade (ininteligível), e daí nesse dia, enquanto as pessoas estão ensaiando, fazendo música, você é a diversão, então, você vai se apresentar. Nesse dia colocam várias garrafas de bebida, são garrafas pet de dois litros com alguma batida feita. Não é uma batida muito saborosa, a intenção é a pessoa vomitar, mas mal e beber enquanto ela conseguir. Isso eu vi com outros também, no meu dia não foi especial...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Só um minuto, enquanto ela conseguia na lucidez dela?

O SR. ALLAN BRUM – Não, passa daí na verdade.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Então, isso que eu estou falando. Porque, assim, enquanto eu conseguir, a minha vontade é plena. Agora, o que foi colocado aqui, enquanto você consegue, eu te seguro, quando você não consegue mais eu deixo você à sua própria sorte.

O SR. ALLAN BRUM – Sim, mas mais ou menos. Eu concordo com você no sentido assim, a minha vontade é plena enquanto eu conseguir, assim como foi de todos que entraram. Você é coagido a fazer isso...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Você é coagido ou induzido?

O SR. ALLAN BRUM – É uma discussão complexa. Eu diria, por exemplo, você é induzido, mas no meu ano junto comigo, que estava entrando para o coral...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Você, fala de você, você foi induzido ou coagido?

O SR. ALLAN BRUM – Eu fui induzido, eu bebi voluntariamente, me colocaram para beber. Mas o ponto que eu coloco para você é: qual a diferença entre o coagido e o induzido? No meu ano, por exemplo, um outro menino que se apresentou estava em tratamento para a leishmaniose, então ele...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Mas eu não acho que aquele quadro com o (ininteligível) alcoólico ali é um quadro expressivo de uma pessoa... Você gostaria de ter... Quando você se enxerga ali, é aquilo que você gostaria?

O SR. ALLAN BRUM – Não, definitivamente não. O ponto é, eu naquele dia bebi, fui induzido a beber, eu já tinha vomitado, me faziam beber mais, depois que perdi totalmente...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Só um minutinho, só um minutinho. Eu bebi porque eu queria, aí eu vomitei...

O SR. ALLAN BRUM – Eu nunca quis nem beber, na verdade.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Mas você concordou com a primeira etapa?

O SR. ALLAN BRUM – Sim, sim, sim.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Depois você começou a vomitar e aí?

O SR. ALLAN BRUM – Bom, eu continuei bebendo.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Por quê?

O SR. ALLAN BRUM – Porque tinha que beber.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Tinha que beber como, se não era mais sua vontade?

O SR. ALLAN BRUM – Não, eu nem lembro mais. Sei que depois que eu já tinha vomitado pessoas colocaram mais bebida na minha boca.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Perfeito. Pessoas, pessoas?

O SR. ALLAN BRUM – Sim.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – No plural?

O SR. ALLAN BRUM – Sim.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Mais que um?

O SR. ALLAN BRUM – Mais que um. Nesse dia eles colocam dois calouros que estão entrando, um vai cuidar de você quando estiver apagado e vai fazer a limpeza.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Aquele que estava ali do lado quem é?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Allan, fala da foto vai, vamos tentar entender do que nós estamos falando aqui.

O SR. ALLAN BRUM – Nesse dia outros calouros já tinham se apresentado, inclusive um que estava em tratamento para a leishmaniose, ele passou pela mesma coisa, não de cair assim. O dele, no caso, ele quebrou quatro dentes, foi aquele que foi amarrado, ele estava em tratamento para a leishmaniose e passou por isso também. Daí no meu dia eu bebi até não ter mais consciência, outras pessoas me auxiliaram a beber, ou seja, eu estava sentado numa cadeira e colocaram bebida na minha boca.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Auxiliaram.

O SR. ALLAN BRUM – Auxiliaram é uma maneira eufêmica de descrever, mas...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Eufemismo.

O SR. ALLAN BRUM – Sim. Daí no meu dia eu passei mal, caí, tinha tirado o meu óculos porque estavam com medo que eu quebrasse os meus óculos, tiraram ele. O que me dizem é que eu levantei e caí de cara e daí fica uma poça de sangue que algum calouro limpou depois, e eles ligaram para algum médico do Show, no caso era um ortopedista, e me levaram para o IOT, que é o Instituto de Ortopedia do HC e tinha um médico lá. Daí nesse dia ele tentou me costurar, pelo que me relatam, eu reagi quando ele tentou me costurar e ele me deu um mata leão, me apagou de novo e me levaram de cadeira de rodas para o IC, que é o Instituto central. Lá eu fui costurado por um colega do quinto ano que é da Atlética, ele só me costurou, ele estava lá no internato.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Ele te costurou, né?

O SR. ALLAN BRUM – É, eu tomei três pontos. Então, ele costurou minha cara...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Mas um quintoanista só dá para costurar mesmo.

O SR. ALLAN BRUM – É, ele estava tendo aulas de...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Práticas cirúrgicas.

O SR. ALLAN BRUM – É, daí ele me costurou e de lá eles me levaram para lá...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Escuta, não foram as meninas da costura que fizeram isso?

O SR. ALLAN BRUM – Não, não foi. E daí eles me levaram para lá porque tinha um médico do Show também, que é um neurocirurgião. Daí ele orientou “poxa, ele caiu, bateu a cabeça, quebrou um dente e tomou três pontos. Vamos fazer uma tomografia”? Ele fizeram uma tomografia e eu tinha um hematoma subaracnóide. Então, eu fiquei em acompanhamento...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Em que ano foi isso?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – 2013.

O SR. ALLAN BRUM – 2013.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Isso foi como decorrência do Show?

O SR. ALLAN BRUM – Foi.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu e a deputada Sarah estamos dizendo o seguinte: é verdade que durante 45 dias, 40 dias, vocês calouros, do seu ano, que era 2013... Em 2013, o depoente Silvio Tacla era secretário do Show. Você entrou com ele na faculdade ou não?

O SR. ALLAN BRUM – Não, acho que ele é um ano mais velho do que eu.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Um ano mais velho, muito bem. Você ficou 45 dias à disposição do Show? Os calouros ficaram à disposição? Foram todos os calouros que ficam à disposição do Show durante 45 dias? Como é que é esse ritmo, que para nós é fundamental? Principalmente, falar na frente do professor Milton, porque nós temos uma dúvida se a Faculdade de Medicina vai tomar alguma providência, se essa prática da tortura de 45 dias privados de sono... Eu, por exemplo, se eu não for dormir 22h eu nunca tenho condição de acordar... Eu acordo cedo trabalho para caramba, mas se eu não for dormir na hora... O que eu quero entender é como é que uma pessoa, um ser humano, se é verdade esse negócio. O cara ter que ficar 45 dias à disposição desses

senhores aqui. Se tem essa **regação** de bebida toda, onde está escrito, eu queria que vocês falassem isso, por favor.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Só uma pergunta. São 45 dias ou 30 dias de ensaio?

O SR. ALLAN BRUM – São dois meses. Na primeira etapa... Eu não sei exatamente mensurar os dias, é algo entre 30 dias e 60 dias. Não sei quanto tempo é, eu sei que tem um mês de ensaio geral, isso é garantido, mas ele começa antes da Intermed, duas semanas antes. Então, nessas duas semanas não é direto, os estudantes têm que ir de terça e de quinta. E depois uma segunda etapa, a Intermed, que é de um mês ou acho que quatro semanas, aí são todos os dias, de segunda à quinta, sábado e domingo.

Em todos esses dias tem até uma piada que se faz. Oito horas, se você atrasa você tem que dar uma boa justificativa e muitas vezes essa justificativa não é válida, e daí tem as penalizações. Por exemplo, houve um ano em que um calouro atrasou, ele atrasou 11 minutos, chegou 20h11, daí foi colocado para cada 11 minutos que um calouro atrasasse, todos os calouros tinham que chegar 11 minutos mais cedo. Jogaram cerveja no calouro, etc, e disseram que todos tinham que chegar mais cedo, se não ia estar na mesma situação. É isso, mudou o horário para todo mundo.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Silvio Tacla com a palavra.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Em relação a isso que está sendo relatado, que todos os calouros, todos os 180 calouros ficam à disposição dos diretores, dos veteranos, isso não ocorre. Participam do Show alguns alunos, na média, em cada turma costumam, não sei quanto entram, varia muito, 10, 20, um número bem aleatório pode ser,

depende da turma. E de maneira nenhuma esses calouros ficam à disposição dos outros membros, eles participam do Show, eles participam de diversas atividades, participam da contrarregra, participam da cenografia, participam da iluminação, participam de quadros de calouros. Eles não participam de alguns quadros específicos, eles não participam do coral e não participam do balé, porque esses quadros eles começam a participar no segundo ano.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Você concorda que o Show precisa de infraestrutura e para a infraestrutura precisa de gente?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Certamente.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – E essa gente, esse material humano são os calouros?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – São todos.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Ah, perfeito.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – São todos os membros do Show, participam para a elaboração da peça.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Então, pronto. Cenografia, contrarregra...

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Iluminação, sonoplastia, cortina, se eu não me engano são sete ou oito subdivisões que...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Sete ou oito, se participam só 10 pessoas como é que dá um Show de só no balé ter 14 dançando?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Porque o balé... É assim, metade dos membros participam do balé e outra metade do coral. Então, deve ficar e torno de meio a meio, uns 20 para cada lado, talvez, é nesse sentido.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Como você é tão ruim de matemática e conseguiu passar no vestibular de medicina? Me desculpa, viu.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu discordo dessa questão da matemática.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Você tem pleno direito de discordar. Eu só estou fazendo uma observação minha porque 30 é diferente de 45, 10, 20. Claro, você nem precisa responder a essa minha colocação, mas é muito complicado. Eu aceito a sua discórdia, mas quero deixar registrado o meu posicionamento.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Tudo bem, agora em relação a ficarem à disposição, a serem obrigados a ir nas atividades, isso de maneira alguma é uma atividade institucional do Show, o Show de maneira nenhuma obriga nenhuma pessoa a fazer nada. Ela participa, tem as atividades para serem realizadas. Em relação a esse evento, inclusive, eu ajudei, eu fiquei cuidando do Allan o tempo inteiro, na época ele meu amigo, eu faria

isso com qualquer pessoa, independente de ser meu amigo, na época o senhor era meu amigo. Eu cuidei de você...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Era, por quê?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Era amigo.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Era significa que hoje não é.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Perdi o contato pessoalmente agora, mas, na época eu era muito amigo dele. Eu vendo um amigo meu que estivesse em alguma situação que precisasse de alguma ajuda eu cuidaria dele.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – O senhor é um médico, o senhor vai ter que cuidar de qualquer pessoa.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Certamente.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Deixa ele responder.

(Inaudível)

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu gostaria de esclarecer esse caso. Eu, pessoalmente, participava do balé. Como eu falei...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – É você naquela foto?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Sim, sim, sou eu. Metade dos membros participam do balé e a outra metade do coral. Eu estava no meu ensaio do balé. Eu desconheço essa atitude que o Allan falou que os alunos seriam coagidos a beber, eu nunca presenciei nada nesse sentido. E eu, enquanto diretor, fiz questão de fiscalizar que nenhum excesso fosse cometido. Nunca fui a favor de ninguém consumir bebida alcoólica em excesso. Mas, vendo que um colega meu estava machucado, estava alcoolizado, eu, como obrigação humana, fiz questão de cuidar dele.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Você disse que ele estava alcoolizado. Isso é um diagnóstico médico.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Sim, estava. Agora, como eu disse, eu não presenciei o momento da queda dele porque eu estava ensaiando no balé, e eu desconheço que ele tenha sido coagido, obrigado a consumir bebida alcoólica, isso não é uma coisa que é comum acontecer nos ensaios do Show. Eu vi que ele estava precisando de ajuda, o levei para o hospital, encontrei um amigo meu...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Você levou da Atlética, do Show Medicina para o Hospital ou do IOT para o HC?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu fiz tudo, primeiro...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Você estava no Show, ele se acidentou, digamos assim, aí você prestou socorros. Qual foi o caminho que você fez? Como pessoa.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu era um mero estudante de terceiro ano, não tinha nenhuma condição médica de avaliar o caso, sabia que ele estava precisando de ajuda, o máximo que eu poderia saber no momento era isso, levei para o Instituto de Ortopedia, onde se cuida de traumas, esse tipo de coisa. Lá no instituto encontrei um colega nosso, já era formado, já era, se eu não me engano, R3 da **Dortop**, ele se voluntariou para, prontamente, reparar o que tinha acontecido, de fazer a sutura do dano aqui no queixo do Allan. Acontece que na hora de fazer a sedação não foi possível porque ele estava alcoolizado e era muito difícil fazer naquele momento. Sinceramente, essa história de mata leão... Eu sei que ele reagiu e de maneira nenhuma a gente ia permitir que ocorresse nenhum tipo de danificação do hospital naquele momento, não houve mata leão nem nada nesse sentido. Ele foi levado para o HC...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – O que foi feito dentro do IOT?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – No IOT foi a tentativa de uma sutura. E tendo sido feita essa tentativa não bem sucedida, a gente foi para o HC porque esse próprio ortopedista disse que o protocolo médico, agora eu já sei porque eu já aprendi, mas na época eu não sabia, o protocolo médico de algum trauma na face seria uma tomografia para verificar se não teve nenhuma lesão. É um protocolo, não é nada sugestivo, mas é um protocolo. Ele me falou “o correto é vocês o encaminharem para o instituto central do HC que lá eles podem fazer uma tomografia”. Eu falei, obviamente, se esse é o protocolo médico, vamos seguir ele. O levei para o outro hospital, a gente seguiu o caminho lá, fez a

transferência, foi para o Instituto Central. Lá conseguimos que um colega nosso, essa parte eu não vi, da sutura, quando eu o vi já estava suturado, um colega nosso que era interno do quinto ano...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Só um minutinho, então. Você disse que o R3 suturou ou tentou suturar?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Tentou, não conseguiu, foi para o Instituto central, lá a sutura foi bem sucedida e o protocolo mandava que fosse feita uma tomografia. O outro amigo nosso que era neurocirurgião confirmou essa necessidade de uma tomografia como protocolo, foi feita, essa tomografia não apresentou hemorragia subaracnóide, pode ser vista lá no prontuário. Eu não vou ficar falando nem quebrar o sigilo do prontuário porque isso é uma questão que eu prefiro não falar. Mas, assim, não foi vista na hora, pelo menos o que foi relatado para mim, e a questão é que o residente era R1 do primeiro ano de residência da neurocirurgia, ele não tinha condições técnicas de ter certeza que não tinha nada. Ele preferiu esperar uma avaliação de 12 horas para que fosse refeita essa tomografia. Essa tomografia foi refeita, foi constatado mesmo que não havia nada, nenhuma lesão cerebral nem nada. E aí eu fiquei com o Allan esse tempo todo, eu fiquei com ele lá, eu cuidei dele, eu queria cuidar dele na época. Primeiro que eu tinha obrigação de cuidar e tinha vontade porque ele era muito amigo meu na época.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Silvio, deixa eu te fazer uma pergunta. Você é aquele de blusa verde?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Sim.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E o Allan é esse aqui?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Sim.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você era o veterano dele?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu era um ano mais velho que ele, né?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Mas você o conhecia?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Sim, sim.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Bom, então vamos lá. Embora você tenha dito, eu não vou ficar entrando nesse detalhe do comentário, se ele tinha tido uma lesão, tal, aconteceu uma coisa muito grave com ele no ensaio do Show, não é verdade?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Sim.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E é evidente que você não é o responsável. Não precisa se defender que eu não estou te acusando de nada. O que nós estamos querendo entender é como a coisa funciona. Muito mais do que criminalizar, punir, nós queremos saber qual é o mecanismo. Qual é o nosso objetivo? Tentar banir o

mecanismo. Muito mais do que as pessoas, nós queremos entender os mecanismo. Lógico, tem pessoas cujas práticas ela vai ter que responder o resto da vida. O que nós estamos querendo entender é o ritual do Show Medicina. Então, você está aqui ao lado do Allan como ser humano preocupadíssimo, solidário com a saúde e com a vida dele. Evidente, eu quando estava na faculdade e via algumas pessoas submetidas a trote e eles entravam em fases críticas, eu tentava me solidarizar e ficava super preocupado, embora eu não tivesse relação nenhuma com o acontecido.

Então, você já estava de veterano, ele foi lá no Show e ele acabou se machucando, se ferindo, e você preocupadíssimo o acompanhou. Então, o que nós queremos saber é se efetivamente, se não são 45 dias, se são 30 dias. Porque você ironiza respondendo “que 180 alunos? Não tem nada de 180”. Nós queremos saber da onde vem essa orientação, essa ordem que todos os calouros ingressantes tem que participar do Show como atores, como iluminadores, como cenógrafos. O coral eu já entendi que não é de acesso e nem outro nicho, o balé, mas o resto é tudo. Como é que vem essa ordem de comando e junta, porque você fala “não, não são 180”. Todos os calouros têm que ir para lá à noite. Se eles vão consentindo, não consentindo, induzidos, mandados...

Agora, por exemplo, vou te mostrar essa contribuição do Show Medicina aqui, para concluir a minha pergunta: “Tomás, 88, tesão de Show e de bebum. Gastem meu dinheiro em bebida e esfiras”. Você sabe que o cara escreveu, você sabe. Então, nós queremos saber, voltando à minha postura agora que eu vi a foto... Alguém machucou esse menino aqui, esse moço, esse homem. Machucou de uma forma que pode não ter sido um lesionamento que deixou sequelas, mas naquele momento vocês estavam em pânico, que o cara que estava no Show Medicina se machucou. Você o acompanhou da melhor forma possível.

Ele era um calouro como outro qualquer. Podia ser mais sensível, mais rebelde, mais rebelado, talvez por ser mais sensível, mais rebelado, tomou umas porradas para ficar quieto, assim como aquele outro que arrancaram os dentes dele, que até virou uma autoridade lá na faculdade. Então, explica para a gente o mecanismo. Passa, arrecada a grana, tem direito a contratas os esfiras. Você sabe o que são os esfiras, se você quiser você não fala. Eu sei o que são os esfiras, todo mundo sabe. Agora, fala do mecanismo.

Porque nós queremos sabemos o seguinte, 2015 não vai ter recrutamento militar de calouro, ninguém vai ficar 45 dias acordado bebendo, é isso que nós queremos saber.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu tenho certeza que em 2015 isso não deve ocorrer porque isso não tem ocorrido ultimamente no Show. E de nenhuma maneira nenhum calouro é coagido a participar do Show, a frequentar o Show. Participa quem quer. Geralmente as pessoas que participam é porque elas gostam, elas estão curtindo o Show e elas estão se sentindo à vontade lá dentro. Tem as atividades mais técnicas como a contrarregra, como a cenografia, mas as pessoas gostam mesmo disso, de participar. De maneira nenhuma existe essa coação que está sendo falada, de verdade. Eu, como calouro, entrava no Show e me sentia bem com os meus amigos, me divertia junto com eles, participava, produzia ideias...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Mas eu não estou perguntando... Desculpe falar desse jeito. Eu não estou perguntando se você gostava, não gostava, se gostou de ser recrutado, se você de torturado virou torturador, eu não quero saber isso. Eu quero saber o procedimento, o mecanismo, o recrutamento. Isso o professor Antônio ensina todo dia, desculpe usar o verbo ensinar. Esse negócio de pôr 180 caras na sala e falar “quem quer ser contrarregra?”, esse alistamento militar, essa adesão compulsória. Como é que é feita, se vai continuar, se não vai continuar.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não existe nenhuma adesão compulsória, os membros vão participando, eles entram como calouros e começam a participar de diversas atividades. Algumas atividades fazem uma provinha de seleção para ver se a pessoa tem uma habilidade um pouco mais específica para alguma área ou para outra, mas as pessoas vão participando meio que livremente. Algumas se identificam mais com alguma área, outras se identificam mais com outra e, no final, eles acabam se direcionando mais para uma área ou para outra, não existe essa questão de recrutamento.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Allan, talvez você saiba perguntar melhor que eu, pergunta você, por favor.

O SR. ALLAN BRUM – Perguntar? O que eu posso é... Me pediram para falar mais desse dia. Espero que fique claro que não teve nada de voluntário nisso aqui. Quando o Silvio fala que ele cuidou de mim isso é verdade. O Silvio tinha outras incumbências nesse dia e ele não era o responsável do coral, como ele disse era do balé. Existem outros diretores que são do coral, o Rodrigo Bolini, por exemplo, é do coral, mas ele não. O Silvio nesse momento não era o diretor geral e ele não era do balé. De fato ele cuidou de mim. Existe a questão, claro, é bom que nenhum aluno do Show sofresse uma sequela, mas eu honestamente acredito quando ele fala que foi como meu amigo. Eu tenho uma estima pelo Silvio e ele foi para cuidar de mim.

O fato é que ele tinha ciência da existência desse ritual do coral, outros diretores também saíam e nesse ano eu não fui o único que perdeu um dente, que tomei três pontos e que tive um traumatismo crânio-encefálico, teve um outro aluno que perdeu quatro dentes durante um tratamento de leishmaniose, a gente tem inúmeros outros relatos. Só que o que chegou a mim foi o seguinte: depois que eu vi toda essa situação dramática, e eu já me colocava contra o Show, fazia as minhas críticas no ano em que o Silvio se tornou diretor, pelo que eu sei, ele proibiu a existência desse dia específico. Foi o que chegou a mim, que ele proibiu esse dia do coral. Claro que há outros dias em que a bebida é obrigatória, por exemplo, no vestibular. Mas isso ele proibiu, esse dia, porque as consequências foram muito graves.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ele proibiu o que? Não entendi.

O SR. ALLAN BRUM – A existência desse dia em específico, que é a apresentação dos alunos do coral, que não é um dia só. É esse negócio, os calouros que

entram para o coral têm que beber de forma compulsória. Isso não é nada voluntário, ninguém acha bacana entra em coma, ninguém acha que é legal. Daí o termo coação. O Silvio coloca essa questão de que não há coação, as pessoas estão lá voluntariamente, mas essa é a dificuldade. Por que as pessoas entram, não são 180 calouros, são cerca de 10 a 15, e eles vão vivendo aquela situação, eles não entendem o que é o Show, eles não sabem qual é o roteiro, eles vão vivendo isso na prática. Então, eu descobri o que era SS depois de ter sido obrigado a ir, por exemplo.

O dia da prostituição, você chega lá e a coisa está acontecendo, então, você não sabe antes, ninguém te avisa qual o roteiro. Falam da primeira apresentação, ninguém viu outras apresentações. Tanto que depois do meu acidente a coisa começou a ficar dramática, mas mesmo assim quatro dias depois um outro calouro passou pela mesma coisa. Você vai descobrindo o que é o Show durante. Eu fui perceber...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Que é isso que o professor fala que é fechado, ninguém sabe, só na hora sabe o conteúdo...

O SR. ALLAN BRUM – Sim, não fazia ideia das coisas que ia passar no Show, não fazia ideia que isso ia acontecer.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Você pode, ainda que seja repetitivo, desculpa, mas para ficar claro para mim, especificamente, o que aconteceu para dar essa lesão em você, o que aconteceu?

O SR. ALLAN BRUM – A lesão em si.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Não, o que aconteceu? Você levou um soco, você caiu, o que foi?

O SR. ALLAN BRUM – Foi assim. Era um dia que era o meu dia, o dia do Allan se apresentar. Outros, o Augusto, por exemplo, já tinha feito isso outro dia. Então, já tinha vomitado, bebido mais depois, aí brincam, falam assim “naja cuspeira”, que a pessoa vomitando bebe mais, ele já tinha passado por isso. Inclusive, eu ajudei a cuidar dele, enfim, eu tenho uma proximidade com o Augusto.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Augusto é aquele presidente do CAOC?

O SR. ALLAN BRUM – Não, Augusto é mais dos meninos, esse aqui que você está falando é o Murilo Germano. Esse foi o meu dia, era o dia que eu tinha que beber, eu não tinha escolha, se eu não fosse nesse dia, eu estava fora do Show.

O SR. – Mentira, cara (Fala fora do microfone).

O SR. ALLAN BRUM – Mentira isso? Então, todas as pessoas que passaram pelo...

(Inaudível)

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Deixa ele concluir, depois você vai poder falar. Tudo bem.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Aqui ninguém vai chamar ninguém de mentiroso, tá?

O SR. ALLAN BRUM – Assim, me pergunto, não é coerção? O Murilo Germano...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Se ele faz isso aqui, imagina lá na madrugada o que é capaz de fazer. Fala aí, Allan.

O SR. ALLAN BRUM – O Murilo Germano presenciou isso que aconteceu comigo. Ele estava no coral, viu meu acidente, me viu batendo a cara, perdendo um dente, um molar que eu não tenho até hoje, tomando três pontos, indo para o hospital, fazendo tomografia e três ou quatro dias depois ele fez a mesma coisa, em tratamento de leishmaniose. Porque ele fez uma viagem e estava fazendo tratamento de leishmaniose e ele não exatamente gostou do que aconteceu comigo. Ninguém quer passar por isso, ninguém acha bacana entrar em coma.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Eu queria entender com você, especificamente, o que foi feito dar a lesão.

O SR. ALLAN BRUM – O que aconteceu foi o seguinte. A gente estava no anfiteatro, por exemplo, uma sala como essa que vocês estão assistindo esse espetáculo, um calouro que vai se apresentar é colocado no canto. Então, por exemplo, ali naquele canto do

fundo. Ele fica sentado numa cadeira de cueca. Daí lá do dele fica um outro calouro cuidando do estado dele, porque é comum as pessoas caírem e se machucarem nesse dia, então fica um calouro do lado dele. Daí são colocadas do lado dele uma série de garrafas de batidas horríveis para a pessoa encher a cara. A intenção é a pessoa vomitar e passar mal, porque isso é uma coisa que todo mundo tem que passar para entrar no coral, um trote.

Daí nesse dia eu vou bebendo voluntariamente, tem que beber, ficam falando “bebe”, daí você vai, bebe, começa a ficar mal, daí não lembro o que aconteceu mais. O relato é que depois, já não me lembro mais o que aconteceu, as pessoas estavam colocando bebida na minha boca. Então, não era eu quem estava pegando a garrafa e colocando na minha boca, era uma outra pessoa. Eu vi pessoas fazerem isso com outras mais de uma vez na apresentação, isso aconteceu. E daí nesse dia tiraram o meu óculos porque estavam preocupados que eu pudesse quebrar o meu óculos e o que relatam é que eu levantei, tropecei e caí de cara. E quando eu caí de cara, eu caí desacordado, formou-se uma poça de sangue no chão, eu estava com a cara rasgada e sem um dente, e aí me levaram para o hospital e o Silvio descreveu bem o que aconteceu. Ele me acompanhou, e tal. O Silvio não estava lá nesse momento, o Silvio não viu o que aconteceu.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Só para eu entender. Então, a sua lesão foi provocada por um tombo que ocorreu porque você estava com um índice de álcool extremamente alto, é isso?

O SR. ALLAN BRUM – Sim. A ideia é que todas as pessoas que estão lá estão à beira de um coma.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Isso que aconteceu com você. Quando você levantou...

O SR. ALLAN BRUM – Sim.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Só isso que eu queria saber, que eu não tinha entendido o que tinha acontecido para ocorrer a lesão contigo. Obrigado.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Essa é a história, a versão que contaram para ele, porque ele não tinha lucidez para saber o que aconteceu com ele. Se ele caiu de frente, de lado, se ele levou um soco, o que aconteceu. O que ele põe é assim: “contaram para mim que eu caí de frente, bati o rosto no chão e fiz a lesão”. Te contaram, correto?

O SR. ALLAN BRUM – Os outros calouros que me viram contaram isso e eu vi outros calouros no mesmo ritual.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Isso, infelizmente, pelo que você está dizendo, me parece que não é nenhuma “nossa, que surpresa”. Não, acontecer isso podia ser muito normal pelo grau de alcoolização que a pessoa é submetida, é isso?

O SR. ALLAN BRUM – Como eu disse, quatro dias depois outro calouro foi submetido a mesma situação, ficou agressivo, foi amarrado numa cadeira como essa, com os braços amarrados, caiu e quebrou quatro dentes. Isso aconteceu com ele. É surpresa? Depois eu estar no hospital, ter tido um traumatismo crânio-encefálico.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Não é uma surpresa.

O SR. ALLAN BRUM – Não é uma surpresa.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Entendi, entendi.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Algumas coisas que o Allan falou, realmente, eu não estava presente, não sei como aconteceu sua lesão e eu te acompanhei em todo momento depois. Agora...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Silvio, desculpa. Nesse momento que acontece o que aconteceu com ele, você estava lá no meio ou não?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, eu nunca estive.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Como você chega para socorrê-lo?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Deixa eu só terminar.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Anota, por favor. Em que momento você chega para socorrê-lo?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu só queria deixar claro que dentro do Show não existe nenhuma obrigação institucional de ninguém consumir bebida alcoólica obrigatoriamente, isso não existe dentro do Show. Conheço vários colegas meus que não

bebem, passaram seis anos sem consumir nenhuma gota de bebida alcoólica por questão individual e essa questão foi sempre muito respeitada, muito.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Mas, pertenciam ao Show?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Pertenciam ao Show, viveram até seis anos de Show e não consumiram bebida alcoólica. Conheço, sei muito bem. Existiam momentos em que era oferecida bebida alcoólica, de confraternização? Existiam. Agora, coação a consumir bebida alcoólica, isso não acontecia. E no ano que eu fui diretor, em 2014, fiz questão de avisar todo mundo. Estão falando que eventualmente alguém obriga alguém a beber no Show, isso não acontece e não deve acontecer nunca. As pessoas sabem que é inviável que isso possa acontecer. Isso já não acontecia antes e eu fiz questão de frisar com todo mundo em 2014, que nenhum tipo de excesso pode acontecer. Institucionalmente, o Show jamais faria nada nesse sentido, jamais. E eu fiz questão de em 2014 frisar para que individualmente nenhuma pessoa fizesse nada nesse sentido.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Agora, como você chegou para...

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Agora, a questão da cena...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Em que momento você entra...

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Chegaram para mim e falaram...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Quem chegaram?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu não sei dizer. Eu imagino que algum membro do coral, eu não sei dizer especificamente.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não, mas das pessoas que estavam lá dentro?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não sei se foi diretamente ou se recebeu informação de alguém e passou para mim, não sei se foi direto de alguém que presenciou, não sei. Chegaram para mim e falaram “o Allan está machucado, vamos ver o que aconteceu”. Aí eu subi...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Subiu? Você estava onde?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu estava no ensaio do balé, que é lá embaixo.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Eu não conheço a planta física, filho, por isso eu estou perguntando.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Desculpa, desculpa, desculpa.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Eu não conheço a planta física, só estou fazendo uma pergunta. Porque de repente você pode estar dentro do hospital e ser chamado.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, não, não. Eu estava no ensaio do balé. E aí lá eu recebi essa informação e fui ver o que estava acontecendo. Eu não vi nenhuma poça de sangue, vi que ele realmente tinha uma lesão aqui no queixo, me falaram que era devido a uma queda, e eu vi que ele estava alcoolizado. Eu, na hora, minha primeira reação foi perguntar para algum amigo meu do sexto ano que já estava para se formar o que ele achava, sei que ele não seria formado, mas perguntar pelo menos uma ideia. Eles falaram que provavelmente seria para suturar mesmo e a gente deveria ir para o hospital.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Que horas da madrugada era isso?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – A hora específica eu não lembro. Umas 3h, 4h, não lembro, não sei dizer.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Três, quatro horas da manhã? E você acha que ele pode ter tomado uma porrada pelas costas e caiu?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu duvido muito, eu duvido muito que alguém agredisse alguém dentro do ensaio do Show.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quando ele fala que tinha esse negócio de ter bebida, essas batidas podres, você não viu as batidas podres?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então, uma hora você falou “mentira”. Então, o que você falou que é mentira?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, essa questão de que alguém era obrigado a consumir bebida alcoólica. Eu conheço vários membros do Show que não consumiram bebida alcoólica durante vários anos de faculdade e isso não existia. Eu conheço um colega nossa que tinha uma doença cardíaca que ele não consumia bebida alcoólica.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Esse cara da leishmaniose ele não falou? Você nunca ouviu falar que na Faculdade de Medicina há uma indução ou uma obrigatoriedade de beber bebida? E você disse que foi de madrugada. Fala pelo menos alguma coisa que tenha coerência, pelo amor de deus, gente. Fala alguma coisa que tenha sequência. O cara foi de madrugada, por favor, fala a verdade. O que você viu lá?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Foi exatamente isso o que eu vi.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Por favor, o cara está caído no chão, está todo ensanguentado, está machucado, você se desespera, leva para socorrer. Aí você fala “não, não foi nada, ninguém bebe”. Não é você quem manda beber, não é você quem obriga a beber, fala o que aconteceu, os fatos.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – O que aconteceu foi exatamente isso. Eu estava no ensaio do balé, eu ouvi esse relato, eu subi para ver o que estava acontecendo. Lá em cima eu vi que ele estava machucado e estava alcoolizado e fiz questão de cuidar dele da melhor maneira...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Estava jogado no chão?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Estava no chão sim.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Como, em que posição?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não me recordo da posição.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Nem a hora da madrugada?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – A hora específica não me recordo também. Faz dois ou três anos, eu não sei.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Isso você nunca mais vai esquecer na sua vida.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Sim, sim, mas a hora específica eu não me recordo. Eu fiz questão de socorrer ele no momento.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Por que ninguém estava socorrendo?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, vários membros, juntaram várias pessoas para ver o que aconteceu. Eu me prontifiquei como outros também.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você não estava nem lá na hora e socorreu. Você vê, o seu gesto foi grandioso. Agora imagina os caras que deixaram ele cair e se arrebentar, né?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu não imagino que eles tenham deixado isso acontecer com ele.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você acha que ele caiu, você que é médico, você acha que ele caiu, a postura que você o encontrou era um tombo natural ou ele pode ter levado uma pancada para ficar naquela posição?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu não tenho conhecimento médico para dizer o que poderia ter acontecido.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Que posição ele estava no chão?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Mas eu imagino que tenha sido um acidente. Ele caiu, estava alcoolizado, caiu e bateu o queixo, não sei onde bateu.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Silvio, isso foi em que ano?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – 2013.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Você não era o diretor, né?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, não era não.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Eu estou tentando imaginar a cena. Aconteceu num lugar e você estava em outro, não é? Fico imaginando que no local que ele estava tinha várias pessoas. Por que o pessoal vai especificamente atrás de você, para você socorrer a pessoa?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, avisaram um grupo de pessoas como um todo, e eu era uma das pessoas que se prontificou a isso. Mas não só eu, o Erikson foi junto comigo, várias outras pessoas, acho que o Ricardo, não sei, eu não lembro exatamente. É que eu fiquei mais tempo com ele.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – É natural que toda a pessoa... Quando a gente vê que alguém está machucado, alguém está ferido e necessita de socorro, acho que o natural é “vamos socorrer a pessoa”, e socorre e tal. Agora, também é natural que, passado o momento da urgência, da emergência, “escuta, me diga uma coisa, o que foi que aconteceu”? Isso é muito natural, qualquer acidente. Domingo agora aconteceu na minha família, primeiro socorre, depois a gente vai ver. Mas espera aí, o que aconteceu? Então, depois que passa aquela urgência e emergência, sobretudo quem estava mais próximo, e você estava mais próximo, é natural que você queira saber “escuta, mas que foi de fato o que aconteceu?”, e aí você constitui uma leitura do fato.

Então, passada a urgência, a emergência, buscando informações e ouvindo o que você ouviu, qual é o relato que você faz para acontecer o que aconteceu?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu acho que o que aconteceu foi um consumo excessivo de bebida alcoólica, não obrigado, nenhum constrangimento, como ele falou, e esse tipo de consumo não deve acontecer, porque isso é propício a acidentes, isso é propício a diversos problemas que podem implicar na saúde da pessoa. Tanto que eu, sempre que vejo um amigo seja no Show seja fora dele, que eu vejo que ela está se excedendo no consumo de álcool, eu sempre faço questão de pedir para ela parar, para ela segurar. Respeito a individualidade dela, não vou agir de maneira coercitiva nesse sentido, de proibir, mas eu sempre tento dar um toque, fala para...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Então, mas, depois de passado tudo, que você foi buscando informações, o que foi que aconteceu para ocorrer o que ocorreu com ele?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Dentro do que eu sei foi isso, ele consumiu uma quantidade de álcool relativamente alta e sofreu um acidente, caiu, bateu o queixo e aí eu fui socorrê-lo.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você não abriu nenhuma investigação? Nenhum processo investigatório? Olha, o Estatuto aqui é rigoroso. Eu estava lendo o Estatuto de vocês. Você não pediu para a direção da faculdade, para ninguém? O cara estava ferido, seu amigo, você estava lá. Ninguém investigou se ele foi agredido, se alguém deu um tapa na cara dele e ele caiu no Show, ninguém? Não te passou pela cabeça isso?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu, sinceramente, quando ele acordou, ele acordou super bem, conversando comigo, ele não estava se queixando de que tivesse sofrido nada. Ele estava consciente de que tinha sido um acidente, uma coisa que deveria ser evitada, que deveria ser feito tudo para que não acontecesse mais, mas de maneira nenhuma isso teria sido feito de maneira coercitiva, algum tipo de agressão, algum tipo de obrigação. Por isso que não houve necessidade de a gente pensar em investigação porque foi compreendido da parte de todos de que não havia necessidade, que a situação foi isso mesmo e que foi feito de tudo para ficar tudo bem. Foi nesse sentido.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Silvio, você informou, pelo seu relato, que o Allan fez duas tomografias, conforme o protocolo, correto?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Sim.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Nas duas tomografias você chegou a acompanhar os resultados?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – A informação que eu recebi... Eu não cheguei a ler o laudo médico, até porque eu prefiro não publicizar isso aqui. Eu só posso afirmar o relato que eu recebi, que foi o do médico que viu, ele falou que na primeira ele ficou na dúvida, não dava para ter certeza, ele era R1, não tinha radiologista que é o que vem com mais calma, tem mais especialidade em relação a isso, não ia conseguir o resultado na hora, falou para aguardar 12 horas e refazer. Depois, na segunda foi refeita.

E aí, eu ouvi outro relato de um colega meu que havia passado, ele era do sexto ano e estava passando no estágio aquele dia, ele afirmou que não havia nenhum tipo de lesão mesmo em nenhuma das duas. Foi o relato que ele me falou, eu não cheguei a ler o laudo não...

O SR. ALLAN BRUM – Eu passei por essa situação, aí eu acordei no hospital e percebi que eu estava sem um dente, estava com dor na boca e estava com um papel costurado na cara e eu acordei com um neurocirurgião me dizendo que eu estava indo para a segunda tomografia para se certificar de que eu não estava tendo uma hemorragia, de que teria absorvido o hematoma da primeira tomografia.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Então, já tinha passado 12 horas da primeira tomografia quando você acordou?

O SR. ALLAN BRUM – Não, acordei no meio do processo, acordei no meio da noite.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Ele colocou que o protocolo... Fez a primeira e depois de 12 horas fez outra para confirmar. Você estava dizendo que acordou e foi informado que faria uma segunda tomo para confirmação. Então, entre o seu relato e o dele, eu estou entendendo que você levou 12 horas para acordar?

O SR. ALLAN BRUM – Eu acordei num momento no meio da noite e estava esse neurocirurgião me dizendo que eu ia fazer a segunda tomografia. Eu peço desculpas, assim... Tudo que aconteceu naquele momento para mim foi muito complexo. Eu estava totalmente alcoolizado e eu acordei no hospital deitado, e o cara que levantou minha cabeça, pôs no travesseiro, eu não sei muito bem o que aconteceu. Pode ser que ele esteja certo e tenha sido a primeira tomografia aquela, por isso que eu prefiro não colocar categoricamente isso. Eu não sei muito bem o que estava acontecendo. Eu demorei para perceber que eu estava sem um dente, por exemplo. Eu percebi que eu tinha dor na boca, nesse momento eu não percebi que eu estava sem dente, eu só percebi que eu estava sem dente na segunda vez que eu acordei.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Allan, me fala uma coisa. Embora você estivesse muito alcoolizado, como era o clima lá na sala onde você estava? Reproduz um pouco o que você lembra, se é que dá para lembrar, os veteranos, como era o clima, desse alcoolismo como é que você vai para o chão, o que você lembra dessa noite? Depois teve um abafa? Deu rolo? Você é um cara que não fica quieto. Deu muita repercussão? A turma se escondeu? Quantos dias faltavam para o Show? Isso repercutiu no Show? Como era o clima? Tenta lembrar um pouco. Que demorou tanto tempo para você falar, agora que você está falando, vamos falar tudo agora, agora vamos destapar.

O SR. ALLAN BRUM – Existe a data do laudo médico, né? Então, dá para a gente ver exatamente quando foi e exatamente quando foi a apresentação. Era algo como se faltassem duas semanas.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E o da leishmaniose, quantos dias de intervalo foi?

O SR. ALLAN BRUM – Foram cerca de quatro dias depois.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Agora que eu estou entendendo o enredo. O da leishmaniose também foi para um quadro de alcoolismo forçado.

O SR. ALLAN BRUM – Sim.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Mas, conta como foi o drama desse ano? Porque os caras deviam estar muito agressivos, com muita alcoolização forçada, ocorreram dois acidentes graves. Como foi a repercussão? Aquele menino que foi para o SVO não é dessa turma, é?

O SR. ALLAN BRUM – O Leonardo que veio aqui era do balé também, ele não era do coral. O grupo do coral, a ideia era a seguinte, a pessoa que vai apresentar é a piada do dia. Então, as pessoas ficam durante os ensaios, ela está ensaiando outra coisa, mas ao mesmo tempo fica mexendo com a pessoa que está bêbada.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – A piada do dia do ensaio.

O SR. ALLAN BRUM – É. Então, quando a pessoa vomita, por exemplo, ela está lá bebendo, uma outra pessoa ajudando ela a beber...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Está de cueca.

O SR. ALLAN BRUM – Está de cueca.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Sentado numa cadeira.

O SR. ALLAN BRUM – Isso, no canto da sala.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E tem vários calouros na mesma situação?

O SR. ALLAN BRUM – Não, é um por dia.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Um por dia.

O SR. ALLAN BRUM – Por isso que só quatro dias depois o Murilo passou pela mesma situação que eu.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ah, um por dia fica de cueca.

O SR. ALLAN BRUM – É, o dia da apresentação do calouro.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O calouro se apresenta perante os veteranos.

O SR. ALLAN BRUM – É, se apresentar é isso, beber até passar mal e ser ajudado a beber, é isso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ah, isso que é apresentação?

O SR. ALLAN BRUM – Isso que é apresentação, daí ficam brincando, falam assim “naja cuspeira”, quando a pessoa vomita e espirra, “naja cuspeira”, fazem piada com a pessoa.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Naja é aquela cobra cuspeira?

O SR. ALLAN BRUM – Isso, que solta veneno. Daí, a pessoa quando bebe começa a falar um monte de groselha. Os caras não estão bêbados, tipo... estão bêbados ao extremo, então a pessoa fala qualquer coisa, ela não tem mais consciência, então, ficam brincando, estimulando essa pessoa a falar.

Eu percebo que tem esse ritual, isso é uma percepção minha, de vocês se expôr. É um dia da exposição total para você entrar no grupo. Então, você vai ficar pelado ali, vai beber absurdos e falar um monte de groselhas porque as pessoas vão ficar te perguntando, vão ficar brincando com você, a ideia é essa.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quantos veteranos tem mais ou menos fazendo isso?

O SR. ALLAN BRUM – Nessa sala 20 a 30 veteranos.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E um calouro?

O SR. ALLAN BRUM – Os outros calouros também estão lá na sala, tiram dois, um para auxiliar o cara a beber e um para limpar, um para cuidar. Então, ele tem que tomar cuidado para o calouro não cair da cadeira. Então, essas funções ficam com os calouros. Daí quando muda o dia dele... Eu, por exemplo, fui o responsável por cuidar do Augusto quando ele passou por isso. Mentira, não foi o Augusto, foi o Caio, sei lá, foi um outro calouro que estava bebendo, um dos que vieram depor também e eu tinha que cuidar do cara, ou seja, evitar que ele caísse.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E quem era o seu cuidador?

O SR. ALLAN BRUM – O meu cuidador era o Carlos Zampronha, que veio aqui também depor. Foi ele a primeira pessoa que me limpou e que me encaminhou. Tanto que ele acompanhou as coisas do hospital.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Entendi. E como é você acha que o Tacla... Apareceu assim e resolveu, porque ele tinha uma posição mais ascendente?

O SR. ALLAN BRUM – Ele era um dos responsáveis, junto com o diretor geral.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Perdão, não posso perguntar. Então, tinha 20 a 30 calouros...

O SR. ALLAN BRUM – Vinte a trinta alunos no total, cerca de cinco calouros, metade do grupo. Porque a outra metade do Show... Porque o Show deve ter uma 60 pessoas, 30 está no coral, 30 no balé, estou estimando. Dos 30 do coral, cerca de cinco são calouros, e do balé também cinco são calouros. E eu não sei direitinho o que acontece no balé. Eu sei que nessa mesma semana um cara do balé torceu um ligamento do joelho. Mas, no caso, o que acontece lá é isso. Então, cinco de 30 são calouros, aí tem a apresentação e eles são responsáveis por cuidar uns dos outros.

Quanto à presença do Silvio nesse dia, o que eu posso dizer é que não o vi lucidamente. O que acontece é o seguinte: a versão do Silvio, que eu não estou chamando de mentiroso, essa é a narrativa que ele está colocando, ele coloca uma versão em que não há bebida forçada. Eu e todos os demais depoentes, qualquer pessoa que seja honesta com esta Assembleia vai dizer que há bebida forçada sim. Eu gosto de tomar cerveja. Eu, por exemplo, bebo, mas eu não bebo para ficar assim, eu não bebo aquelas coisas que foram colocadas. Aquilo foi coerção e foi com todos os calouros, e mais de um tiveram acidente. Não foi ideia do Silvio isso, como várias coisas não são a ideia do diretor daquele momento.

O Silvio nem estava presente. A responsabilidade dele talvez seja um pouco maior que a dos outros por ter um cargo de importância ali. Fato é que ele me socorreu, e a isso eu sou muito grato. Ele me socorreu quando eu estava (ininteligível), me levou para o hospital, mas houve bebida forçada e eu sofri um acidente grave.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Allan, o dia dos esfiras o que é, um motim? É um dia do manjar dos deuses, como é que é esse dia da chegada das prostitutas? É individual? Como é que é esse aliciamento? É um prêmio para os veteranos? Os calouros têm direito a ter acesso às prostitutas? Como é que é esse negócio? Abre esse segredo para nós.

O SR. ALLAN BRUM – Eu estive no Show em 2012 e 2013. esses dias eu vi em 2012. Em 2013, eu e o Augusto optamos por não participar desse dia.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Como chama esse dia?

O SR. ALLAN BRUM – Esse dia chama SS, Social do Show, Black Tie.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Entendi.

O SR. ALLAN BRUM – Em 2012, como eu era calouro, é informado que há um dia que a gente não pode faltar em absoluto. Esse dia você não pode faltar nem atrasar porque esse dia a gente vai ser levado para o Fasano jantar com os sapos, os médicos formados, que financiam o Show. Daí esse dia todo mundo vai lá, eles orientam a gente para ir de terno, então a gente vai de terno. Depois me relataram que alguns calouros sabiam que era alguma coisa. Mas nesse dia eu liguei para a minha mãe e falei assim “eu vou para o Fasano” (ininteligível) “não conta para ninguém, sobretudo para as meninas da costura, porque é mancada, os sapos disseram que não tem grana para pagar o jantar também para elas, então é melhor não falar para nenhuma amiga da costura, não fala”, essa é a orientação dada.

Daí, nesse dia a gente chega lá e é isso, se dividem em carros, esse é o primeiro dia, e todo mundo é levado para um hotel, no meu ano foi um hotel na Raposo Tavares, era um hotel gigantesco...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Na Raposo Tavares? Mas, você não foi?

O SR. ALLAN BRUM – Não, fui.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Foi, como era o nome?

O SR. ALLAN BRUM – Todos os calouros foram?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Como era o nome do motel?

O SR. ALLAN BRUM – Eu não sei. Mas tem piscina, tal, e aí tem prostitutas lá, de sete a 10.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – De sete a 10, para um grupo de quantos calouros?

O SR. ALLAN BRUM – Para o grupo total do Show, então tem uns 60 homens.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vai 60 para o hotel?

O SR. ALLAN BRUM – Não, não vai 60. É porque é assim, os calouros que são os 10 não sabem o que é antes e eles são obrigados a ir no dia.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E tem um jantar, efetivamente?

O SR. ALLAN BRUM – Não, não tem jantar, era uma enganação. Só que nem todos os veteranos vão. Alguns veteranos não gostam ou têm uma namorada na costura, ou têm uma questão pessoal de não aprovar essa noite e não vão. Eu diria que nesse dia vão uns 40, não vão todos.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quarenta calouros ou veteranos?

O SR. ALLAN BRUM – Dez calouros e mais uns 30 veteranos.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vai todo mundo para o hotel?

O SR. ALLAN BRUM – Isso. Essa é uma primeira vez. Aí há um segundo momento, um segundo dia que é o SS interno. Já foi esse dia, depois desse dia falam para

você, repetem a questão do suicídio social, falam para você no dia seguinte, no próximo ensaio, porque isso no meio da semana. No dia seguinte vão, os diretores sentam...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O Suicídio Social é a abreviatura de SS?

O SR. ALLAN BRUM – Os esfiras e os diretores sentam com você. Nesse dia o Silvio não estava, o Silvio não falou isso para mim, foram outros diretores, foram os esfiras também, que disseram assim “tal coisa aconteceu, ninguém pode saber sobre isso”. Eles falam de um relato de 1993, que eles chamam **Pib Bomba**, que vazou essas coisas. E falam que a vida dessas pessoas foi destruída na faculdade e que seria suicídio social você relatar essas coisas.

Isso é um primeiro dia. No segundo dia, no segundo SS, é um dia já na fase final do Show, na última semana, creio. E o Show faz o seguinte, todo mundo dentro do Show sabe de todos os quadros. Porque no final, na última semana... Eles não sabem, eles ensaiam separadamente, mas na última semana os subgrupos, então o coral, o balé, a apresentação do sexto ano, o grupo de calouros que faz um quadrozinho também, eles começam a apresentar para o grupo interno do Show. Então, a primeira apresentação seria a do sexto ano, que vai apresentar para todos os demais alunos o roteiro do que eles fizeram e que vão apresentar no dia. Então, nesse dia falam assim “não podem faltar em absoluto, os sextos anos vão apresentar o quadro do sexto ano”. Daí você chega lá, você está no teatrão da Faculdade de Medicina e daí abrem as cortinas e estão os sextos anos com as prostitutas no palco. É isso. Daí a mesma coisa, rola de sete a 10 prostitutas e é isso. Se eu puder acrescentar uma coisa.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – fala o que você quiser. Você está contando coisa que ninguém nunca ouviu falar na vida.

O SR. ALLAN BRUM – Em favor do Silvio, ele é conhecido por ser um diretor que não gosta do SS. Eu, por exemplo, nunca vi o Silvio transando com nenhuma prostituta. O Silvio, pessoalmente, não sei se ele não aprova ou se ele não gosta dessa prática, coisa que eu vi outros diretores fazendo.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Posso responder?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Espera um minutinho.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – No evento que houve o acidente contigo, você falou que cada noite era um calouro que fica lá de cueca, e tal. É até curiosidade. Vamos supor que não tivesse acontecido o acidente, você estava bebendo, tal. O que você teria que fazer lá?

O SR. ALLAN BRUM – Ah, não, você vai beber até o seu limite e vai ficar dormindo num canto.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – É isso.

O SR. ALLAN BRUM – É que em geral, antes do cara... Entre ele vomitar, desmaiar e estar totalmente sóbrio, ele é um objeto de humor. As pessoas brincam, fazem piadas com ele. Eu acho que eu não fui muito engraçado quando eu caí no chão e comecei a sangrar. Creio que as pessoas não deram risada disso. Acho que a maior parte das pessoas que estavam lá ficaram surpresas e bastante descontentes com isso, tanto que houve o

esforço de tentar me consertar para aquilo não se tornar um problema. As pessoas querem rir do extremo, mas elas não querem que o extremo aconteça. Então, eles não querem que eu fique sequelado.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Daí sai de lá também, né? A hora que você foi para algum lugar para ser socorrido saía dali o fato, né?

O SR. ALLAN BRUM – Sim.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Só para esclarecer que o Show não organiza evento com prostituta, que até existe mesmo esse dia que os calouros vão de terno, uma brincadeira que é feita, mas o ensaio se encerra e, posteriormente, cada um vai para onde quiser. Eu, pessoalmente, não tenho o hábito de frequentar eventos com prostitutas.

O SR. ALLAN BRUM – (Ininteligível) E o dinheiro? Porque ninguém paga as prostitutas. Assim, estão dizendo que não é evento com prostituta, mas o dinheiro vem do Show.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Bom...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Vamos fazer o seguinte, vamos suspender a sessão por um minuto, Sarah, para que o presidente possa retornar?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Atendendo ao pedido, vamos suspender por cinco minutos, assim bebemos uma água e ele também tem a oportunidade de poder fazer alguma coisa **(ininteligível)**. Suspenso por cinco minutos.

(Sessão é suspensa)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Olha o que o Élio Gaspari escreveu na coluna de domingo. Pode parecer que é até contra a gente, mas precisa ler. “Um dia essas denúncias de trotes violentos e estupros em universidades, inclusive na USP, cairão nas mãos de um juiz tipo Sérgio Moro. Quando os jovens delinquentes e seus pais descobrirem que poderão passar o tempo de duração do curso na cadeia, a festa acabará. E acabarão também os ilustres professores, sobretudo da Faculdade de Medicina, que, como o petrocomissariado petista, atribuem tudo a exagero da imprensa”.

Dan, vai por o post? Silvio, nós vamos por uns posts na tela, a pedido dos alunos de uma conversa. Postagem pública, não é nada sigiloso, não é “in box”, é aberta, sobre a questão das prostitutas. Vou mostrar depois perguntar, tá bom?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Se identifica, por favor.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Boa Maria Renata Mencacci Costa.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Ano.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Terceiro ano. Só fazer um esclarecimento que essas conversas não são públicas, elas não foram postadas em nenhum

mural público do Facebook. São conversas por “in box” que eu tive e tenho algumas informações.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Você que disponibilizou o material?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Eu que disponibilizei o material.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Material que ela disponibilizou como documentação para a CPI.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É, isso. Essa conversa, nesse dia específico, eu fiz uns questionamentos sobre a prostituição no Show e, especificamente, sobre o SS. E a resposta que eu tive, que está aí grifada é que o SS, em teoria, devia ser um show de “streap tease”.

(Inaudível)

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Foi no dia 22 de dezembro de 2014, às 4h10 da manhã. O Rodrigo Bolini me respondeu que “na teoria, o SS devia ser um show de “streap tease””. Daí esse “não ofendeu” foi uma coisa que ele tinha dito anteriormente para mim, depois ele começou a narrar, às 4h13, que era assim um show de “streap tease”. E eu perguntei “há quantos anos?”, e ele respondeu que foi até o Sorocaba assumir. O Sorocaba é o Flávio Miorin. Foi até o Sorocaba assumir a diretoria do Show em 2012. Daí eu perguntei “sério, só isso?”, me referindo ao tempo. Porque eu achava que a

prostituição era uma coisa que acontecia sistematicamente no Show há muito mais anos, mas, na verdade, 2014 seria o terceiro ano que isso estaria acontecendo.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Este novo procedimento só tem três anos?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Antes, depois ele me explica melhor, era um show de “strep tease”. Enfim, daí às 4h13 ele falou que estava se abrindo para mim, para eu não usar isso contra ele, por favor, porque ele tinha medo. E eu falei que não ia mais depor na CPI, realmente eu não estava na lista dos convocados. Eu só tinha deposto na primeira audiência pública que teve sobre as violações de direitos humanos na FMUSP, ele pediu para eu não falar disso com mais ninguém. Daí ele começou a contar como começou a história da prostituição no Show.

Então, às 4h15 ele falou: “Ele (o Sorocaba) trouxe essa ideia no ano da diretoria dele, no começo até entusiasmei. Da primeira vez que aconteceu achei um fracasso. Mas pensei que tudo tinha perdido o controle, que tinha sido só daquela vez. Não sei, nunca achei que as mulheres sofressem, mas achava um pouco chocante. Não era nada como no filme”. Essa é uma referência ao filme De Olhos Bem Fechados, do Stanley Kubrick, que foi o que originou essa conversa, porque nesse filme tem um ritual com prostituição e sexo expositivo, foi por isso que eu perguntei.

Ele falou “– Não era nada como no filme, depois teve a segunda vez que eu briguei feio com o Soroca”. “–Brigaram por que?” “–Porque eu achei que tinha sido uma escrotisse, que ninguém tinha gostado, que era meio pesado com as meninas. Pô, que não tinha sido um “strep tease”, então achei que as pessoas iam concordar comigo, mas não concordaram. Depois eu fui diretor, mas quando se discutia o assunto eu era o único com a minha opinião. O Silvio ainda tinha receio de colocar a dele porque era mais tímido, e eu acabava cedendo”. “–E o Fi, o Lepre e o Maranhão?”, que são outros integrantes do Show Medicina. “Eram novos ainda, outras pessoas deviam não gostar, mas não lembro de ninguém colocar como absurdo. Lembro de muita gente indo embora, mas dizendo que tinham coisa melhor para fazer, não que era um absurdo”. Daí eu perguntei “daí você foi

diretor e cedeu e deu continuidade. Como você se sentiu organizando isso? Como se sentia fazendo sexo para os outros assistirem e, de uma forma ou de outra, demarcar seu poder?”. Daí o Rodrigo Bolini respondeu: “Eu sempre fui visto como podão, me viam como alguém que sempre queria acabar com a graça, era meio difícil lidar com isso”. “–Com achar que você queria acabar com a graça ou com usar sexo como poder”? “–Como te falei, nunca tive um “feedback” grande de que isso é um absurdo e uma vez que aconteceu uma vez deixa de causar tanta impressão. Eu estava sob uma pressão muito grande”. Eu falei “Eu sei que existe uma dinâmica dentro do Show e tal, mas ainda assim. Foda-se que você era visto como podão, podasse”. Ele falou: “–Eu tinha medo de perder meu intercâmbio ou mesmo ser jubilado por causa do SVO e do extintor. Não participei de nenhum dos dois, mas mesmo assim tinha medo e eu tinha a tendência a querer podar bastante. Mas, no fim, fiz como o bom soldado, tomei o remédio e fiz o que esperavam de mim. Eu me senti ainda pior naquele negócio da mesa da costura, mas fazia porque era assim que esperavam de mim”. Daí eu perguntei “É ainda pior, a objetificação do corpo masculino é ruim sim, mas nem se compara com a objetificação do corpo feminino. Existe um abismo aí. Era o que um monte de cara escroto esperava de você”. Ele me responde “Não estou falando do contexto teórico, Rê, falo de como eu me sentia”. “–Tudo bem, é que esse assunto é bem difícil para mim”. Acho que depois disso não se menciona mais a prostituição.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Por favor, você pode esclarecer para mim o que é SVO e extintor?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – O caso do SVO é o caso do que foi exposto hoje com o Leonardo Turra, que aconteceu em 2013, no ano que o Rodrigo Bolini era diretor geral do Show. E como ele era diretor geral, era o nome dele que estava no CNPJ do Show, ele que se responsabilizava por isso.

E o caso do extintor é um caso que eu não sei em qual andar da faculdade os integrantes do Show pegaram os extintores daquele andar e esvaziaram dentro de um

anfiteatro e alguns aparelhos foram danificados como projetor, essas coisas. Inclusive eu vi o Silvio se opondo aí mas existem vídeos disso, da segurança da faculdade.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Repete, o extintor... Embolou a voz. Eu acompanhei o caso do extintor, mas explica direitinho que é a primeira vez que ele aparece com toda a clareza e a transparência, por favor.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Eu, evidentemente, não estava presente, isso são coisas que me relataram. Os alunos que fazem parte do Show Medicina pegaram os extintores e esvaziaram dentro de um anfiteatro da faculdade. Todos esses extintores, eu não sei quantos extintores eram, mas esvaziaram extintores dentro de um anfiteatro e ficou toda aquela espuma de extintor e isso levou à danificação de alguns aparelhos são usados na sala de aula.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Tinha gente dentro do anfiteatro ou você não sabe?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Só os alunos, isso aconteceu durante a madrugada.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Tinha gente dentro do anfiteatro quando se soltou os extintores, é isso?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Os alunos, os integrantes do Show Medicina.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Sim, sim, isso que eu queria saber. De todo jeito são gente, são pessoas.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – São, são pessoas.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não foi um extintor só, foi mais de um.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Isso eu não sei dizer.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E tem o filme, esse tem vídeo também?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Parece que existe um vídeo da segurança da faculdade, mas eu nunca tive acesso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Entendi. Você presenciou o negócio do extintor? Então conta que essa história é uma história tão encoberta, tão confusa. Conta a história do extintor que a gente não sabe direito.

O SR. ALLAN BRUM – Eu era cenógrafo do Show, então eu ficava no quinto andar, pintando. Ainda era aberto o quinto andar, agora ele é trancado depois do suicídio de um colega. E no quarto andar, na técnica cirúrgica, que é uma sala que ficava embaixo do lugar onde eu pintava, numa brincadeira entre o balé e o... Existe um estímulo jocoso a uma rivalidade entre o balé e o coral. Então, o pessoal do balé, por brincadeira, pegou o extintor, pelo que eu sei foi um extintor. Um extintor e fezes.

Entraram na sala que o coral estava ensaiando. Existe esse costume de um dos grupinhos invadir o ensaio do outro para fazer a piada e eles entraram esse dia e soltaram o extintor, que era de pós químico, e usaram o extintor e fezes.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Quer dizer que todas as pessoas foram submetidas à sobrecarga de gás carbônico, concorda?

O SR. ALLAN BRUM – Eu não sei como é o pó.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – É gás carbônico.

O SR. ALLAN BRUM – Então, acho que sim. Aí todo mundo saiu do teatro e todos os calouros e membros foram convocados a limpar.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O que é esse negócio de fezes? Foi arremessado?

O SR. ALLAN BRUM – Eles fizeram cocô num saco plástico e jogaram dentro na sala.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Isso foi em que ano mesmo?

O SR. ALLAN BRUM – 2013, que foi o último ano que eu...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu tive uma audiência sobre o extintor.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu desconheço essa conversa que foi mostrada, gostaria de reafirmar que o Show não organiza eventos com prostitutas de maneira alguma. E em relação à questão do extintor eu não presenciei, não sei do que se trata. Já ouvi relatos de que em algum quadro do Show tentaram usar um extintor e acabou sujando o anfiteatro. Colocaram algum pó químico dentro de um saco e esse saco estourou, que faria parte de uma peça. Mas, eu não presenciei, não me recordo do que se trata.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Koba, como chama aquele menino que veio depor sobre o extintor? Vinicius Diniz? Tander?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não sei a relação, mas eu não tenho o relato disso. A questão de fezes eu desconheço totalmente.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Fala um pouco das prostitutas, por favor.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – O Show não realiza eventos com prostitutas.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Oi?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – O Show Medicina não realiza eventos com prostitutas. Eu não participo, não tenho condição de...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Então, o Rodrigo Bolini estava delirando quando ele conversou com a Renata ou não?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu desconheço essa conversa, não sei do que ele estava falando. Eu posso dizer que o Show, instituição, não organiza nada em relação a prostitutas.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Só uma pergunta, você vai ser neonatologista?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu não defini a minha especialidade.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Neonatologia é uma boa para você.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Silvio, vou fazer algumas perguntas que eu tenho marcado aqui. Voltando àquele evento que aconteceu, no qual você prestou socorro, você descreveu que aquilo os abalou de tal forma que havia alguma, entre aspas, “não ocorresse nenhum tipo de abuso”, não ocorresse mais esse tipo de acidente. No entanto, na mesma semana aconteceu com outro calouro que perdeu dentes frontais. Então, na sua opinião, como é que pode um fato que aconteceu com ele ter mexido, ter sido grave e na mesma semana acontecer um fato, não vou nem dizer semelhante, aparentemente até pior.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu desconheço esse segundo fato, não sei do que está sendo falado. O único fato que eu realmente tomei conhecimento e participei foi esse do Allan. E essa questão de pessoas que consomem álcool em excesso e haver uma coibição em relação a isso, isso tem acontecido sempre e de maneira bem efetiva. Eu acredito que isso não deve fazer parte de maneira alguma de uma atividade acadêmica, uma atividade que a gente está produzindo, se divertindo.

Lógico, num momento de confraternização existir o consumo de álcool é válido, mas o consumo excessivo deve ser bem reprimido sim. Não de maneira coercitiva, mas deve ser coibido.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Quanto à questão das prostitutas que foi falado aqui, você falou “o Show Medicina não contrata”. Você ouviu falar, você sabia que tinha, seja no Show, seja fora da faculdade, seja no motel ou isso nunca chegou para você? Nunca?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – O Show organizar, o Show participar não. Membros do Show, eventualmente participarem de eventos nesse sentido já ouvi relatos, mas nada oficial dessa maneira.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Ouviu relatos de que membros do Show se organizavam?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – É, falaram com amigos e foram para algum lugar, isso eu já ouvi relatos, mas nada além disso.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Aqui consta que você foi vice-presidente do CAOC em 2013.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Confirmo.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Que é o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, né?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Sim.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – E aqui, desde as audiências públicas que a gente vem ouvindo várias pessoas tem vários relatos. Meninas que relatam casos de estupro, de abuso, de desrespeito, uma série de coisas. Você, enquanto vice-presidente do CAOC em 2013, o que chegou para você de denúncias ou de reclamações de violações de direitos humanos, homofóbicos, de preconceito, de abusos sexuais? O que chegou para você enquanto vice-presidente do CAOC em 2013?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – O que eu me lembro é que 2013 foi um ano bem atípico no Centro Acadêmico. Foi o ano que ganhou a eleição uma chapa teoricamente, na época, um pouco mais de oposição a... Pelo menos inicialmente mais de oposição à situação que estava presente e com essa chapa eu participava dela, eu era o vice-presidente. A gente entrou com algumas ideias novas, algumas inovações que depois foram vistas... Houve toda uma reviravolta política, houve uma separação dentro da chapa e tudo mais, eu não vou entrar em detalhes especificamente do que aconteceu.

Mas nesse contexto de inovação surgiram algumas pessoas com ideias novas, uma delas foi o próprio Felipe Scalisa, que não era diretor, mas era um membro bem ativo na chapa, o Allan Brum também. E eles vieram com essa ideia de criar o NEGSS, foi na minha gestão isso. Eu frequentei as reuniões deliberativas, eles expuseram a necessidade de ter um núcleo dentro da faculdade que abordasse essas questões, a gente foi a favor, a gente pautou isso. Eu confesso que nunca fui um membro muito ativo nas primeiras reuniões, eu participei das reuniões deliberativas do Centro Acadêmico em que isso foi pautado e a partir disso o coletivo foi se desmembrando, foi crescendo. Isso eu lembro que foi mais ou menos na metade da gestão, não sei a data específica, mais ou menos em junho, julho talvez.

E, posteriormente, no final do ano, em novembro de 2013, teve o caso da cervejada do sexto ano em que uma colega nossa relatou um caso de que teria sofrido abuso sexual. Ela já veio depor, acho que já ficou bem esclarecida a questão, pelo menos o depoimento dela já foi bem esclarecido. E ela levou para o Centro Acadêmico essa pauta, isso gerou a mobilização de criação do coletivo feminista e estava já no final da minha gestão. Eu frequentei as reuniões deliberativas, mas era o mês de novembro e, se eu não me engano, já

tinha até ganhado a próxima chapa. A gente estava passando a gestão e eu me lembro de ter frequentado essas reuniões em que esses assuntos foram debatidos. Foi mobilizada a criação primeiro do NEGSS, depois do coletivo feminista, e em relação a essa pauta de homofobia, machismo e abuso sexual, que eu me lembre na minha gestão foi isso. Eu não me recordo de nenhum outro caso que tenha chegado ao meu conhecimento.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – O Felipe fazia parte da chapa?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, ele era um colaborador. Na formação da chapa existiam 20 ou 25 membros, a Flora era a presidente, eu era o vice da Flora, e aí vários outros membros, o Allan estava na chapa, várias pessoas. Vários do Show, vários não do Show, vários que são dos coletivos, da Atlética eu não me recordo, acho que tinha uma ou outra pessoa que era mais ligada à Atlética. Era uma chapa bem diversa que vinha com uma ideia um pouco mais inovadora de romper um pouco com o que estava sendo pautado na faculdade desde 2007, que eram gestões que eram vistas como mais conservadoras e a gente entrou com essa nova ideia.

Nesse contexto que surgiu e aí começou a ter um contato um pouco maior com a Denem, um contato um pouco maior com o DCE, um pouco maior, bem discreto, não dá para dizer que foi algo demais. Um contato um pouquinho maior e pautas de foram começaram a ser trazidas para dentro da faculdade e, nesse contexto foram criados os coletivos, primeiro o NEGSS depois o coletivo feminista.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – O que é esse coletivo mesmo?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – O NEGSS é o coletivo que veio, a princípio pautar questões de homofobia e machismo, e depois com a criação do coletivo feminista ele começou a se focar mais na questão de homofobia.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Aí que veio o Geni.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – O Geni, que se pautaria mais nas questões de machismo. Mas acho que o NEGSS também deve trabalhar essa...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Mas esses grupos, tanto o NEGSS quanto o Coletivo Geni, surgiram como reação a alguma realidade que estava acontecendo.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Sim, é todo um contexto político, um panorama geral. Uma das coisas que eu tenho certeza que aconteceu foi essa entrada... A eleição da nossa chapa, como ela começou a incluir pessoas que não eram bem aceitas no Centro Acadêmico, por mais que elas fossem até minoria dentro da chapa, começou a dar um pouco mais de voz, mais debates dentro das reuniões ordinárias do Centro Acadêmico. Daí, houve um maior contato com o público externo, com outras entidades, como o DCE, como a Denem, com outros centros acadêmicos, a gente teve uma relação próxima com o CA da Paulista e com o CA da Santa Casa, no final, formada por todos esses grupos, coisa que não existia muito antes, nos anos anteriores. Isso fortaleceu mais essa situação, e aí, obviamente, o aparecimento de algumas denúncias, primeiro algumas questões de homofobia, as denúncias eram um pouco mais tímidas, mas elas ocorriam, mais em reuniões menores, não existia uma publicidade tão grande em relação a isso, mas algumas denúncias mais tímidas aconteciam. E depois, no coletivo feminista começaram a se pautar da questão dos abusos sexuais, dos assédios sexuais que ocorriam na faculdade, e aí se

formaram esses coletivos. Acho que foi mais ou menos nesse contexto que as coisas criaram.

Certamente já existiam abusos, já existia homofobia. Eu digo, pessoalmente, que eu acredito que até pior do que agora, felizmente. As coisas eram piores antes. O que aconteceu foi que toda essa mobilização, todo esse questionamento acabou levando para um panorama que é o que a gente está chegando hoje.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Por favor, nós temos aqui o relato da professora Ana Lúcia Pastore Schritzmeyer, ela respondia pela Superintendência de Segurança da USP até o dia 24 de janeiro e ela fala aqui o seguinte... Ela ficou oito meses em 2014. Então, quando começaram as denúncias de abuso sexual no “campus”, a professora que tem um livro sobre estupro fez um seminário aberto à comunidade em dezembro de 2014 sobre o tema. Ana Lúcia se disse assustada com o fato de que em algumas unidades da USP, como a Faculdade de Medicina, ter segurança própria. Essa terceirização da segurança envolve jogos de interesses e reportou essa preocupação ao reitor, que nada fez. Aí a minha pergunta é a seguinte: não tem “streape tease”, não tem prostituta e para você também, você nunca ouviu nenhum caso de estupro, embora a própria presidente da comunidade, a professora informa que ela recebeu no ano de 2014 casos de estupro.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Em relação a casos de estupro especificamente relacionado ao Show eu não recebi nenhum relato até agora. Relacionados à faculdade sim, a gente tem vários relatos. No Centro Acadêmico, o que surgiu e foi bem pautado foi essa questão de novembro de 2013, da cervejada do sexto ano, o caso da menina que veio depor aqui, que acho que todo mundo já sabe do que se trata.

Certamente a gente tem relatos, a gente conversa muito entre nós e a gente ouve pessoas falando “tal menina me disse que sofreu”, mas eu não sei, não cabe a mim especificar tudo o que eu já ouvi, nomes...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Eu estou perguntando o seguinte: você, enquanto presidente do Show em 2014. Mesmo essa professora vindo aqui dizendo que você têm uma guarda toda especial, que toca a orquestra conforme vocês querem, você enquanto presidente nunca se envolveu com essa segurança, com esses jogos de interesse, com essa preocupação em relação a estupros? Você nunca soube de nada mais focado que chegasse até você?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, o que chegou mesmo em relação a estupro foi a questão do CAOC em 2013.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Em 2014 nada, embora ela diga aqui que teve uma série de relatos?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, não.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Reclamação dela mesma, estou só lendo o que ela mesma colocou aqui.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, não chegou.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Ta.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Então, Silvio, retomando. Aqueles coletivos que foram criados, NEGSS, Geni, você relatou: “olha, foram criados porque, de fato,

chegaram informações de homofobia, de abuso sexual”. Agora, esses fatos que chegaram não tinham relação nenhuma com o Show Medicina?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Essas denúncias de machismo...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Homofobia, machismo...

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Sim, alguns questionamentos gerais sempre aconteceram. Especificamente em relação ao Show, na época, quando eu era diretor do CAOC em 2013 não chegaram denúncias de homofobia, nesse sentido. E relatos presentes de homofobia em diversos ambientes da faculdade, como eu falei, eles já aconteciam antes, mas de maneira mais tímida. Eles têm aumentado a intensidade posteriormente.

Dentro do Show, eu sinceramente não vejo como um ambiente opressivo aos homossexuais. Eu concordo plenamente quando dizem que não é por ter homossexuais que o ambiente não é homofóbico, mas eu conheço ativamente diversos membros que são homossexuais e que dizem que se sentem totalmente livres dentro do Show para se relacionar com quem quiser, para conversar sobre qualquer assunto, seja ele da maneira que quiser. Não sei como era no passado exatamente, eu sei dizer o que eu vivo hoje, eu sei que eu vivo em um ambiente bem livre.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Tem um relato aqui, as alunas Renata Mencacci, Marina (ininteligível), Andressa de Oliveira, Isabella Leme, (ininteligível), Fernandes, Adelaide Miranda tentaram participar do vestibular do Show em 2014 para adentrar na área masculina do Show, isto é, a apresentação no palco. E você teria dito a elas que o Show era uma livre associação civil e que entraria quem o grupo quisesse e era decisão do grupo que as mulheres não participassem. Então, foi lhes proposto que se quisessem participasse da costura. Por que essa postura de não deixar as mulheres?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Então, deixa eu explicar como é que funcionava. Eu já comecei a explicar uma vez. O Show, mais ou menos 1944, quando ele foi criado, existia muito poucas mulheres na faculdade, eram muito mais homens. E, certamente, machismo na sociedade era evidente, assim como ele é hoje em dia, mas na época era outro contexto. O machismo já se refletia na presença de poucas mulheres na Faculdade de Medicina, isso já era um reflexo, no acesso. O que hoje em dia já é menos grave, pelo menos. E aí o Show foi se constituindo como um grupo de homens que apresentavam a peça teatral.

E na década seguinte, em 1950, a Dra. Angelita Gama tinha vontade de participar do Show, mas era muito reconhecido que o Show era um grupo masculino que fazia apresentações, que satirizavam justamente os homens estarem vestidos de mulher, faziam brincadeiras internas que queriam guardar só para eles, coisas bem divertidas, bem simples mas que se mantinham dentro do grupo. E a Angelita queria participar, ela viu que as fantasias que eram apresentadas no Show ela achava que eram muito mal feitas, ela se dispôs a começar a colaborar e fazer as fantasias. Chegando no sexto ano, ela foi considerada um membro do Show, ela recebeu, inclusive, uma flâmula de membro do Show. Flâmula a gente entrega para todo mundo que se forma no Show, uma flâmula escrito “Show Medicina, ano tal, sexto ano”. Ela recebeu uma flâmula no palco, junto com os outros meninos do sexto ano da época.

E ela começou a constituir um outro grupo de mulheres que participava do Show de maneira complementar. Existia o grupo de homens, ela começou a criar o grupo feminino. E essas coisas foram evoluindo ao longo do tempo. E, assim, dentro da faculdade sempre foi bem entendido de que o Show era um grupo de homens... Que envolvia os homens e mulheres, tinha uma ala masculina, tinha um grupo masculino que apresentava e fazia as piadas, essas brincadeiras, e as meninas participavam da instituição fazendo outros artefatos, faziam as fantasias, as flâmulas que saíam no palco, faziam outras coisas.

Em 2014, começou a surgir essa demanda, as meninas falando “ah, não, por que a gente não pode apresentar, por que não?”, e já estava constituído o grupo organizando-se dessa maneira, com a separação entre os sexos, o grupo masculino e o grupo feminino,

dentro da mesma associação. Por isso que quando a gente diz que o Show envolve os homens e as mulheres, envolve porque elas participam da associação e tudo mais. Mas aí surgiu essa demanda rapidamente, falaram “eu gostaria de participar do palco e tudo mais” e a gente não estava preparado para discutir isso no momento. A gente falou “isso é uma discussão...”, gerou uma grande divergência, algumas meninas achavam como deveria ser, outras meninas pensavam diferente, os meninos a mesma coisa. A gente falou “a entrada é em grupos separados...”. As meninas queriam entrar no grupo masculino, a gente falou “a entrada do grupo feminino é outro dia, vocês podem participar e, lógico, as coisas podem mudar”. Uma vez participando, se as meninas dentro do Show quiserem apresentar um quadro, quiserem fazer uma coisa junto, isso tem mudado. Se você ver 20 anos atrás era uma situação, atualmente, no sexto ano a gente faz apresentação conjunta de encerramento, é um vídeo que as meninas fazem junto com os caras.

Esse ano no coral a gente quis fazer uma homenagem para o nosso colega que faleceu e as meninas queriam participar dessa homenagem, justamente, as meninas do Show. E aí a gente fez uma música conjunta, apresentou no coral, as meninas subiram no palco, fizeram junto. Isso é uma mudança que, naturalmente, tende a acontecer sem descaracterizar a maneira como a gente estava se organizando. Se eventualmente começar a surgir essa demanda forte de “eu quero participar, eu quero ter um quadro, vamos fazer uma coisa junto”, naturalmente isso vai acabar acontecendo. Acontece que a gente sempre se organizou dessa maneira e isso tem acontecido sempre assim. Mas, de maneira nenhuma existe uma imposição dos homens sobre as mulheres, sobre o que elas têm que fazer ou elas são obrigadas a fazer alguma coisa e os homens vão fazer outras. Isso é uma coisa que as pessoas têm feito e gostam muito de fazer.

E uma coisa que eu até falo bastante, o Show não é conservador por não mudar, o Show muda. A única coisa é que as pessoas do Show se divertem tanto, gostam tanto do Show que a gente pensa “ah, está tão legal assim, para que ficar mudando”? E, lógico, algumas mudanças têm que acontecer, devem acontecer. Mas, de maneira nenhuma é um grupo conservador como o professor Milton falou. A gente pode ter, durante as décadas em que o Show viveu, pode ter tido um momento em que foi mais politicamente atrelado a algum grupo ou a outro, mas nos últimos anos eu tenho visto uma situação diferente.

Sinceramente, quando eu entrei no Show eu via um Show que agregava pessoas que pensavam de maneira muito, muito divergente e se divertiam juntas. Eu fala “pô, que lugar legal. Lugar que eu estou aqui me divertindo com pessoa que pensa de um jeito, pessoa que pensa do outro, diverge na hora do debate, mas consegue se divertir junto”. Eu falei, “pô, é um ambiente legal”, que eu gostei. E que tende a melhorar, a gente quer melhorar mesmo o Show. A gente não quer de maneira alguma se manter em posição conservadora, atrasada, não, não é isso.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Você foi diretor em 2014, né?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Isso.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Quando você ficou à frente. Outras pessoas em outros anos tomaram a frente. Depois que termina o curso, vocês se formam médicos, estão no mercado de trabalho, existe alguma referência positiva entre os médicos? “Olha, aquele ali era diretor do Show Medicina”. Isso traz para ele algum tipo de, sei lá, um status, alguma porta que se abre, algum relacionamento diferenciado. Isso tem alguma coisa pós faculdade de interferência?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Então...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Deixa eu aproveitar a pergunta. Seus pais são médicos.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Sim, sim.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Formados lá em Pinheiros?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Sim, sim.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Participavam do Show?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Sim, sim.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Qual o nome deles?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Meu pai é Silvio Barbosa, minha mãe é Maricy Tacla. Em relação a essa questão de, uma vez formados, se teria alguma vantagem, sinceramente, o que eu vejo que a gente tem são as vantagens que a gente cria como amigos. Não existe nada específico, pessoas que nem me conhecem, pessoas que 30 anos atrás eram do Show, olharem para mim e falarem “ah, esse cara é do Show, vou dar algum benefício para ele”, isso não acontece. Existem os colegas que viveram o Show comigo, que formaram uma amizade muito forte comigo, uma vez estando no hospital, estando na vida, eles são meus amigos, eles tem tudo para fazer uma atividade para o nosso bem. É a mesma coisa que a gente vê em times da Atlético que são muito amigos, que a gente vê no Centro Acadêmico, pessoas que formam chapa junto e viram amigos depois, ou não, às vezes brigam no meio do caminho, mas... Na minha chapa todo mundo brigou no meio. Mas, no Show todo mundo continua amigo, nos times da Atlético também. Eu vejo nesse sentido de que a amizade que a gente cria gera isso, mas não um benefício individual.

Nenhuma pessoa que não me conheça “você foi diretor do Show em 2014, então eu vou dar algum benefício para você”. Isso, sinceramente, não existe, nunca aconteceu. E que eu saiba não tem nenhum relato de que isso tenha acontecido.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – E para você ser o diretor em 2014, como é que é? O processo é seletivo? O pessoal vota? Como é que é?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – É assim, pelo menos é o que tem sido, como foi comigo: os diretores atuais conversam com os calouros, vêm os calouros que têm interesse em participar da diretoria, e aí conversa com todos os membros do Show, praticamente, conversa com as meninas, com as diretoras do grupo feminino, vê o que elas acham, faz uma consulta geral e, geralmente, surge um nome que é meio que unanimidade “esse cara aqui acho que vai ser bem aceito, vai conseguir ter uma boa relação com todo mundo, é um cara tranquilo”. E aí ele é indicado para ser primeiro tesoureiro, ele vira tesoureiro, cuida da arrecadação do dinheiro, dos gastos. Depois, ele vira secretário, que é um cargo que a gente fala que é o mais tranquilo da diretoria, a gente não faz muita coisa, a gente fica mais marcando os eventos. E depois vira diretor geral, que é o responsável pela organização do Show, dos espaços, das funções burocráticas, da dinâmica do Show. Não é quem roteiriza o Show, porque isso é uma produção mais coletiva, mas é quem fica responsável por essas questões.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Então foi esse o seu caminho, 2014 diretor, 2013 secretário e 2012, tesoureiro?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Isso.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Me diz uma coisa. Você falou que depois de formado, o fato de ter sido diretor do Show, que muda alguma coisa... Mas algum tipo de relação pode acontecer e isso pode abrir algumas portas, mas não por ser diretor. Agora, você deve ter um conhecimento do cancioneiro, as músicas que são cantadas pela Atlética no Show Medicina, os cancioneiros.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Da Atlética ou do Show?

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Cancioneiro é da Atlética, né, presidente?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tem cancioneiro da Atlética e tem cancioneiro do Show. Tem pornografia, homofobia, racismo para todos os gostos. Esses aqui tem um mal gosto pior que o da Atlética. Tem um cancioneiro deles, pode abrir lá, é horrível.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Nesse cancioneiro tem, inclusive, alusão a estudantes de outra faculdade, como se... Todo o respeito que nós temos à USP, mas nós também temos que ter respeito com as outras faculdades. Mas existem inclusive entoações de quem está na USP está bem e o resto é o resto, como se fosse uma categoria.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Em relação às músicas do Show, elas são feitas por um grupo específico de alunos do Show, que é o coral. Eu, por exemplo, sou do balé, eu não participo de nada relacionado às músicas. A gente canta algumas músicas que a gente gosta mais, principalmente as do ano anterior que ficam muito gravadas na mente, a gente canta. O que eu tenho visto no Show do tempo que eu vivi, a maior parte das músicas tem tema de algum tema médico. Elas, por exemplo, pegam uma doença específica, tipo

Lúpus, e aí a gente faz... A gente não, os membros do coral fazem uma paródia em relação ao tema da doença, ao tema da música, falando de critérios para a doença, critérios de diagnóstico, critérios de tratamento. Isso, inclusive, tem me ajudado muito agora no internato porque eu fico lembrando das músicas do Show e já sei tudo o que eu tenho que olhar direito nos pacientes. É uma maneira até de me ajudar a decorar as coisas.

No geral, as músicas que a gente canta são nesse sentido. Eu não sei como é direito a dinâmica do ensaio do coral, mas, eu que saiba, cada dia eles tentam produzir uma música.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Eu estou imaginando que você está fazendo citação de produções que são feiras para os shows.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Isso, isso.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Mas existe o cancioneiro que ele passa anos e mais anos, e são músicas...

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu desconheço que seja cancioneiro do Show. Eu não sei, o que seria isso?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Pode ser hinário, ou é uma palavra muito arcaica?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – A gente não tem nenhuma... Eu não conheço nada em relação a isso.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Quando você entrou na faculdade você não recebeu um kit que tinha...

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Do Show não.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Um conjunto de músicas.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Sim, da Atlética eu recebi.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Você olhou? Você viu as letras? Você teve que cantar algumas também.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu fiz matrícula atrasado porque eu estava com problemas pessoais na época. Eu não cheguei a ver esse papel. Eu lembro que eu recebi um monte de papel, sei que um deles tinha algumas músicas. E músicas da Atlética eu só sabia as que a gente cantava logo no começo, mas eu nem me lembro mais, já fazem cinco anos. Eu não participei mais de competições da Atlética, de treino.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Deputado, o senhor consegue ver aí dessa tela, nesse monitor, as letras das músicas do cancionero? Era bom que o senhor visse com as suas próprias... Por favor, deputado, o Koba vai levantando, o senhor vai acompanhar as letras que ele usa no internato agora.

Talvez essa: “Concedo esse feto que não berra nem com um soco no bumbum. Ao apagar quase nunca erra, é para o balde já caiu mais um. Nota: Essa música tem muitos termos médicos, cabe explica que trata-se de uma gravidez sofrida, de um parto problemático. O bebê nasce morto e vai para o balde

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu não conheço. Essa música não é da minha época.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu não estou perguntando para o senhor, espera aí. Estou falando para o deputado, estou esclarecendo para o deputado. Vamos lá. “Bolero de Ravel. Eu, eu, eu, precisava de uma transfusão. Para a Paulista fui então, e um tigrão me deu sangue de um negão, desconfiei então que esse negão tinha ponto na Avenida São João”. Que mais? California Dreamin, essa aí é The Mamas & The Papas. “Síndrome de Síndrome de Down nunca vai à festa. Baba no bolo, sorvete na testa. Engasga com mingau, sempre lambe sabão. Toma olé de tartaruga, da tartaruga calça o tênis com a mão”. Isso é higienismo puro, né? “Cai do velotrol, senta no pudim, senta no pudim. Manda pra, manda pra Apae, pra bem longe de mim. Mas quando ele, mas quando ele crescer vai morar no porão, e escrever um bipe caoqueiro padrão”. Referindo-se ao CAOC e se referindo às crianças com Síndrome de Down.

Sobre a enfermeira negra. “A enfermeira Dalva me desaponta, mas parece uma tonta vindo no corredor. Cabelo armado”. Hino da bandeira... Continuação da Estrela D’Alva. “Dente mal escovado, o jaleco amassado, o saiote um horror. Linda tem dente morena de cor de melena, fezes com sangue amarronzadas. Tu não tens pena de mim, que sofro tanto com o seu odor. Mas que arrogância, essa Dalva não se cansa, assim não dá para aguentar. E as aluninhas na enfermagem, para consolo da gente, vêm mais arrumadinhas para o doutor ajeitar”.

Essa daí é dos nordestinos, né? “Não vamos pagar nada, a invasão do HC vai rolar. Mudou a prova e a porteira abriu, 90 a 10 agora é só decorar. Moleza assim eu quero ver para quem viu, seu mocó não vale nada, nanana. Sua vaga foi roubada, agora é assim. Só de

fora quem entra aqui. Vão embora dar lugar para o Axé entrar, os retirantes vão dominar, o trio elétrico já já vai baixar. Não tem jaleco, nós usamos abadá. Se nas condutas to mandando bem, mal, para compensar o meu saco de berimbal. Essa casa está mudada, nanana”.

“**Aquinami**, modestas infecciosas. Aqui na MI eu faço uma visita linda. Com tanto HIV e os linfócitos T caindo. Salvei mais de mil vidas, paciente eu nunca evolui Mas como eu sou bom nisso, você não vai morrer aqui. São 10 amigos gays, você chamou para uma festinha. Eu às vezes pensei, você transou sem camisinha. Foi fazer amor com a porta de trás, aqui na MI quem manda é papai. Se é gay ou se é bi, tanto **cripto, tocho, caposi**. Se é gay trato com amor na MP”.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – É isso o que te ajuda a cuidar dos pacientes?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, de maneira alguma.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tem mais aí, tem para todos os gostos.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Bom.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu não gostaria nem de ouvir seus comentários sobre isso. Você falou que nem conhecia.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Exatamente. Essas músicas não são da minha época. Como eu falei, as músicas do Show a gente canta no Show, quem participa, quem faz isso é o coral. E se os senhores quiserem, eu posso tentar pegar com alguém do coral como é que foram as músicas que a gente tem cantado nesse ano, nos últimos anos. E assim, no geral, não existe o que está sendo colocado, piadas com caráter inapropriado não é o que tem acontecido dentro das produções de música do Show, e as músicas antigas não são...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não são cantadas, mas são mantidas no site. Allan, por favor, com a palavra.

O SR. ALLAN BRUM – Só mencionando, de fato tem algumas músicas aí que eu nunca tinha visto, que são dos últimos 10 anos, 15 anos, não sei. Mas, mais de uma música que foi colocada aí eu nunca vi a letra, mas eu sei cantar. “Aqui na MI, eu passo uma visita linda (Assobio na melodia da música “Emoções”, de Roberto Carlos) Com tanto HIV e o linfócitos T caindo”. Então, assim, eu sei cantar todas essas músicas, mesmo sem nunca ter visto elas, porque todo mundo que está no Show canta essas músicas quase que diariamente. A primeira música, do bebê, é uma das músicas mais famosas. Eu sei cantar essa música e nunca vi a letra dela.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Canta no Show?

O SR. ALLAN BRUM – É, durante os ensaios, há um momento em que todo mundo se junta e fica cantando músicas, tomando uma cerveja tranquilo, e essas músicas são recantadas. Por isso elas permanecem por várias gerações no Show, porque elas são cantadas com frequência. Elas passam de geração para geração.

Por exemplo, a primeira vez que eu vi essa letra escrita foi na outra audiência, que a gente citou ela, porque essa música é bem problemática. Ela é uma piada com a MI, que é o setor de moléstia infecciosa do HC, que tem muitos professores homossexuais, por isso que eles falam... Inclusive, que já foram citados no Show, por exemplo, o professor Tapajós, que é um ótimo professor, um cara hiper competente, uma referência, e ele é citado no Show simplesmente por ser homossexual, com seus trejeitos, etc. E a música em si, o conteúdo dela, o discurso dela é totalmente ofensivo. Com a história que a gente tem no Brasil de negligência em políticas de saúde para a população com HIV, que é uma epidemia ainda hoje, por uma homofobia institucional, que impede nossas práticas de políticas de saúde, essa música reproduz isso, e as pessoas cantam diariamente no Show. Se colocar outra música eu sei cantar também e eu nunca vi a letra, a primeira música.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Por favor, vamos lá. Se não parece que nós estamos, como que o Felipe fala? Que está todo mundo louco aqui, não existe, eles não tiram, não renegam essas músicas.

O SR. ALLAN BRUM – A primeira música que você falou, você citou um bebê que morre, certo? Eu não vi a letra aí, mas eu sei que tem uma música muito famosa que a gente canta, que foi a primeira que você apresentou. É que eu não consigo enxergar daqui. Qual foi a primeira música que você apresentou? “Nove meses crescendo a minha pança, vomitando e passando bem mal. O edema indica eclampsia, deu distocia, é pequeno o canal”. Então, eu sei cantar a música, é uma música horrível. É uma música sobre um bebê que não nasceu, que nasceu morto.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Como vocês aprendem isso?

O SR. ALLAN BRUM – As pessoas cantam diariamente, a gente ouve e aprende. Eu estou cantando bem porque a letra está aí, eu saberia cantar algumas partes.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Seria mais ou menos como uma mãe ensinando uma criança a cantar parabéns. Ela não sabe ler, não sabe escrever, mas ela canta parabéns.

O SR. ALLAN BRUM – As pessoas cantam no dia e você é estimulado a aprender. Quem não canta, isso em tom jocoso... Mas, a gente está todo mundo no teatrão e quem não canta, quem está sempre silencioso, daí o pessoal joga uma cerveja. Há eventos específicos em que você tem que decorar a letra. Então, por exemplo, o dia do “Tiger”, que eles chamam. É um personagem fictício, eles vão na frente, é um espaço aberto, eles saem do teatrão, é um sábado, vai todo mundo para fora e daí você tem que cantar a música certo. Te mandam ensaiar a música e na medida que você erra a música, jogam cerveja em você.

Então, você tem que saber a música. Então, vai todo mundo cantando. Os que acertam...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Jogam a cerveja ou a lata de cerveja?

O SR. ALLAN BRUM – Não, a cerveja. Vão te banhando, todo mundo sai ensopado, porque todo mundo aprende a música.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Allan, já que você está com a palavra, para não parecer esse negócio do festival... Vamos nós dois do outro lado, identifica as piores letras para a gente pôr no relatório.

O SR. ALLAN BRUM – Essa eu conheço, que é o Hino da Bandeira. Então, eu sempre fui muito ruim para decorar letras, eu tenho uma memória ruim, mas vamos tentar.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Mas você também tomou bastante banho de cerveja porque tinha memória ruim?

O SR. ALLAN BRUM – Sim. “À noite eu caminhava sozinho, chegando do plantão, de repente eu vi uma velhinha se debatendo e estrebuchando pelo chão. Hemiparesia bilateral, epilepsia multifocal. Cadê o assistente? Ele desapareceu. Se depender de mim essa velhinha já morreu. Imediatamente comecei a galinhar. Aquela velhinha precisava **encacar**. Mas, essa velhinha tão grotesca, não sei se mato ou se deixo ela cravar. Morre, velhinha, é seu fim. Apaga, velhinha, vou dormir”.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Ele deixa a velhinha morrendo enquanto vai dormir, é isso?

O SR. ALLAN BRUM – É, parece um caso de negligência isso aí, né? Essas daí são as músicas da Atlética. Também sei cantar, porque elas são cantadas para todo mundo que entra.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – (inaudível)

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu só queria esclarecer que eu, pessoalmente... Essas músicas não são da minha época, eu não tenho nem conhecimento se

elas são realmente do Show. Se os senhores quiserem, a gente pode trazer as músicas atuais do Show, que são cantadas e que são produzidas, e aí eu posso dizer as músicas que eu realmente gosto, que eu decorei, que, como eu disse, até uso os elementos que estão na música.

Mas de maneira nenhuma músicas que têm caráter ofensivo, caráter preconceituoso devem ser produzidas ou cantadas, concordo plenamente com todos os senhores. Eu até me sinto bem de saber que se essas músicas forem do Show elas não são mais cantadas, os membros do Show não mantêm. Se realmente isso aconteceu no passado não ocorre mais atualmente. E as músicas produzidas atualmente... Como eu falei, eu não as produzo porque eu não sou do coral, eu sou do balé, mas o que eu tenho ouvido, pelo menos as que eu gravo, as que ficam, não tem caráter ofensivo, caráter de preconceito.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Mas por que? Vocês mudaram de técnica? Agora vocês adotam as músicas das letras oficiais com um sentido diferente, como o “Joga bosta na Geni” é isso?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Mudou o sentido para não ter tanta repercussão?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, de maneira alguma. Essa questão de músicas originais, elas podem ser usadas em quadros como o balé, que a gente faz as danças. Mas no coral, em que são feitas as paródias, se realmente ocorreu uma mudança, que aparentemente ocorreu uma mudança no padrão, nos temas, é uma mudança que não foi por medo de nada. Eu digo isso desde quando eu entrei na faculdade, que os temas que eu tenho ouvido, as músicas que eu tenho ouvido não são essas.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Silvio, por favor. Como que então duas pessoas... Você é da turma de 2000 e?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – 2011.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Você entrou em 2011, é isso? Aí um entrou em 2012 e outro em 2013. E você é presidente da Atlética em 2014. A de 2012 sabe cantar, mesmo sendo mulher? Ou o inverso? 2012 é você. Desculpa... A de 2013, que está fresquinho, sabe cantar mesmo, ainda que seja mulher. Então, quer dizer, não é uma coisa que fica confinada junto aos homens, embora o Show seja mais masculino. Ou melhor, seka mais XY, pode ser assim. E um de 2000 e?

O SR. ALLAN BRUM – Eu entrei em 2012.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – De 2012 sabe a música, 2013 sabe a música, em 2015 estão repetindo a música. Só você que não sabia?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – De verdade, essas músicas a gente não canta, não sei. Eu participava do ensaio do balé, não sei se... O Show tem vários espaços, não sei como é que era direito nos outros espaços. Mas, no espaço que eu frequentava as músicas que a gente cantava, essas não foram as músicas. Em 2011, eu aposto... Desculpa, eu não tenho certeza absoluta, mas que eu me recordo de 2011 para cá nenhuma dessas músicas faz parte, as músicas são anteriores.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Pela ordem, senhor presidente. Considerando que continuamos conversando a respeito de duas universidades, uma que está aqui e uma que está aqui, e que doravante os serviços não devem render mais muita coisa, eu solicitaria a Vossa Senhoria a suspensão dessa sessão.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Suspensão ou encerramento? Uma última questão, Silvio. Você entrou em 2011, né?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Isso.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Temos relatos que na entrada dos alunos em 2012 todos tiveram que ficar nus no palco. Por que os alunos terem que ficar nus no palco?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu nunca fui obrigado a ficar nu e nunca presenciei ninguém ser obrigado a ficar nu.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Em 2011, você não foi submetido a isso?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, não fui.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – E aí, em 2012 você já não era calouro, já estava entrando para ser veterano. Então, os que entraram em 2012... Mas você foi no Show em 2012?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Sim, sim.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – E você não viu cena de nudez?

O SR. – Deputado, se ele está compromissado a falar a verdade não seria uma acareação?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Se ela está compromissada a falar a verdade, não tem problema, ela faz o juramento. Não, ela é uma pergunta.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Deixa concluir aqui, aí já passa, pode ser?

(Manifestação da plateia)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Se for acareação tem que te convocar oficialmente.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Bom, é que nós temos o relato de que em 2012 os calouros ficaram nus no palco, e você estava no Show Medicina em 2012. Esse é o questionamento. Você falou que em 2011, quando você entrou, você não foi submetido a isso. Em 2012, nós temos relatos aqui que isso aconteceu. E aí você já não é mais calouro e você estava no Show Medicina, por que isso aconteceu?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Bom, eu nunca presenciei ninguém ser obrigado, coagido a ficar nu em nenhum ensaio, nenhum espaço do Show.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Não houve isso no palco?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, obrigado a ficar nu, de maneira alguma.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Independente de ser obrigado ou não obrigado, mas que eles ficaram nus no palco...

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Existem momentos em que as pessoas estão trocando de roupa.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Não, mas não é isso, é no palco, no palco.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Ficarem nus no palco não, nunca presenciei.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Não?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então, eu quero dizer o seguinte, você se compromete a trazer o CD, o que você tiver de texto você se compromete a trazer, as contas, porque o senhor não era qualquer pessoa. Me dá o currículo dele aí para ler o resumo. “Foi tesoureiro do Show em 2012, secretário em 2013, diretor geral em 2014 e vice-presidente do CAOC em 2013”. Então, solicitando que o senhor entregue o último da Geni, as contas dos últimos cinco anos. O senhor tem esses hinos impressos ou não?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Não, isso aí a gente não tem.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não tem impresso, só tem essa memória digitalizada. O senhor pode me mandar todas as memórias?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu não tenho acesso a nada digitalizado de músicas. Tenho os vídeos do Show só.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu queria que o senhor levantasse também a ocorrência do ferimento desse menino aí, que o senhor foi lá para o... Quais os registros que o senhor tem, se o Show tem algum registro, se a faculdade tem algum registro do ferimento do Allan e daquele outro que estava tomando medicação.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu não posso me comprometer a trazer prontuários, nada relacionado a exames médicos porque acho que tem a questão do sigilo médico envolvida. Acho que isso deve ser pedido para outro, para quem tem direito a quebrar essa questão...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O vídeo daquele menino que foi uma sindicância, ele estava no Show e trombou com a porta do SVO, o senhor se compromete a trazer para a gente?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu não tenho acesso a essa...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tem um outro vídeo que a gente ficou no ar, qual que era? O extintor, o vídeo do extintor.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu não tenho acesso a esse vídeo, eu não tenho vídeo nenhum com...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Mas foi durante o Show Medicina que ele saiu com o extintor.

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu desconheço isso, eu não tenho nenhum vídeo relacionado a...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Desconhece? Nunca ouviu falar do extintor?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – O que eu ouvi foi só essa questão de que encheram...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O senhor estava no coral ou no balé aquele dia?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Eu sempre fui do balé.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E o menino era do coral ou do balé?

O SR. SILVIO TACLA BARBOSA – Aí eu já não sei do que está sendo falado.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ah, não sabe. Tá bom, já entendi. Que mais está faltando? Acho que é só isso. Então, nós só vamos chamar vocês de novo porque pode parecer acareação na questão do nudismo. Bom, então, quem está faltando é o Flávio Augusto Miorin e o Rodrigo Bolini. Deputado Marco Aurélio, mais alguma coisa?

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Só uma dúvida. Se houver, se os membros desta CPI entenderem que seria produtivo uma acareação, é possível ou não?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – É só um depoimento a mais, é só oficializar, convocar mediante juramento, não precisa ser acareação tête-à-tête, é acareação de depoimentos.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Ah, sim, obrigado.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Pode fazer face a face também.

(Inaudível)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Pode dirimir. É a questão do nudismo no Show, que a menina ia falar, mas o advogado houve por bem caracterizar isso como acareação e nós acatamos. Deputada, gostaria de falar alguma coisa?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não, obrigada.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ta bom, então, agradeço a todos, a todas que contribuíram com esta audiência, os advogados, os procuradores, os jornalistas, e a sessão está encerrada, muito obrigado.

* * *